Ano XLIV — N.º 5
30 de Janeiro de 1943

Revista da Semana

1.50
em todo o Brasil

O "Mosquito" inglês em ação

Snr. Vitor Fernandes Alonso, Dr. Gumercindo N. Fernandes e Dr. Ademar Leite Ribeiro, cercados pelas enfermeiras.

A enfermeira Talita Abreu entrega ao Snr. Vitor Fernandes, em nome de todas as colegas, uma cesta de flores.

Dr. Vivaldo Lima quando pronunciava um discurso em nome dos medicos do serviço da "Companhia Novo Mundo".

AMPLIADOS OS AMBULATORIOS DA «NOVO MUNDO»

Atendendo ao movimento sempre crescente de seus serviços, a Companhia "Novo Mundo" acaba de ampliar os ambulatorios onde são atendidos os acidentados, inaugurando mais três amplas salas anexas aos serviços instalados á rua do Lavradio, 208.

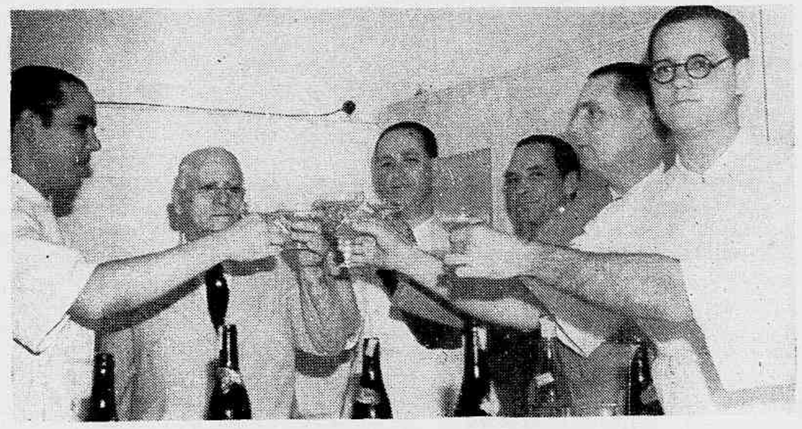
A inauguração realisou-se com a presença dos diretores da Companhia, srs. Vitor Fernandes Alonso, Gumercindo N. Fernandes e Ademar Leite Ribeiro, o Inspetor dos Serviços Médicos, Dr. Floriano de Matos Fernandes, o Chefe do Serviço de Cirurgia, Dr. Vivaldo Lima, Drs. Israel Domingues de Oliveira, Aziul Banho e João Lopes da Costa, médicos, e D. Elvira Marques e João Batista, enfermeiros da Companhia, além de grande numero de samaritanas socorristas. Dentre as pessoas gradas especialmente convidadas para a solenidade destacavam-se o Sr. Domingos Fernandes Alonso, presidente da filial de São Paulo e Snr. Elvino Bastos, gerente da Companhia de Seguros "Novo Mundo".

Depois de percorridas as novas instalações pelos numerosos convidados, teve lugar a inauguração dos retratos de S. Excia. o Snr. Presidente da Republica e o do presidente da Companhia, Snr. Vitor Fernandes Alonso, dis cursando nessa ocasião o Chefe dos Ambulatorios, Dr. Israel de Oliveira, agradecendo em nome da Diretoria o Snr. Gumercindo Fernandes.

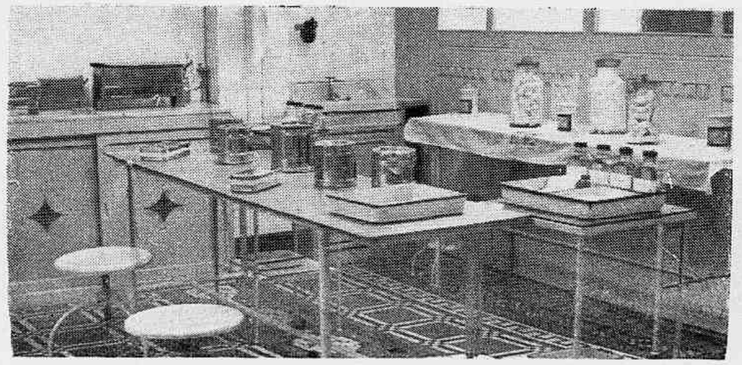
Dezenas de enfermeiras voluntarias socorristas da Cruz Vermelha Brasileira, atualmente praticando nos ambulatorios dessa Companhia provenientes dos postos de enfermagem de Copacabana, Ipanema, Associação Brasileira de Educação, Associação Cristã Feminina e Faculdade de Filosofia, tiveram então oportunidade de manifestar ao Snr. Vitor Fernandes Alonso agradecimentos pelas facilidades ali encontradas para o seu adestramento, afim de que um dia, si preciso for, sirvam melhor á patria na nobre missão de enfermeiras.

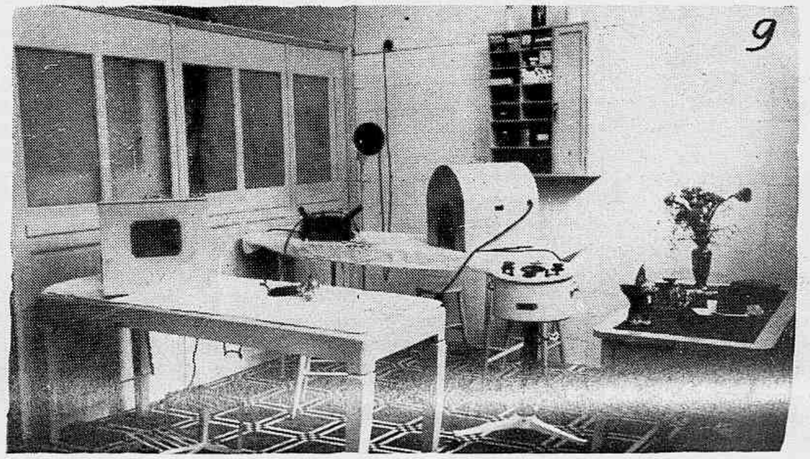
As solenidades foram brilhantemente encerradas com um discurso do dr. Ademar Leite Ribeiro.

O Dr. Antonio Olegario da Costa agradecendo em nome da Companhia.



Brinde de Honra: Dr. Israel Domingues de Oliveira, Snr. Vitor Fernandes, Dr. Floriano de Matos Fernandes, Snr. Elvino Bastos, Dr. Antonio Olegario da Costa e Dr. João Lopes d Costa.





O FIM DA GUERRA

João Luso.

A guerra terminará a 13 de Outubro do corrente ano. Assim acaba de assegurar ao mundo o sacerdote maltês Odoruku Grima.

Não disse a hora exata. Ou talvez dissesse e o correspondente da Reuter em La Valette considerasse que tal pormenor não valia o seu preço pelo telegrafo. Mais tarde, porém, o averiguaremos — e de graça. Precisamos realmente dele. Devemos preparar-nos, com rigor cronométrico, para tal acontecimento. Talvez se não dê outro, da mesma natureza, no resto da nossa existência.

O fim duma guerra... Desencadear-se-á ainda outra guerra? Continuará a haver no mundo chefes de Estado ou chefes de Governo que pensem em declarar a guerra — impunemente? Não, esta deve ser bem a última. Tudo leva a crer que tal fenômeno de estupidez e de calamidade se não produza nunca mais. A 13 de Outubro, no dia seguinte ao aniversário do descobrimento da América, o último dos últimos conflitos internacionais armados, *le der des ders*, como alegremente diziam os Franceses — quando tinham alegria — acabará. E é forçoso que nos achemos, no momento preciso, bem atentos, bem senhores da nossa razão e da nossa sensibilidade, para presenciar o derradeiro dos derradeiros restabelecimentos da paz entre os homens. Se ele houver de se efetuar durante a noite, velaremos; caso se anuncie para a madrugada, ajustaremos para uma hora antes o ponteiro do nosso despertador; se vier pelo dia fóra, nada faremos antes, abandonaremos o trabalho e todos os cuidados, esquecer-nos-emos de nós mesmos, para que nada nos perturbe a sagrada emoção de tal expectativa!

Talvez já a próxima correspondencia por avião nos traga o detalhe preciosissimo. Quanto a duvidarmos da palavra do reverendo Odoruku Grima — apezar do seu nome, para nós, tão esdrúxulo — oh, nem por sombras! O sacerdote hoje famoso, e até abençoado, não procede por suposições nem cálculos suscetiveis de falhar. Não obedece a um daqueles palpites que levam tantos indivíduos, não só a perder ao jogo, mas a comprometer a felícidade da vida inteira e a própria vida. O reverendo Grima sabe o que diz ou, antes, o que repete. A informação por ele transmitida ao resto da humanidade, veio-lhe de fonte segura e alta. Nem poderia haver origem mais límpida e elevada. Recebeu-a directamente dos astros.

Com efeito, o reverendo Grima — decididamente, não mais lhe traçaremos o nome inteiro — é astrólogo. Ditoso sacerdote! Escrevendo sobre um livro de Joséphin Péladan, que então se arrogava a condição de mago e sem hesitação se assinava Sar Péladan, porque à palavra persa *sar* corresponde mais ou menos aquele termo de maravilha, considerou, talvez com um pouco de inveja, o quasi divino Anatole France: *Ce doit être bien amusant d'être mage!* Que ao mais humilde dos humanos seja permitido parafrasear o conceito do super-escritor da *Vie littéraire*. Que sorte ser astrólogo! Interrogar as estrelas, como se dirige a mais simples pergunta ao vizinho, que umas vezes nos não sabe responder, outras responde errado, e ter certeza de que elas hão de responder e nos não hão de enganar... Daqui mesmo, da nossa sala de trabalho e graças a certas fórmulas que se aprendem de cór, entrar em confabulação com esses mundos luminosos que conteem a verdade pura e são bastante complacentes, bastante camaradas para no-la revelar... Tanto mais que semelhantes práticas não oferecem, hoje em dia, pelos modos, nem complicação maior nem perigo de espécie alguma!

Na antiguidade, os astrólogos precisavam de andar com muita discreção, muita prudência, porque lidavam com divindades. Os caldeus, iniciadores de tal arte, consultavam os astros pela mesma razão por que os adoravam. Tinham-nos por senhores de todas as criaturas e reguladores de todos os destinos. Receavam, caso não interpretassem com acerto os seus ditames, que de repente aquele reflexo suavissimo se convertesse em raio fulminador. E até cá em baixo, na Terra, andavam ameaçados. Se ao prenúncio atribuido às Alturas viesse a corresponder a evidencia dos acontecimentos, muito bem: eram honrarias e recompensas das mais esplendorosas; caso contrário, aí deles, os astrólogos!

Foi no século XVI, elucidam as enciclopédias, que as virtudes e a sapiência astrológicas se ergueram ao apogeu. O prestígio de que se revestiram lhes valeu, além da veneração supersticiosa dos povos, a categoria oficial e outros elementos anexos a toda a soberania. Os reinantes não dispensavam aquele personagem de Estado e de Côrte. Como tinham o seu tesoureiro, o seu físico, a sua favorita, o seu verdugo, faziam questão do seu astrólogo. E o mistér conservava as suas exigências e os seus riscos. Ah, não era uma sinecura! Os astrólogos esforçavam-se a valer; consumiam-se no prolongamento e na ansiedade dás vigílias; e, como os primitivos, estavam impedidos de se equivocar. Se dos enganos tradicionalmente vivem os escrivães, os astrólogos, naquele tempo, morriam.

Hoje, porém, além da glória de que se cercam, gosam eles de garantias perfeitas. Perante os poderes públicos e a justiça oficial, são irresponsaveis. Nada teem que temer, e para o exercício das suas funções dispõem de todas as comodidades. O sr. Demétrio de Toledo, que é atualmente o nosso astrólogo n. 1, o campeão dos Nostradamus nacionais, aparece-nos, nas suas entrevistas aos vespertinos como se apresenta a Saturno, Marte, à própria Venus que, emfim, é uma senhora, sereno, seguro do seu dom como do seu saber, e de pijama. Se os olhos conservam qualquer vestígio das grandiosidades e resplandecências que acabam de contemplar e, a tão dilatada distância, penetrar, o resto da fisionomia acusa indubitavel contentamento. O entrevistado sorri. Levemente, mas sorri. Assim, a astrologia representa para ele, ao mesmo tempo, uma paixão do espírito e um prazer caseiro. Como outros entreteem os serões ouvindo o Rádio, escuta sr. Demétrio aquilo que, lá de cima, lhe segredam Júpiter, Mercúrio, Netuno, os outros planetas e demais corpos celestes que lhe são familiares. Com uma diferença, e consideravel! E' que, se das distrações domesticas dos outros cariocas nada nos consta nem nos interessa, em todos os princípios de Janeiro, até aos Reis, o sr. Toledo nos previne do que acontecerá no resto do ano. Tem que acontecer fatalmente! E se não acontecer para ele é a mesma coisa.

Manda, porém, a verdade dizer que as suas profecias, ou aquelas de que o Firmamento o faz mensageiro, são, em geral, autênticas. Apenas, desta vez, as do seu confrade de Malta foram mais explícitas. O sr. Toledo designou apenas, para o termo da guerra, o ano corrente; o reverendo Grima designou o dia exato. E talvez a hora e o minuto, quem sabe? Esperemos a correspondência por avião.

Revista da Semana

ANO XLIV -- N.º 5

30 de Janeiro de 1943

ASMÁTICO!

Se já tentou tudo, eis a sua salvação!

★ Para melhorar prontamente as terriveis manisfestações da asma, como dispnéas, influenzas, defluxos, bronquites, catarros agudos e crônicos, coqueluxe, cansaço, chiado de peito, tosse rebelde sufocações, há um medicamento infalivel: o Remédio REYNGATE, a salvação dos asmáticos — composição unicamente vegetal — que dá um alívio imediato. Alem disso faz desaparecer gradualmente todos os sintomas até conseguir curas brilhantes em 2 ou 3 meses, mesmo em casos velhos e desenganados. Muitos médicos atestam o grande valor dêste remédio, receitando-o. Experimente e ficará incorporado aos milhares em todo o mundo que elogiam

o Remédio

REYNGATE

a salvação dos asmáticos

Em todas as bôas farmácias e drogarias

Distribuidores: ARAUJO FREITAS & CIA.

Numeros atrasados desta Revista em Pernambuco

Pedir a A. MADALENA

Rua 7 de Setembro, 128 - Recife

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr êsse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: 3$000.

Numeros atrasados desta Revista na Bahia

Pedir a ALFREDO J. SOUZA

Rua do Colegio, 8 — Salvador

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. $ 63,00; seis meses — Cr. $ 32,00

Registrada: Um ano — Cr. $ 80,00; seis meses — Cr. $ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. $ 170,00; seis meses — Cr. $ 90,00

O número avulso custa Cr.$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr.$ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional.

REPRESENTANTES — *Nos Estados Unidos da América do Norte:* S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. *Na Africa Oriental Portuguesa:* D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. *No Uruguai:* Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevidéo. *Na Argentina:* INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: *Gratuliano Brito*

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

Outros riram...

— Que tal o seu novo médico?

— Não gostei. Muito distraido. Emquanto me tomava o pulso, tirou o relógio do bolso e ficou uma porção de tempo vendo que horas eram.

Lembranças de amor

Reunem-se várias amigas. Todas estão noivas e falam com entusiasmo dos respectivos noivos e dos presentes de Natal que deles receberam.

— Meu noivo — diz Adélia — deu-me uma pulseira com as nossas iniciais entrelaçadas.

— O meu... conta Georgina — trouxe-me um anel de brilhante em cujo aro está gravada a data do nosso contrato de casamento.

— Arnaldo... declara Lúcia — comprou-me um clip de platina com as minhas iniciais em rubís.

Só Germana permanece silenciosa.

— E a você que lhe deu seu noivo? perguntam-lhe.

— Um talher lindissimo.

— E há nele alguma coisa gravada?

— "Restaurante Central".

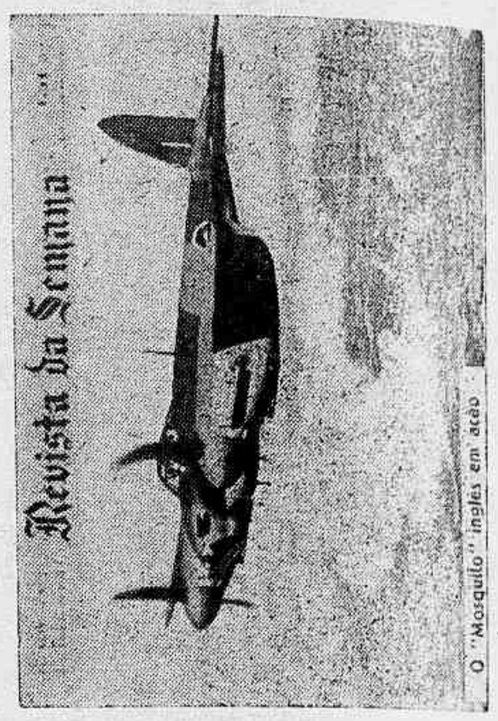
— Já sabes que papai perdeu toda a sua fortuna?

— Já. E não foi surpreza para mim. Sempre tive a certeza de que ele lançaria mão de todos os meios para impedir o nosso casamento.

— Sabes que morreu o Fernandes?

— Impossivel! O Fernandes não tinha segredos para mim e não ia logo deixar de me contar uma coisa dessas!

A nossa capa



Outro bombardeiro de reconhecimento acaba de ser incorporado ao serviço da RAF. E' o "Mosquito", bi-motor do primeiro tipo de operações desenvolvido pela fábrica Haviland, depois da guerra de 1914-18 e que serve para ilustrar nossa capa de hoje, na magnifica fotografia especialmente cedida á REVISTA DA SEMANA pelo British News Service.

O aparelho tem dois motores Rolls Royce e é inteiramente construido de madeira, o que facilita enormemente a sua manufatura.

As dimensões do "Mosquito" são de cêrca de 18 metros na largura das asas e 14 metros no comprimento. A altura, com a helice vertical e a cauda pousada no chão alcança pouco mais de 5 metros.

Tanto o trem de aterrissagem como o leme da cauda são reintrantes. O avião tem o tipo de helice Haviland, de três folhas. O armamento ofensivo póde consistir de 4 canhões de 20 mm. e 4 metralhadoras de 303.

Nova cêra sintética

COMPETIRA' COM A MAIORIA DAS ANTIGAS CERAS E RESINAS

Acaba de ser descoberta nos Estados Unidos uma nova cêra sintética para espalhar a tinta, o verniz vulgar e o verniz de ouro. E' fabricada de matérias primas de facil obtenção. A referida cêra é dura e de côr clara, com um ponto de fusão entre 103 e 106 gráus centigrados. Afirma-se que competirá com a maioria das outras cêras e resinas. Acrescenta-se que poderá ser imediatamente produzido um bom estoque dessa cêra em forma sólida. O seu emprego elimina as dispendiosas operações da preparação das superficies, por meio de lixa, etc.

UMA IDEIA E UM PRESENTE

Não perca seu tempo em cogitações: o melhor presente de Natal, por preço baixo, é um ALMANAQUE EU SEI TUDO *para 1943. Tresentas páginas — muitas coloridas — compõem o* LIVRO DOS MIL ASSUNTOS *e oferecem leitura variadissima. Quando será o fim do mundo? Os sete pecados mortais e outros estudos semelhantes. Quadros históricos e religiosos. Contos, historia, calendarios, informações sobre o ano, anedotas. Resumo completo da guerra atual com ilustrações. Leitura para os que vivem nas cidades e para os que moram no campo, para homens e mulheres de todas as idades.*

ALMANAQUE EU SEI TUDO *para 1943, á venda em toda parte. Redação: Maranguape — 15 — RIO.*

O talismã

Conto do escritor turco
NEDJEDET

Que festa! Ah, meu homem, que linda festa! Ainda tenho nos ouvidos a música das cítaras. E que abundância! Que riqueza! O noivo? Que rapagão! Sargento do exército. Neto de mukdares, sabes? E a noiva também. Formavam um par que era uma perfeição. E quando os dois passaram, de braço, entre as duas filas de mulheres veladas, para a ceremônia, algumas, contra o preceito religioso, afastaram um pouco o véu, para verem o rapaz melhor. Quanto à noiva, formosa devemos. E ricamente adornada como poucas! Imagina tu dois colares cada um de cinco mahmudiés, do tamanho da palma da mão e brilhantes como sois. O bastante para comprar tudo o que nós possuimos, a nossa casa, a nossa terra, a casa e a terra de meu irmão, e ainda a casa e a terra do teu! Tudo isso pendurado ao pescoço. Por Allah! Que maravilha!

O marido sorria. Sabia que Aicha era ambiciosa. Que importava porém, que o sargento e a noiva formassem um par magnífico? Também eles tinham um filho, um filho soberbo, comparavel ao maior pimpão, que ha quatro anos partira para fazer o serviço militar em qualquer terra árabe distante — e que não tardaria a voltar. Por sinal que, há certo tempo, não recebiam noticias dele. Mas que importava isso tambem, se o tempo do serviço estava a terminar e o rapaz não tardaria a regressar a casa? Oh, o seu filho, por Allah, valia bem todos os filhos e netos de mukdares deste mundo!

— Mulher, não devemos invejar a riqueza de ninguém. Allah nos deu o que estava na sua vontade. Para a nossa velhice temos os braços do nosso filho. Roguemos a Deus que breve no-lo restitua; são e salvo.

Ela, porém, não se conformou:

— A vida é tão dura... O que ganhamos mal chega para não passarmos fome... E aqueles mahmudiés, do tamanho da palma da mão e que brilhavam como sóis!

. . . . . .

— Mandem, mandem e o espírito obedecerá! Eu sei as palavras mágicas que a isso o obrigarão. Saúde, riqueza, poder... Digam, digam e o espírito cumprirá!

Era um homemzinho sentado no chão, tendo à frente uma meza pequena, carregada de objectos extravagantes, bagas desconhecidas, bicos de passaros que ninguem vira, unguentos, pós misteriosos, dentes e unhas de bichos fantásticos. O homem curava doenças, lançava sortilégios. A barba descia-lhe até ao ventre; e a cabeça, envolta em volumoso turbante, lembrava um cogumelo gigantesco.

— Mandem, mandem! Eu sei as palavras mágicas a que os espíritos obedecem!

Aicha aproximou-se, curiosa. O homenzinho acabava de destravar a língua a um mudo e de restituir o andar a um paralítico.

— Santo homem... murmurou ela comovidamente — em verdade o teu saber é grande. Escuta... Vi uma noiva que tinha em volta do pescoço, em duas fieiras, dez mahmudiés do tamanho da palma da mão e brilhantes como sois. Também eu queria ter alguns mahmudiés...

O homem cerrou um pouco os olhos, resmungou algumas preces; e depois, tirando duma gaveta um triângulo minúsculo de pano, com inscrições exquisitas:

— Mulher... disse ele — se me quizeres pagar o valor de três alqueires de centeio, dar-te-ei este talismã. Pede o que for possivel ao ser humano desejar, e o espírito t'o dará. Só eu é que não lhe posso pedir nada, ao grande espírito!

Aicha, apavorada com aquele preço de três alqueires, ia-se embora; mas o homem apressou-se a acrescentar:

— Vejo que és uma bôa mulher e que Allah te quer proteger. Ele me ordena que te faça um presente. Deixo-te o talismã por alqueire e meio, uma verdadeira miséria em comparação com os inumeraveis mahmudiés que poderás obter!

Aicha regateou ainda, acabou comprando o talismã pelo preço dum alqueire. Depois, o homem lhe indicou as fórmulas, o rito, simples na verdade, para invocar os espíritos.

— Aproveita um momento em que ninguém te possa ver. Depois de teres beijado três vezes o talismã, chamarás: "Rahmilmoth! — é o nome do espírito — Rahmilmoth! Por este talismã que encerra a chave dos segredos, te emprazo a obedecer-me!" Depois, dirás o que desejas; e tudo aquilo que desejares, obterás.

Aicha voltou para casa, encantada, embora um pouco inquieta, e apertando contra o peito, debaixo dos véus, o talismã preciosíssimo. Não revelou ao marido a aquisição. E à noite, não aludiu sequer aos mahmudiés de que, na véspera, não cessara de falar. Até o marido observou:

— Ainda bem que te livraste daquela mania. Não ha nada como a gente contentar-se com o que tem!

A refeição da noite correu em silêncio. Mais de uma vez o marido tentou desatar-lhe a língua. Aicha resistia à vontade imensa de contar o que se passava. Além do mais, queria que fosse surpreza. Mas pensava, pensava tanto naquilo...

Como lhe traria o espírito os mahmudiés? Veria ela realmente o espírito? Talvez encontrasse as peças de ouro, de manhã, debaixo do travesseiro. Ou a um canto da cozinha. Por onde viriam os mahmudiés? E como? E quando?

Terminada a ceia, isolou-se e, depois de beijar o talismã três vezes, procedeu á invocação ensinada:

— Rahmilmoth! Por este talismã que contém a chave dos segredos te emprazo a obedecer-me! Quero que me tragas... — Hesitou um momento, com o coração a bater, até que decidiu: — ...vinte mahmudiés!

Quando proferia essas últimas palavras, uma lufada violenta abalou a porta da casa. Aicha teve medo... Receou haver pedido de mais... Ter-se-ia o espírito irritado com tanta ambição?

Fez, porém, uma oração a Deus, para que atendesse também ao seu pedido, e foi ocupar o seu lugar no leito, ao lado do marido.

Muito tempo, muito tempo, sem conciliar o sono, Aicha dizia consigo:

— Mandar-me-á o espírito os vinte mahmudiés? Ou ele mesmo os trará? Mas quando? Como?

Nisto percebe um rumor de passos, distante ainda e que parece aproximar-se... O espírito! A'quelas horas, só pode ser o espírito! Aproxima-se... Chega à soleira... Tenta abrir a porta... Como assim! Os espíritos não podem entrar sem abrir a porta?

— O marido acordou, sobresaltado.

— Aicha! Ladrões!

— Ladrões? — E a esposa, entre o sonho e a realidade, repetia: — Ladrões? Ladrões?

— Não ouves? Estão arrombando a porta!

— Sim, realmente... — E consigo: — Virão roubar-me o talisman? Ah, isso, não! Isso, não!

Erguendo-se ràpidamente, foi buscar um machado de rachar lenha. O marido tomou uma velha espingarda de pederneira que estava pendurada na parede. Seria só um ladrão? Não... um, sózinho, não se atreveria a atacar assim uma casa. Um estalo. A porta tinha cedido. Na noite, à claridade indecisa das estrelas, um vulto apareceu, avançou cautelosamente, para não acordar as pessoas da casa. Do seu canto, Aicha saltou, de machado no ar... Um golpe, um único, e o vulto caiu sem um grito, sem nada.

— Este não rouba mais ninguém... disse o marido.

E foi acender um archote.

Numa poça de sangue jazia, com o crâneo aberto, o seu único filho, que de volta do serviço militar, quizera aparecer aos pais, pela manhã de surpreza. E de manhã, quando despiram o cadaver, para o lavar, encontraram, num cinto, vinte mahmudiés de ouro, do tamanho da palma da mão e brilhantes como sóis.

BANCO ALEMÃO TRANSATLANTICO

EM LIQUIDAÇÃO

PAGAMENTO DO ÚLTIMO RATEIO

A Interventoria avisa aos senhores depositantes que o rateio final de 40% será pago durante o mês de Janeiro corrente.

Comunica, ainda, que as contas cuja liquidação não fôr solicitada até 31-1-43, não mais vencerão juros a partir dessa data.

Os títulos e demais valores entregues em custódia devem ser retirados o mais breve possivel, sob pena de incorrerem na comissão de guarda de 1/5%, e relativa ao ano de 1943.

Pede-se, tambem, aos locatários de cofre (safes) que os desocupem com brevidade e o mais tardar até 31-1-43.

ANIVERSARIO DO « CORREIO DA NOITE »

Ocorreu a 21 de janeiro o 8º aniversário dêste vespertino carioca. Desde que apareceu, o Jornal dirigido pelo Sr. Mário Magalhães vem se distinguindo pelo seu feitio sério, pela sua maneira honesta de encarar os acontecimentos, pela sua organisação escrupulosa, aspectos que evidenciam o tino jornalistico de seus realizadores.

Em ação de graças pela data, houve solene missa na Igreja da Candelária, durante a qual fez-se ouvir o Orfeon dos Professores Municipais regido pelo maestro Vila Lobos. Oficiou o Vigário da Candelária Mons. Henrique Magalhães.

Para êste ato religioso recebemos gentil convite, cuja simples apresentação gráfica é um espêlho do bom gosto presente em todas as iniciativas do "Correio da Noite".

A êle os nossos melhores votos para que continue, por muitos anos, neste mesmo roteiro, a serviço da verdade e do Brasil.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendencia para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

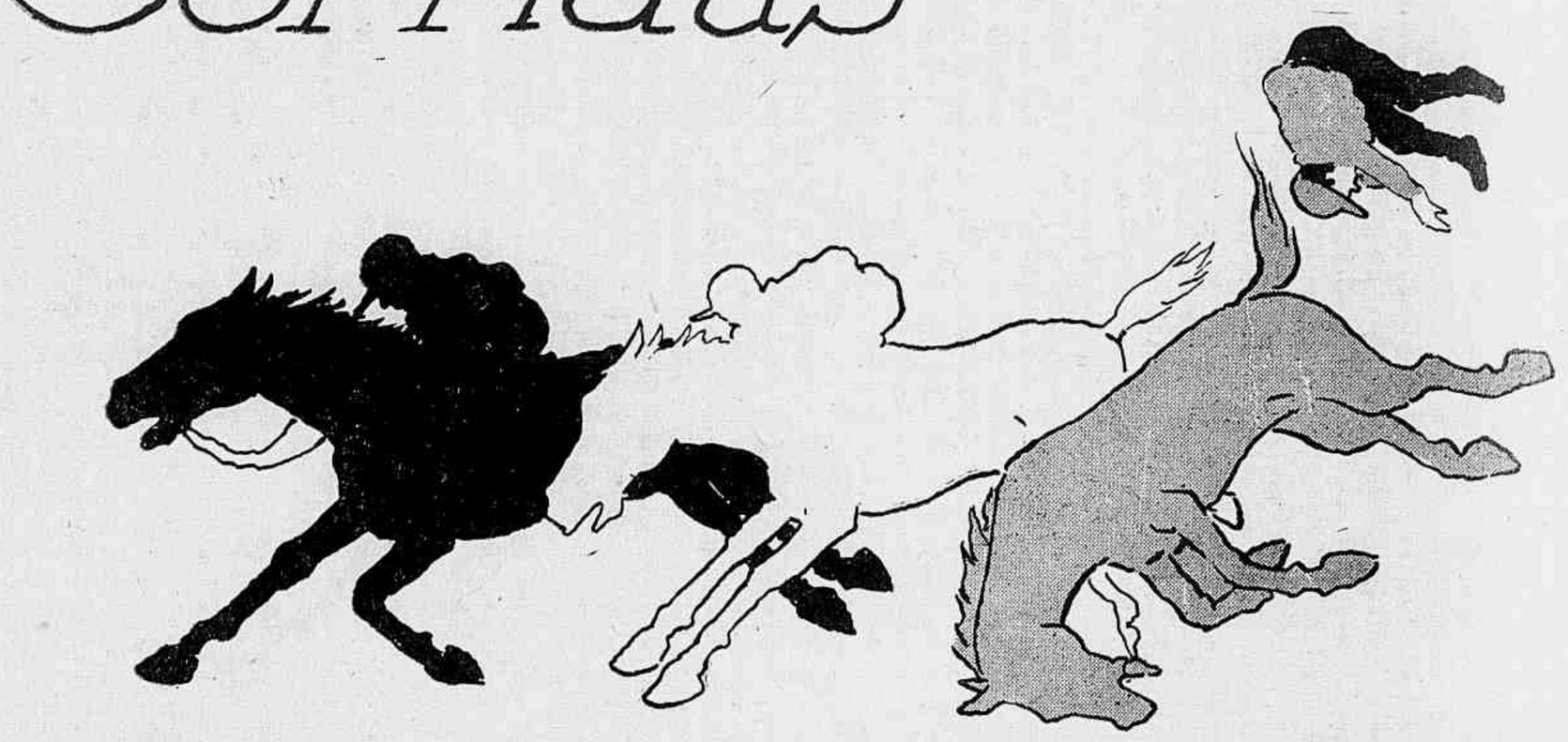
ALFAIATARIA GUANABARA

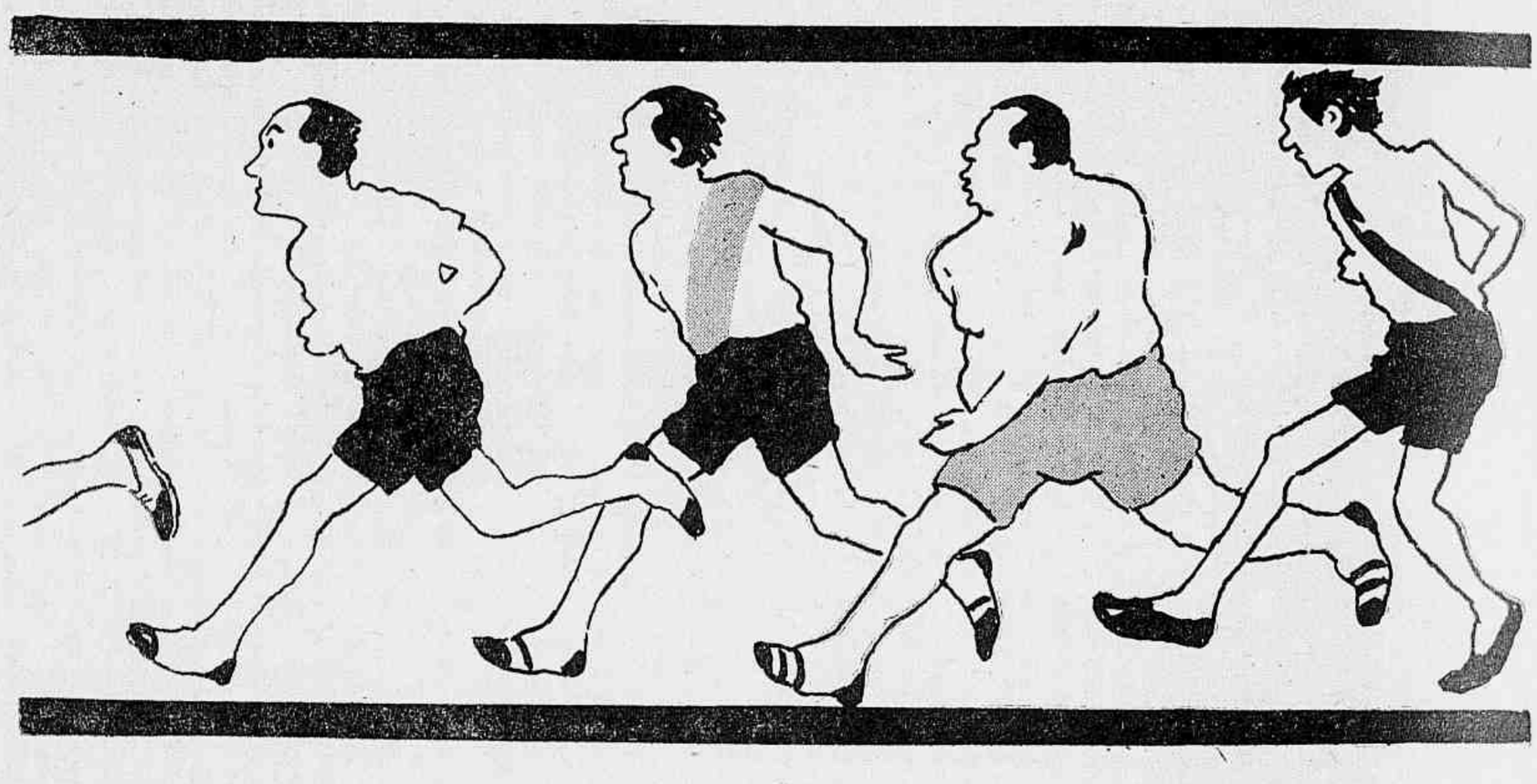
Recebemos da conceituada "Alfaiataria Guanabara" desta Capital interessante folhinha. Agradecemos.

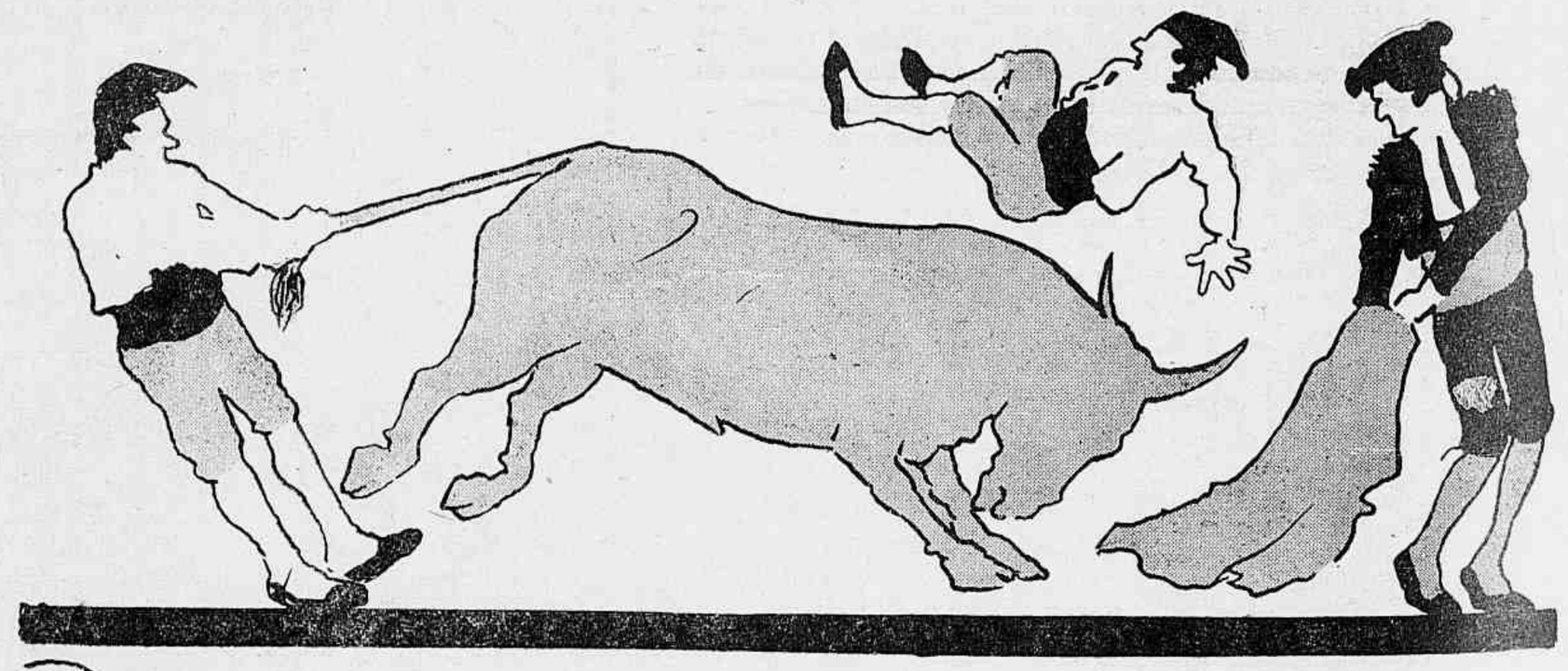
MENSARIO DO "JORNAL DO COMERCIO"

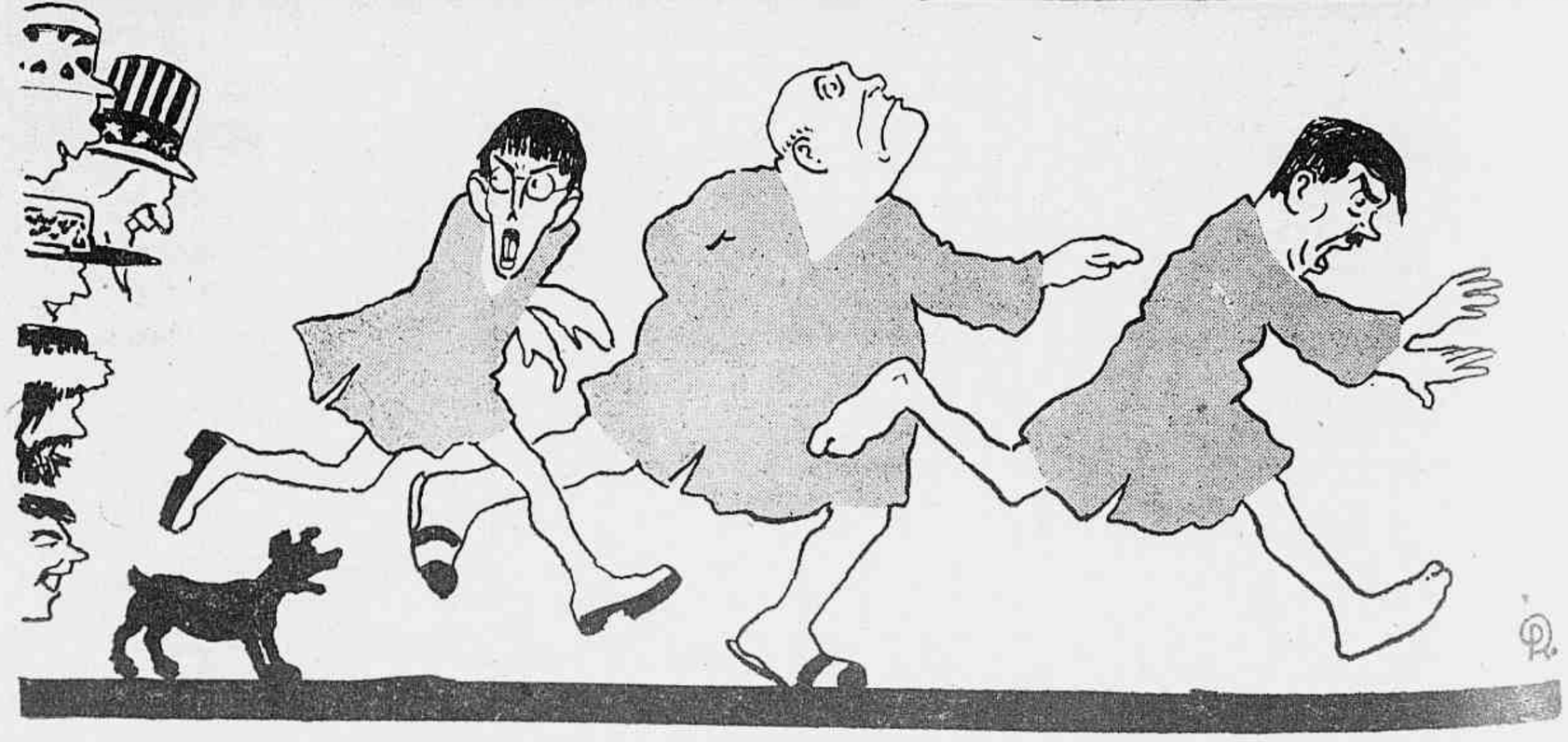
Recebemos o numero de Agosto de 1942 (tomo XIX — volume II) do Mensario do "Jornal do Comercio. Agradecemos.

Corridas









A SEMANA EM REVISTA

NO AVIÃO PILOTADO PELO SACADURA

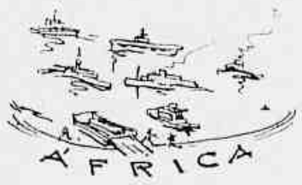
As circunstancias é que emprestam maior ou menor valor aos objetos e aos documentos. Uma carta póde atravessar uma existência inteira e não valer mais do que o preço correspondente ao papel gasto com ela. Outras vezes um simples bilhete, embora não escrito por qualquer notabilidade, adquire importancia enorme por um simples acaso.

O ministro da Aeronáutica recebeu em seu gabinete o sr. Antonio Camacho Filho, que lhe foi fazer oferta de uma simples carta. Mas acontece que esta carta foi trazida de Lisboa pelo almirante Gago Goutinho, em 1922, por ocasião do memoravel vôo transatlantico.

Naquela ocasião tal viagem devia ser uma coisa formidavel. Pois nem assim o remetente da carta pareceu impressionar-se, escrevendo apenas: "...E' portador desta o Gago Coutinho, que, como observador, para aí vai seguir no avião pilotado pelo Sacadura Cabral. São ambos meus intimos e dedicados amigos que te apresento, pedindo-te para os auxiliar em tudo que precisarem, pelo que te agradeço como se a mim próprio fosse feito. E' a primeira tentativa de viagem em avião da Europa ao Brasil, e que espero ter o mais brilhante sucesso".

Teve razão esse sr. Caetano da Silva Pestana.

ANEDOTA DE GUERRA



Entre os argumentos mais fortes encontrados pelos opositores á participação ativa da mulher na guerra, encontra-se a pouca discreção geralmente apresentada pelas filhas de Eva. Pois até isto parece estar desmentido, diante de certa cena da qual teriam sido protagonistas o Sr. Churchill e sua filha Mary. O fato foi divulgado na America pela senhora Roosevelt e constou do seguinte:

Uma hora antes do momento marcado para anunciar o desembarque aliado na Africa do Norte, o sr. Churchill, muito agitado, participou á filha a grande noticia, ao que ela respondeu que já sabia da novidade ha três semanas. "Lembre-se que trabalho no serviço secreto. Nada lhe quiz dizer porque ignorava até que ponto você estava informado."

NADA DE BIGODES

Barbas e bigodes nunca foram bem vistos nos meios militares. Dir-se-ia que as caras raspadas estão mais coerentes com o feitio do soldado, com a fisionomia que ele deve ostentar. Mas, ainda que assim fosse, permanecia uma certa tolerancia dos superiores, quanto áqueles que possuiam tais accessórios expressionais. Entretanto, a situação de guerra que atravessamos, exige, pela sua propria natureza, um cumprimento á risca dos regulamentos, pois é pelas pequeninas coisas que se robustece uma disciplina geral, elemento indispensavel a qualquer eficiência bélica. Pensando assim o almirante Mário Hecksher, diretor geral do Pessoal da Armada, chamou atenção para o cumprimento do disposto no artigo 14 do Reg. para o Corpo do Pes. Sub. da Armada: "para os sargentos, marinheiros e taifeiros será obrigado o uso do rosto raspado e cabelo com corte normal, curto. Os sub-oficiais que desejarem alterar a sua fisionomia deverão requerer e ser novamente identificados".

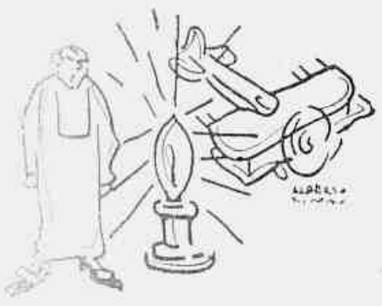
Em seguida veio um despacho do ministro da marinha, nos seguintes termos: "Autorizo V. Ex. permitir que aos sargentos e marinheiros que presentemente estejam identificados com bigode ou barba conservem a sua atual fisionomia. Fica vedado deixar crescer aqueles adornos aos que não os estejam usando na data presente."

EMPRESARIOS DA MORTE

A classe dos "papa-defuntos" já é tão conhecida na cidade que é quasi inoportuno relembrá-la aqui, á guisa de curiosidade. Trata-se, porém, de uma nova aventura deles. E a coisa é de tal maneira expressiva, em relação ao desinteresse que costumam demonstrar pelos cadaveres, que merece maior divulgação.

Faleceu, ha dias, num hospital carioca, um inspetor de bondes. Ciente do fato, um dos proprietários de certo Serviço Funerário entrou logo em ação e conseguiu permissão para enterrá-lo. Era um funeral modesto, orçado em Cr.$ 170,00. O corpo ficaria uma noite na capela, até a hora do saimento, no dia seguinte. Mas acontece que o empresário farejou um negócio melhor, com outro camarada. Para isto necessitava da capela desocupada, imediatamente. Não vacilou. Entrou em entendimentos com um colega (a classe é unida) e ficou estabelecido que êste faria o transporte do fiscal para outro lugar. Sem perda de tempo, instalaram o novo inquilino na capela. Quando chegaram os amigos do funcionario da Light, encontraram caras extranhas velando outro defunto.

UM AVIÃO, UM PADRE E UMA LAMPADA



Em agosto de 1918 certa autoridade da marinha dos Estados Unidos realizava uma viagem de inspeção ao longo da costa da Bretanha quando, lá para as tantas, o avião precisou descer em consequencia de uma avaria. Fazendo-o em uma pista de emergência, atropelou um padre que corria curioso para vêr de que se tratava.

Foram pedidas mil desculpas ao velho sacerdote e oferecida uma indenização em dinheiro, que ele não quis aceitar de modo algum. Procurando uma solução, a autoridade ofereceu uma preciosa reliquia do século XV. E era esta de tal maneira valiosa que o sacerdote se animou e pediu vidros para as janelas do seu templo; era preciso torná-lo digno do tesouro que guardava. Tudo foi realizado e, em sinal de gratidão, o pároco mandou acender uma lampada, cuja chama não se deverá extinguir nunca, representando os votos a Deus pela felicidade perene dos homens que lutam na marinha dos Estados Unidos.

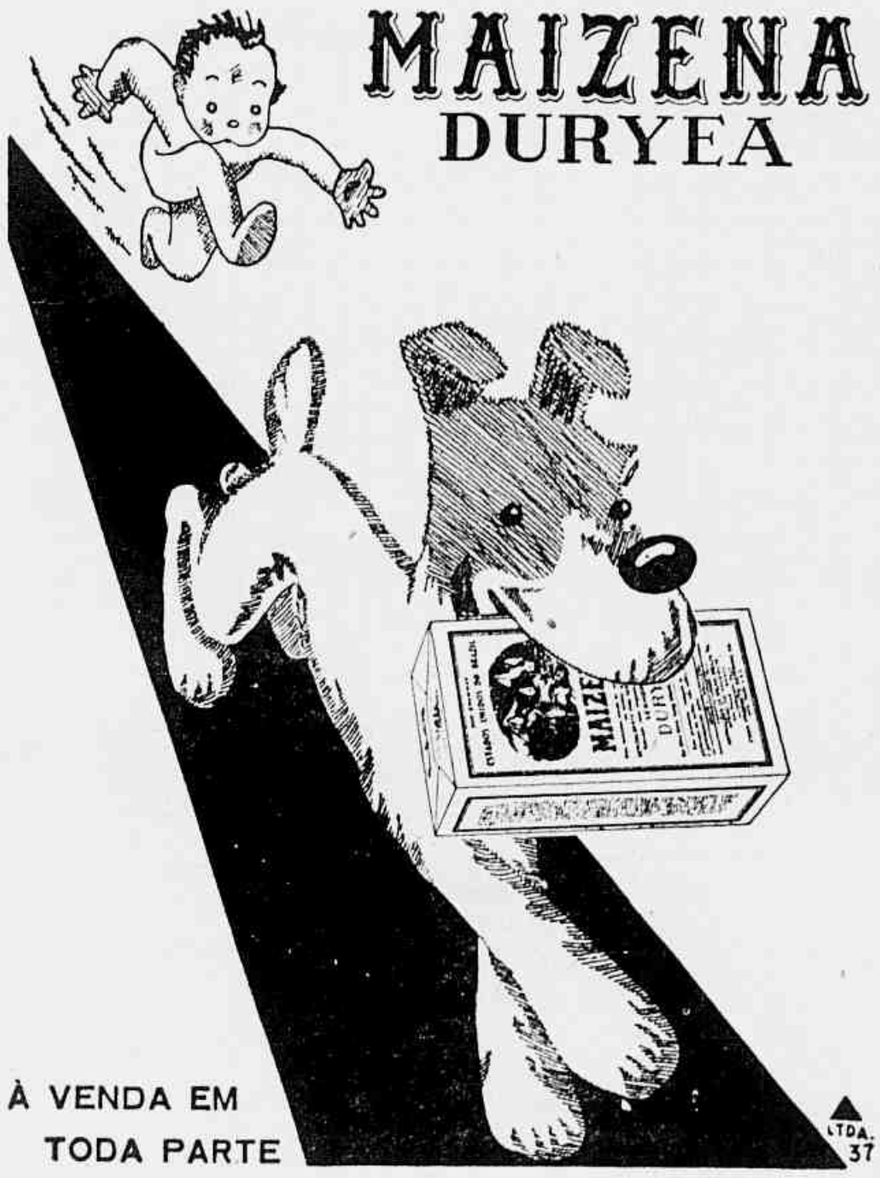
MUNDO NOVO

As fogueiras apocaliticas da luta ainda não foram extintas na face da terra e já surgem, aqui e ali, os estudiosos dos problemas de após-guerra, os profetas esclarecidos de realidade porvindoura. Aproximamo-nos, incontestavelmente, de uma época maravilhosa. Maravilhosa não tanto no sentido abstrato desta expressão, mas no sentido propriamente técnico da palavra. Penetramos numa fase histórica em que quasi tudo se tornará possivel, e aquilo que julgavamos uma simples fantasia das grandes imaginações atingirá as fronteiras banais da verdade.

O dr. Gustav Egloff, presidente do Instituto norte-americano de Quimica, entreteve, neste sentido, uma interessante palestra com os jornalistas. Disse, por exemplo, que todas as partes do mundo estarão a menos de 24 horas de Chicago. Formidaveis aviões transporte, acionados com motores de trinta mil H. P., poderão transportar milhares de passageiros, voando a uma velocidade de 800 quilometros por hora. Os pequenos aviões custarão o mesmo preço dos automoveis atuais. Pneumáticos rodarão 160.000 quilometros sem ficarem inutilizados. As roupas serão confecionadas com materiais plásticos de todas as cores. Declarou que as batatas crescerão e amadurecerão em menos da metade do tempo de que precisam agora.

Resta saber se, paralelamente ao crescimento das batatas e da civilização, se desenvolverá, tambem, o senso moral, a idéa de humanidade, a cuja ausencia devemos justamente esta e outras tempestades que já desabaram sobre a face da terra.

FLAVIO.



FALTA-LHE O APPETITE?

Cuidado! Você está se intoxicando!

Esta falta de appetite é devida ao desarranjo das funcções digestivas que resulta da accumulação de toxicos no organismo. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradavel e de effeito revigorante. Eno limpa o systema intestinal, purifica o sangue, evita a somnolencia e a falta de appetite. Mas... não acceite substitutos!

'SAL DE FRUCTA' ENO

A EVOLUÇÃO DO DIREITO INTERNACIONAL NOS ULTIMOS VINTE E CINCO ANOS

José Dalmo Fairbanks Belfort de Matos, São Paulo - 1942.

O presente volume, de 31 páginas, é a edição de uma conferência realizada sob os auspicios do "Instituto dos Advogados de São Paulo", na Faculdade de Direito, em outubro de 1942.

Trata-se de um trabalho bastante substancioso, no qual são abordados muitos aspectos do tema que diz respeito mais de perto á América e particularmente ao Brasil. Assim, entra em considerações sobre a Liga das Nações e sobre as sucessivas conferências panamericanas, através das quais vem se cristalizando uma verdadeira doutrina de solidariedade continental, já invocada em várias ocasiões.

O autor, que é livre-docente de Direito Internacional Publico na Faculdade de Direito de São Paulo, evidencia, nestas páginas, uma cultura apreciável no assunto, aliada a uma capacidade de expressão e de sintese que muito valorizam os lucidos conceitos ai expressos.

MOVIMENTO

O PERIGO JAPONÊS — *Rio de Janeiro, 1942.*

Este livro não traz o nome do autor. Será dalguem que não quiz aparecer, talvez para arredar toda a idéia, toda a hipótese do interesse pessoal. Pareceu-lhe de mais utilidade, pela confiança mesma que inspiraria, uma obra toda de espontaneidade e de sinceridade, à qual se não pudesse atribuir sequer a ambição ou o sonho do êxito autoral. E, na sombra onde se deixou ficar, de certo o publicista se sentirá tanto mais satisfeito e mais bem recompensado quanto maior se tornar o resultado do seu esforço ao redor da sua voluntária obscuridade.

Trata-se duma série de artigos publicados primeiramente no *Jornal do Comercio*, os quais formam agora um estudo sempre coerente, bem relacionado e tanto quanto possivel, até este momento, completo. A tese do perigo da imigração japoneza no Brasil não constitue novidade, nem o autor deste longo ensaio pretende tê-la criado. Ha bastantes anos, ainda em vida de Felix Pacheco, o chamado Velho O'rgão, que nunca cedeu aos órgãos moços na veemencia do esforço nem no entusiasmo das iniciativas a serviço do Brasil, empreendeu a campanha tendente a demonstrar aos governantes e ao público a falta de critério, de previsão, se não rigorosamente de patriotismo, que haveria em deixar infiltrar-se intensamente neste paiz uma raça que não o podia prezar, nele nunca moralmente se radicaria e só em verdade cuidaria da força e do prestígio de si própria. Os fatos e argumentos então aduzidas e aos quais bastaria a autoridade de corresponderem à concepção dum homem da inteligência do carater e do saber de Miguel Couto, não lograram o acatamento incondicional que mereciam. A situação que condenavam não apenas continuou como ainda se foi agravando... Os acontecimentos nos vieram decisivamente mostrar onde estava a verdade e quem tinha razão.

O presente volume, que compreende cerca de duzentas páginas, expõe o momentoso problema em todos os seus aspectos, acentuadamente nas suas causas e nas suas consequências. E bom seria, se possivel, que nenhum brasileiro deixasse de o conhecer.

⚜ ⚜ ⚜

TEMPLOS E CRENTES — BAEPENDI, por José Alberto Pelúcio — *1942.*

Recentemente nos referimos, nestas noticias, ao livro do sr. José Alberto Pelúcio *Baependi*. O presente volume desenvolve um dos assuntos daquele primeiro. Trata-se duma especialização até onde possivel documentada, que atende a todos os fatos mais ou menos relacionados com a matéria e a estuda em todos os aspectos. Quem desejar saber que templos existem ou existiram na histórica cidade mineira, a composição das suas irmandades, a organisação dos seus serviços, as suas festas tradicionais e até as lendas criadas, através dos tempos e das gerações, à sua sombra sagrada, terá, graças a este volume, o seu interêsse plenamente satisfeito. E' uma obra de cuidado e amor extremos. E nem por ser reduzido o seu campo de observação e de estudo deixa de representar consideravel esforço e uma realização meritória.

O sr. José Alberto Pelúcio que, conforme já dissemos restringiu a sua atividade intelectual, os interesses e enlevos do seu espírito à veneranda localidade do Sul de Minas, rematou, com a publicação de *Templos e Crentes*, uma tarefa deveras valiosa, um serviço de real importancia pelo qual Baependí lhe deve ficar para sempre reconhecida.

⚜ ⚜ ⚜

TODOS OS POEMAS, de Atílio Milano — *Rio de Janeiro.*

O sr. Attilio Milano tinha realmente o direito de intitular este livro *Todos os poemas*. Aqui estão, em volume de vasto formato e distribuidos por mais de duzentas páginas, os versos sonhados e executados através das fases duma vida que, se ainda repele o qualificativo de longa, já sem dúvida atingiu a duração calculada pelo bom povinho quando diz: "E' a vida dum homem!" Percorrendo-se este livro com a atenção e a afeição que merece, tem-se a idéia dum sistema de conceitos e de emoções tão correspondentes ou unidos entre si que abrangem o pensamento e o sentimento duma existência. Constituem de certo uma selecção; apezar disso, porém, ou ainda mais eloquentemente por isso mesmo, formam um todo.

Ha também a condição técnica da obra. O sr. Attílio Milano procurou realizar a maior variedade possivel de fórmas poéticas. Chegou a operar uma espécie de milagre, ressuscitando o metro de nove silabas, ritmado de três em três e que, sobretudo depois da inovação de Alberto d'Oliveira: o acento na quarta e na nona, julgavámos, não apenas morto, mas esquecido. Agora o tornamos a ver, com um ar rejuvenescido e parecendo mais belo e musical que nunca:

Eu seguia ao seu lado, tremente
da alegria de tê-la a meu lado,
sem fitá-la, com os olhos em frente,
doido para falar-lhe! e calado...

Ia todo vermelho de pejo,
sem saber que fizesse, aturdido,
a querer disfarçar meu desejo
mas desejo não fica escondido...

. . . . . .

Ainda em obediência ao título, entraram no volume algumas composições em versos sem cadência nem rima, quer dizer: versos que o não são. Desta vez, porém, não se diga que a boa poética deixou de ser observada, por ignorância ou falta de engenho. O sr. Attílio Milano leva os seus recursos de arte a uma rara virtuosidade. Basta notar com que naturalidade, que "facilidade", ele conseguiu, na poesia *Os versos são em número de doze*, ir do monossílabo ao alexandrino e vice-versa:

DURMA feliz e com saude NUM COLCHÃO ventilado de molas HOLLYWOOD Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134 DECORAÇÕES: Secção dirigida por GILBERT DE PARIS

LITERÁRIO

Cai
[illegible]
mar e céu
[illegible] estão a olhar
[illegible]mo que a medir
a distância entre os dois:
"Um dia hei de subir
lá em cima ao céu e lá, depois
de o atirar pelo espaço sem fim,
[illegible]rei com o lugar que ele hoje tem.
Cansei-me de o ver sempre a olhar para mim!..."
Mas o desígnio de um era o do outro, tambem:

"Um dia hei de descer lá embaixo ao mar e então,
depois de afundá-lo na terra, hei de, enfim,
[illegible]cher o seu lugar de pó do chão.
Por que está sempre a olhar para mim?..."
Não poude ao céu subir o mar,
nem ao mar o céu descer.
E lá estão a se olhar:
sempre se hão de ver!
Que, assim, os dois
[illegible]anteus,
quem pôs?
Deus.

⚜ ⚜ ⚜

COMPREENSÃO DE HUMANISMO, por Antônio Osmar Gomes — *Rio de Janeiro, 1942.*

O sr. Antônio Osmar Gomes, que nos deu, ha cerca de um ano, um estudo de folclore cheio de observações e reflexões curiosas: *A chegança*, e que já antes publicara um volume de crônicas estremecemente literárias: O *soneto inacabado* e uma série de ensaios: *Conflitos e posições do espirito moderno*, agora nos oferece um trabalho uno e profundo *Compreensão de humanismo*. Esta obra obedece, em primeiro lugar, a um método que logra torna acessivel àqueles mesmos a quem o temperamento, as disposições de espírito ou próprias condições de vida não permitam leituras de grande elevação e grande alcance. A tese vai se desenvolvendo no sentido do mais simples ao mais complexo, das noções mais intuitivos ás que mais exijam acuidade e reflexão. Do sistema progressivo adotado pelo sr. Osmar Gomes resulta manter-se sempre uma clareza, uma espécie de simplicidade que as obras de tal natureza nem sempre oferecem... Em cada capitulo o leitor se vai preparando melhor para apanhar, assimilar a doutrina das paginas seguintes. Na primeira parte: *O senso cristão do Humanismo*, fica estabelecida a condição do homem, como ponto de partida de tudo o que se vai enunciar e demonstrar:

"Centro de convergência de todas as filosofias antigas e modernas, objeto principal de todas as concepções verdadeiras ou falsas do mundo, o homem é, porisso mesmo, o menos compreendido e o mais hostilizado de todos os sêres criados. E' êle a causa maior de todas as contradições possíveis. E' êle o deus de si mesmo, como é de si mesmo o lobo. E' anjo e é demônio. Enfim, é tudo e, ao mesmo tempo, é nada, dentro de sua liberdade imensa de julgar e de julgar-se, e dentro de sua capacidade extraordinária de sêr o que não parece sêr, e de parecer ser o que, realmente, não é. Esse é o grande mistério ontológico do homem, do "eu" humano, na sua própria realidade interior, impossível de ser medida com justeza pela sua aparente e quasi sempre enganosa realidade exterior."

Em todo o livro reina essa limpidêz, essa espécie de singeleza que constitue uma condição deveras cativante.

⚜ ⚜ ⚜

J. L.

SOCIEDADE DOS CEM BIBLIOPILOS DO BRASIL — *Ha poucos anos estávamos indiscutivelmente atrasados em relação á industria de livros. Nossas editoras conservavam o tabú provinciano de só lançar volumes propicios ao "sucesso". Neste sucesso, isto é no "sensacionalismo" literário das multidões, no vantajosismo economico das saidas rápidas, residia o unico estimulo ao trabalho editorial.*

Tal criterio, entretanto, era erroneo. E tanto isto é verdade que, uma vez rompida essa tradição, iniciado um ciclo de edições monumentais de autores nacionais e estrangeiros, iniciamos uma fase áurea no movimento bibliográfico. O publico recebeu interessado os volumes novos, tornando-se, em pouco tempo, muito mais requintado, muito mais fino nas escolhas. Concluiremos, assim, que um trabalho editorial bem orientado desenvolve função educacional eficiente.

Tudo isto vem a propósito da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, recentemente organizada pelo sr. Max Fischer, diretor de Americ-Edit, grande vulgarizadora de livros franceses no Hemisfério Ocidental...

Não é uma iniciativa destinada a objetivos economicos. Seu programa é publicar um livro por ano, da literatura brasileira, em papel de luxo, com ilustrações de artistas patricios, numa edição cuja tiragem não ultrapassará [illegible] exemplares.

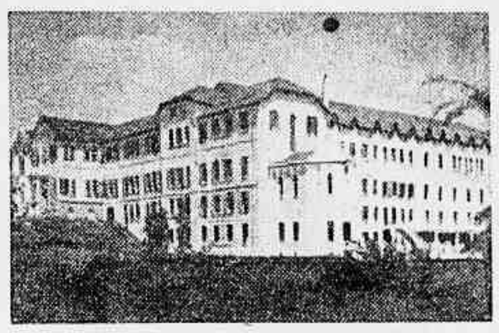
❋

MEMORIAS POSTUMAS DE BRAZ CUBAS será o primeiro livro, com gravuras de Portinari. Uma vez concluida, serão vendidos em leilão os originais do artista e inutilizadas as placas que serviram á gravação.

Para financiar e orientar as atividades, formou-se uma comissão assim constituida: D. Pedro de Orléans e Bragança (presidente), Afranio Peixoto, Fernando de Castro Maia, Cipriano Amoroso Costa e Max Fischer.

No molde de antigas sociedades européas, esta realização virá, por certo, assignar de uma influência benéfica a industria editorial indigena.

COLÉGIO DE SANTO ANTONIO
(SOB INSPEÇÃO PERMANENTE — DEC. 21.318 DE 25-4-932).
(Colégio por dec. 11.194 de 4-1-943)
S. JOÃO DEL-REI -- MINAS
DIRIGIDO PELOS PADRES FRANCISCANOS HOLANDESES
O Estabelecimento mantem cursos primário (*só para o internato*), de admissão, ginasial (1.º ciclo) e colegial (2.º ciclo).


Vista parcial da fachada principal do Colégio de Santo Antonio.

PREÇOS PARA O INTERNATO
Curso primario e de admissão, por ano..... Cr$ 1.800,00
Curso ginasial (1.º ciclo) por ano..... Cr$ 2.100,00
Curso colegial (2.º ciclo) por ano..... Cr$ 2.700,00
Não se pagam taxas nem lavagem de roupa.
O Estabelecimento possue amplas salas de aula, ótimos gabinetes de Química, Física e História Natural.
Para as horas de recreio há uma piscina olimpica de natação, 3 campos de esporte, 2 grandes pátios internos e amplo *auditorium* com cinema sonoro.
Para pedidos de estatutos dirigir-se à Diretoria.

PILULAS DE FOSTER
Balsâmicas e diuréticas para as doenças das vias urinarias e no tratamento da uricemia e suas manifestações
DORES LOMBARES

PARA OS RINS E A BEXIGA

Atenda prontamente a esse oportuno aviso de fraqueza renal, antes que surjam complicações mais graves. Reumatismo gotoso, inchação nos tornozelos, nas mãos ou sob os olhos, alterações na urina, irregularidades na bexiga são outros tantos males indicativos de que o organismo está sobrecarregado de venenos que os rins deveriam ter eliminado.
Para estimular a atividade dos rins tenha sempre á mão as PILULAS DE FOSTER, diuréticas e balsâmicas, para as doenças das vias urinarias. As PILULAS DE FOSTER eliminam e desinfetam os rins doentes.
PILULAS DE FOSTER
Anuncio aprovado pelo D. N. S. sob o n.º 805 em 2-4-41

LEITURA

Recebemos o primeiro numero de Leitura, revista de critica e informação bibliográfica.

Publicada sob a direção de Dioclecio Duarte e Raul de Góes, o novo periodico constituirá sem duvida um sucesso em nosso meio intelectual.

Figuras destacadas da literatura nacional, inclusive os mencionados diretores, subscrevem trabalhos literarios, que fazem do primeiro numero de Leitura uma magnifica apresentação.

JOSE' LINS DO REGO E O SEU CICLO LITERARIO

De ANSELMO MACIEIRA

Data possivelmente de 1935, meu contacto com o escritor José Lins do Rego. Devorei os romances do "ciclo da cana de açucar", então publicados. Essas leituras exerceram considerável influência na minha formação. Li-o paralelamente a Eça de Queiroz, Machado de Assis e Euclides da Cunha. A belicosidade léxica do Autor de "Os Sertões", a discreta elegancia do Pai de Braz Cubas, a salutar impiedade do Grande Português, contrastavam pinturescamente, ante meus olhos, com a linguagem chã do "Menino de Engenho", aquele jeito novo e revolucionário de dizer as coisas, de narrar os fatos, de pintar ambientes - e de criar um mundo.

Atravessavamos um momento de efervescência literária. O Nordeste dera o grito de guerra, com "A Bagaceira" do sr. José Americo de Almeida. E logo uma plêiade de intelectuais, aproveitaveis uns, inexpressivos outros, pôs-se, febrilmente, a produzir romances, entupindo o mercado livresco do País.

O sr. José Americo bem cedo mediocrizou-se em "Coiteiros" e "O Boqueirão". O sr. Amando Fontes afirmou-se em "Os Corambas". O sr. Jorge Amado mostrou-se um romancista admirável. Outros, passariam despercebidos se não carregassem, pregado na testa, o letreiro de renovadores. O personagem mais representativo, porém, de tal movimento foi o sr. José Lins do Rêgo. Ele não parou no fim dos primeiros entusiasmos. Traçou um programa - realizou-o - progrediu, trilhou novos caminhos e hoje é detentor de apreciável patrimonio de livros e de glórias. E' um escritor fecundo, perseverante e ambicioso, no bom sentido.

Primeiramente fotografou a civilização da cana de açucar do Nordeste. Engenho, banguê e usina, três fases de uma evolução industrial, serviram de cenário. O ambiente, porém, não está sozinho; ha, pelo contrário, uma grande mistura, poderiamos mesmo dizer, uma intimidade entre ele e o homem. Revelou-se desde aí o modelador de tipos, mágico oleiro de recursos largos e febril imaginação. O linguajar era o mais simples possivel. Nada de complicações clássicas, exageros gramaticais, frases feitas, capitulos metrificados. Tudo ao sabor da pena, na livre pornografia esquerdista, predominante, aliás, em quasi todos os romances da época. Percebe-se, além disto, o completo dominio do Autor sobre o tema, contribuindo para que o leitor participasse da ação - e "vivesse" o romance.

Daí para cá o sr. José Lins do Rego mudou muito, desenvolvendo-se em vários sentidos. Iniciou um lento processo de "sulificação". O material humano se torna mais rico, em sua obra, adquire aspectos imprevistos, passa a ter uma "terceira dimensão", recalcando complexos, desfrutando sentimentos mais uteis e mais fortes - incompativeis com aquela sensual animalidade dos primeiros tempos.

Sente-se que o escritor está um pouco desarvorado. Carece de rumo. Exgotou-se o assunto em que fôra mestre e ainda não havia descoberto outro a jeito. "Pureza", "Pedra Bonita" e "Riacho Doce" surgiram, marcando tendências, assinalando aperfeiçoamentos do Romancista, mas, parecendo erguidas na areia movediça da incerteza e do temor. O Homem não estava tão á vontade por esses novos sitios, como costumava ficar, nas paginas anteriores, de chapéu de palha, conversando com os negros do eito e fazendo coisas nas senzalas. Já era um publicista preocupado com a forma, menos livre no vocabulário, mais liberto da realidade, justamente porque deixou de copiar a vida - para "criar" a vida. Perdeu a espontaneidade, deixou de ser mero jornalista do romance, e se tornou - precisamente - um romancista.

"Pureza" anunciou um psicólogo, estudioso de dramas interiores, fixador de nostalgias e de torturas, que se diverte em pôr um cégo a fazer musica, a "caprichar" cada vez mais "na tristeza", enquanto uma vida se desenrola, nua e triste, entre apitos monótonos de trem - e lágrimas humanas.

"Pedra Bonita" é um estudo do cangaço. Não fabrica epopéias, não hipertrofia verdades. Falta-lhe homogeneidade. Poder-se-ia dizer que o romance ressentiu-se... com a exuberancia do assunto. O Autor poderia produzir dois ou três livros com aquele material, possivelmente mais fortes do que "Pedra Bonita". Independente destas considerações, atinge seu objetivo. Cronica social do sertão, encontramos em suas páginas, no bárbaro esplendor da realidade, o cangaço, a sêca e o fetichismo. Os capitulos são férteis em detalhes, em horizontalidade, contendo, tambem, lances impressionantes e arrebatadores.

"Riacho Doce" deve ser olhado de angulos diversos. Como romance de costumes, reconstituição folklórica, história de uma gente humilde e boa, realisação séria, nessa literatura brasileira tão li-

rica, em se tratando da terra. Sob outra face é fantástico e insipido. Ao sabor da imaginação e das leituras, o Autor se transporta ás nórdicas paragens da Suécia, onde o enredo começa. A fauna tipológica, embora numerosa, não deixa a mesma impressão existencial como, por exemplo, a de "Pureza" e a de "Moleque Ricardo".

Foi grande a nossa expectativa em torno de "Agua Mãe". O intervalo entre êste e o ultimo romance, a promessa de romance "do sal", a paisagem fluminense - tão esquecida - em que se desenrolaria a ação, tudo despertou a nossa curiosidade para "Agua-Mãe".

O romance é cheio de unidade e de força, de colorido e beleza. A linguagem, limpa, mais aprimorada na fórma e já se vislumbra, aqui e ali, um pouco de sadia ternura, de delicadezas humanas, muito distantesdo "naturalista" dos primeiros romances e do pessimista de sempre. De um antigo Lins do Rego sem escrupulos que se faz lembrar apenas um caso de amores lésbicos perfeitamente dispensável nas páginas de "Agua-Mãe".

—

"Menino, o que foi que tivestes? Olhava para o filho: - Coitadinho, está mesmo precisando de trato.

"A mãe Felipa, para um canto nem podia falar. Ouvia sómente, ouvia baixando a cabeça, para que nada perdesse. Chegou-se bem para perto de Joca. A mãe deixaria o seu quarto, para o filho dormir. Ele ficaria lá até que estivesse bom. Lá dava sol..."

"...Menina, deixa Joca. Vai fazer um cafezinho para ele.

"E quando foi á boca da noite apareceu o cabo. Já tinha sabido da chegada do filho e foi para ele e abraçou-se com ele. Nunca fizera aquilo em sua vida, assim com tanta efusão. O cabo tinha os olhos molhados:

Antonio bota Joca no nosso quarto.

E foi procurar os seus sapatos novos, para que Joca os calçasse. Devia estar com os pés doídos das botinas. E mandou que a mulher matasse uma galinha:

Mata a galinha pedrez para Joca. Faz um caldinho para ele.

"Olhou para o filho e viu que ele estava muito doente. Direitinho o seu amigo Florentino, que morrera assim amarelo. Sentiu a desgraça do filho. Chegou-se para a porta do fundo e viu a lagoa, com as estrêlas do céu dansando nas suas aguas. A iluminação da Casa Azul enterrava-se pelo fundo da lagoa..."

—

Sinhá Antonia, d. Mocinha e d. Luiza são três tipos de mães brasileiras: a muito pobre, a remediada e a rica. E' um paralelo curioso, uma competição de sentimentos e idéias que o Autor estabelece, caracterizando estados de espirito e evidenciando pulcras virtudes.

Paulo e Luiz são duas inquietudes que se encontram, se compreendem e se multiplicam. Luiz cresce na morte misteriosa - atinge de certo modo um absoluto bem compativel com o seu anseio. Paulo mediocriza-se na mesmice de si próprio, é um vulcão enterrado pelas suas lavas.

"Agua-Mãe" não é o romance do sal. Falhou inteiramente sob este ponto de vista. Tão pouco é fluminense pela paisagem. A vida das salinas, a faina dos pescadores, Cabo Frio e a lagoa de Araruama, aparecem incidentalmente, em descrições superficiais e ligeiras, que não dizem nada, não convencem. A verticalidade com que se vive em suas páginas, entretanto, impressiona. Sobriamente o Autor vai tecendo os mistérios da "Casa Azul", pintando assombrações, criando duendes. Atinge quasi os limites do trágico, e atinge sem desequilibrios, sem ridiculos. Consegue "disciplinar" a indisciplina do fantástico.

Aqui lembrarei uma tendência de toda a obra do sr. José Lins do Rêgo, - a tendência da morte. Protagonistas e fatos caminham inexoravelmente para ela. Não a morte normal, a morte serena, a morte lenta e definitiva. Mas essa morte pequena, mórbida, que vem chegando todos os dias, rondando a vida e conspirando contra ela. Desde as ilustrações da capa, tão desoladoras, sombrias e funebres (o sr. Santa Rosa viverá dentro de um eterno pesadelo?) Tudo tresanda a entêrro (e estamos no Brasil, terra cheia de pássaros e de luz!) Parece que o Autor alimenta verdadeira volupia em ir derrotando, um por um, os personagens. Ao terminar, os romances estão sempre povoados por u'a multidão de tristes e de loucos. Nenhum acha o caminho, nenhum se apruma - preferem se entregar, esperar o fim na completa renuncia de covardes e de anormais. E na vida não é assim: ha os que vencem, os que descobrem roteiros, os que amam, os que "vivem", os que conquistam o mundo. O sr. José Lins do Rêgo, considerando-se a sua obra literária, é exemplo do ideal e da capacidade realizadora, triunfando frente ao meio hostil e á burguesia estupida, em cujo seio a literatura é flor indesejável.

Os romances do sr. José Lins do Rêgo ainda guardam paisagens, grávidos de sol, de árvores e de montanhas, contrastando com a pequenês do homem. Aqueles, porém, que os seus confrades e discipulos escrevem, são piores. Dir-se-ia que êsses homens são impiedosos, inexoraveis, e sonham pelas páginas afóra, com um total aniquilamento, de que não escape ninguem, a não ser, infelizmente, o romancista.

Achamos mesmo que seja este o desconcertante defeito de que ainda não se libertou, êste milionário de idéas e de temas...

A técnica do romance é sobretudo descritiva. Personagens, fatos, acidentes, formam um mosaico de trechos, pequenas descrições que se ajustam - como tijolos - em construção onde a argamassa é pouca. A vida "em si" não se vê, não se descobre, embora haja, ás vezes, tentativa de realizá-la. O valor absoluto do Romance, no entanto, permanece intangivel ante estas coisas.

"Agua-Mãe" assinala a terceira fase da obra do sr. José Lins do Rêgo - a da fixação e sulificação. As duas outras poderemos chamar, respectivamente, a de formação (até "Moleque Ricardo") e a de transição (até "Riacho Doce"). E' um romance movimentado; a ação se reveste de força incomum nos romances anteriores. Tambem o futeból - o grande futeból das metropoles, o avião e o "turf" começam a entrar na literatura brasileira, através das páginas de "Agua-Mãe". Assim, êste romance interessa - é atual, vivo, agradável - e creio que melhor elogio não se poderia fazer a uma obra de ficção.

ESCRAGNOLLE DORIA

FREI CAMILO DE MONTSERRATE

Em todos os conventos do mundo o claustro é o reino do silencio no qual os proprios passos se amortecem. Pateo interno ao ar livre, com ou sem arcarias, ou fontes centrais, o claustro de mosteiros, celebres ou não, convida ao recolhimento de tão bôa precedencia á meditação.

Os claustros, outr'ora davam necropole a religiosos e religiosas, assim de ultima clausura nos conventos de suas ordens.

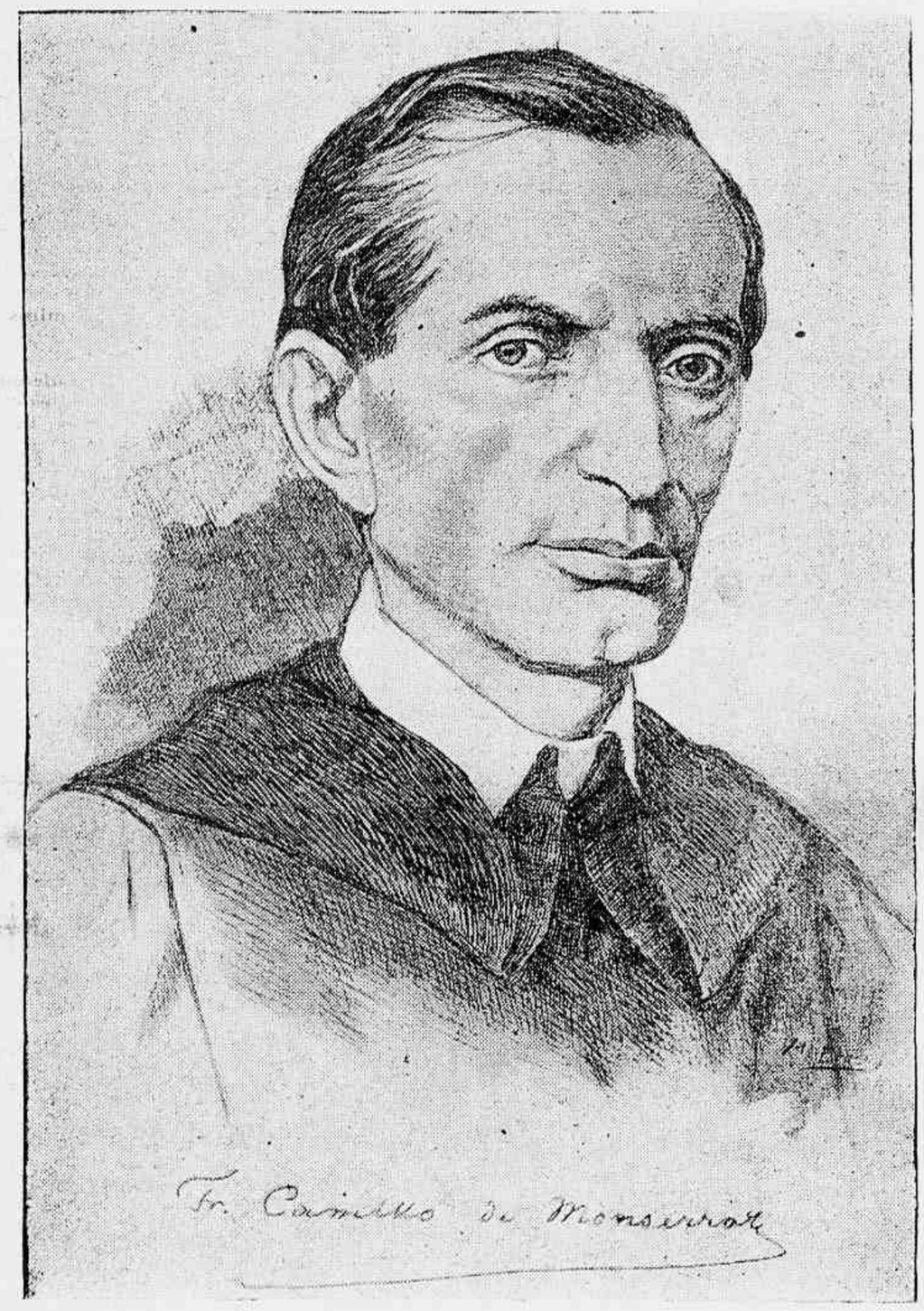
No mosteiro carioca de S. Bento, montuosamente afastado dos ruidos do Rio de Janeiro, sob lages de claustro repousam monges sobre cujas sepulturas rasas o visitante do recinto tem de levar pisadas.

Inscrições toscas cavadas na pedra sepulcral indicam os nomes dos sepultados numa brevidade condizente com a morte. No claustro de S. Bento um tumulo sobresae, o do monge beneditino D. Frei Antonio do Desterro, bispo do Rio de Janeiro de 1746 a 1773, os bispos falecidos na cidade enterrados desde 1721 até bem pouco na capela do palacio episcopal do morro da Conceição.

No claustro de S. Bento singela sepultura traz uma inscrição a fugir das palavras tantas vezes revoltantemente mentirosas dos epitafios.

"S. do R. Pe. Me. Ju. Fr.
Camillo de Mont-
Serrate Cleon
F. a 10 de Nbro.
1870"

Explicam-se as abreviaturas pela exiguidade da lage funeraria. O epitafio de acima indica o sitio do repouso final de frei Camillo de Montserrate Cléon, reverendo padre mestre jubilado falecido a 10 de Novembro de 1870.



Frei Camilo de Montserrate
(Paris 1818 — Rio de Janeiro 1870. Retrato em agua-forte por Modesto Brocos).

Ramiz Galvão traçou de longo a vida de frei Camillo, no seculo Jorge Estanisláo Xavier Luis Emilio Cléon, nascido em Paris a 14 de Novembro de 1818, vindo ao Brasil em 1841 e mais tarde ai naturalisado, monge beneditino em 1849, professor do Colegio de Pedro Segundo de 1850 a 1853, diretor da Bibliotéca Nacional de 1853 a 1870.

Ao valioso estudo de Ramiz Galvão, inserto nos "Anais da Bibliotéca", foi-nos dado acrescentar informações inéditas colhidas no arquivo do mosteiro de N. S. de Montserrate. São encontradas nas Publicações do Arquivo Nacional" em homenagem a frei Camillo, paleografo da instituição.

Vinte anos de vida publica contou frei Camillo exercendo funções docentes breves, outras administrativas, mas de espaço.

Nomeado em 1850, leu frei Camillo Historia e Geografia no Colegio de Pedro Segundo onde Joaquim Manoel de Macedo já ensinava as mesmas disciplinas de estreita conexidade.

Venciam ambos os ilustres docentes oitocentos mil réis anuos, sucedendo frei Camillo na catedra a dileto amigo, João Baptista Calogeras.

O reitor do Colegio, o grande Joaquim Caetano, saudou nestes termos a entrada de frei Camilo no corpo docente do estabelecimento:

"Felicito-me com o Colegio pela preciosissima aquisição que faz na pessoa de V. S. Reverendissima". Saudador e saudado eram humanistas profundos aptos a se compreenderem, estimando-se. Tal sucedeu.

Gosou pouco frei Camillo da companhia de Joaquim Caetano. Em Dezembro de 1851 aquele deixava o exercicio cumulativo de reitor e professor do Colegio de Pedro Segundo para ser encarregado de negocios nossos na Holanda; substituido na reitoria do Colegio pelo capitão de mar e guerra José de Souza Corrêa, antigo lente da Academia de Marinha.

Não se conhecem as relações entre frei Camilo e Souza Corrêa, provavel é que se entendesse bem o primeiro com frei Rodrigo de S. José, vice-reitor do Colegio, e monge beneditino.

Ao tempo da docencia de frei Camillo o estudo da Geografia no Colegio começava por generalidades no 2º ano do curso e continuava no 3º ano pelo estudo da Asia e da Africa, no 4º pelo da Europa e no 5º pelo da America. No 3º ano principiava a explicação da Historia Antiga, Oriente e Grecia, seguindo-se a explanação da Historia Romana no 4º ano, a da Historia Media no 5º, a da Moderna no 6º, a da Historia do Brasil no 7º ano. Eram cinco anos de estudos graduados de Historia e Geografia, estudos iniciados quando a inteligencia e o criterio do aluno iam crescendo á medida do desenvolvimento fisico.

No fim do ano letivo, havia o ajuste de contas entre docentes e discentes. "Os exames do Pedro Segundo não eram para graças", disia na velhice o conselheiro Duarte de Azevedo, bacharel em letras de 1851. Os alunos viam-se julgados po. duas mesas examinadoras, a primeira chamada Tribunal de Exame. Compunham-a o reitor, o vice-reitor e varios professores, entre eles frei Camillo. As notas eram conferidas por segundo Tribunal, o de Julgamento, formado pelo comissario do governo (o então visconde de Abrantes), pelo reitor (Joaquim Caetano), pelo vice-reitor (frei Rodrigo) e por um professor de letras e outro de ciencias não pertencentes ao Tribunal de Exame. Os examinandos subiam a uma tribuna para interrogatorio, eles a denominaram, entre si, já se vê, de caranguejola.

Bem disse La Fontaine da mocidade: "cet âge est sans pitié".

Findos os trabalhos do Tribunal de Julgamento, baseados nos do Tribunal de Exame, cada aluno recebia gráo de aprovação ou sentença, a de repetir o ano. Desconheciam-se segundas epocas de exames e nem a epidemia devastadora de 1850 autorisou por decreto aprovações em massa em disciplinas ignoradas.

Lecionando seis turmas de alunos no Colegio, frei Camillo dirigio-lhes não poucos estudos, naquelas turmas figurando discentes de futuro pessoas notorias.

Assim no ano letivo de 1851 estavam matriculados no 2º ano Peçanha da Silva, vindouro professor de medicina, e Thomaz Alves Nogueira, depois professor do Colegio; no 4º ano Bento Lisboa, depois desembargador da Relação da Côrte; no 5º ano o futuro barão de Lucena, José Ladisláo Terra, de tanta projeção politica no Uruguai, sua patria; no 6º ano Moreira de Azevedo, depois professor do Colegio.

Na turma de bacharelandos de 1851 três futuros ministros de Estado, Duarte de Azevedo, Carlos Frederico Castrioto e Costa Pereira.

Nas instituições como nos lares raro é o ano sem luto. Em 1852 perdia o Colegio de Pedro Segundo o vice-reitor frei Rodrigo de S. José, beneditino como frei Camilo. Outro beneditino vinha substitui-lo, frei Luis da Conceição Saraiva, ao depois bispo do Maranhão.

Seria 1853 o ultimo ano de magisterio de frei Camilo no Pedro Segundo; o Colegio então beneficiado pela iluminação a gaz, iluminação esta já inaugurada em parte do Rio de Janseiro em Março de 1852.

A 23 de Abril de 1853 era exonerado frei Camilo da catedra que regera com reconhecida e alta competencia. Chamava-o o governo imperial a outras funções, que como o magisterio não dispensavam amor a livros.

Premiava o governo frei Camilo honrando-o com a nomeação para bibliotecario da Biblioteca Nacional e Publica da Côrte, de séde no largo da Lapa, junto ao Casino Fluminense, de salões no edificio do atual Automovel Clube.

Logo na entrada da Biblioteca existia um busto em marmore de D. João VI. Para o Brasil em 1808 trouxera o principe a biblioteca do palacio da Ajuda em Lisboa; a livraria do Infantado e copia de manuscritos, tudo a formar para nós o nucleo livresco da futura Biblioteca Nacional em cuja entrada se encontrava pois bem justificado o busto de D. João VI.

Funcionára a Biblioteca em parte do hospital do Carmo, aos fundos da igreja do mesmo nome na rua 1º de Março. Caberia a frei Camillo inaugurar, a 4 de Agosto de 1858, a nova séde da Biblioteca no largo da Lapa, embora o bibliotecario houvesse opinado pela construção de um palacio, para a edificação do qual já faltava a proficiencia arquitetonica de Grandjean de Montigny.

A Biblioteca da Lapa do Desterro ficou franqueada ao publico verdadeiramente leitor ou simplesmente curioso. Os empregados de qualquer biblioteca conhecem por primeira vista a diferença entre aquelas duas classes de consulentes.

Das nove da manhã ás duas da tarde podia o publico pedir livros, manuscritos ou estampas á Biblioteca. Para qualquer nota a repartição fornecia papel, pena e tinta!

Ao tempo da Diretoria de frei Camilo, além da Biblioteca Nacional mais três instituições congeneres serviam publico. Uma era a Biblioteca da Marinha, no Arsenal da Marinha, rica de 7.000 volumes e instituida em 1847 pelo ministro da Marinha Hollanda Cavalcanti.

Outra biblioteca do tempo era a Fluminense, instalada em 1847 por Bernardo Joaquim de Oliveira e sustentada por acionistas. Foi associação muito importante. Em 1860 tinha por presidente o conselheiro Pedreira, por secretario o conego Fernandes Pinheiro e por bibliotecario João Carlos de Souza Ferreira, de nome prestigioso na imprensa carioca. Contava a Fluminense um empregado que residindo nela chegou a conhecer a biblioteca na palma da mão, para utilidade de estudiosos e pesquisadores. Chamou-se o prestimoso Francisco Antonio Martins...

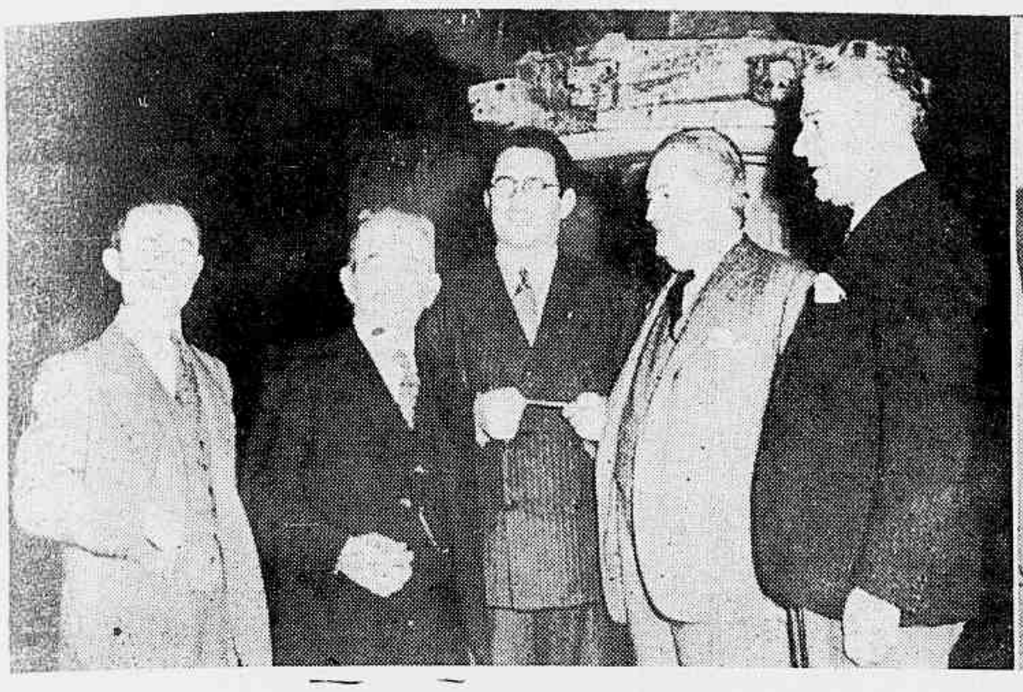
As três citadas bibliotecas tinham por complemento uma loja de alugar livros, mantida pelo francês Martins, com o nome de Gabinete Francês.

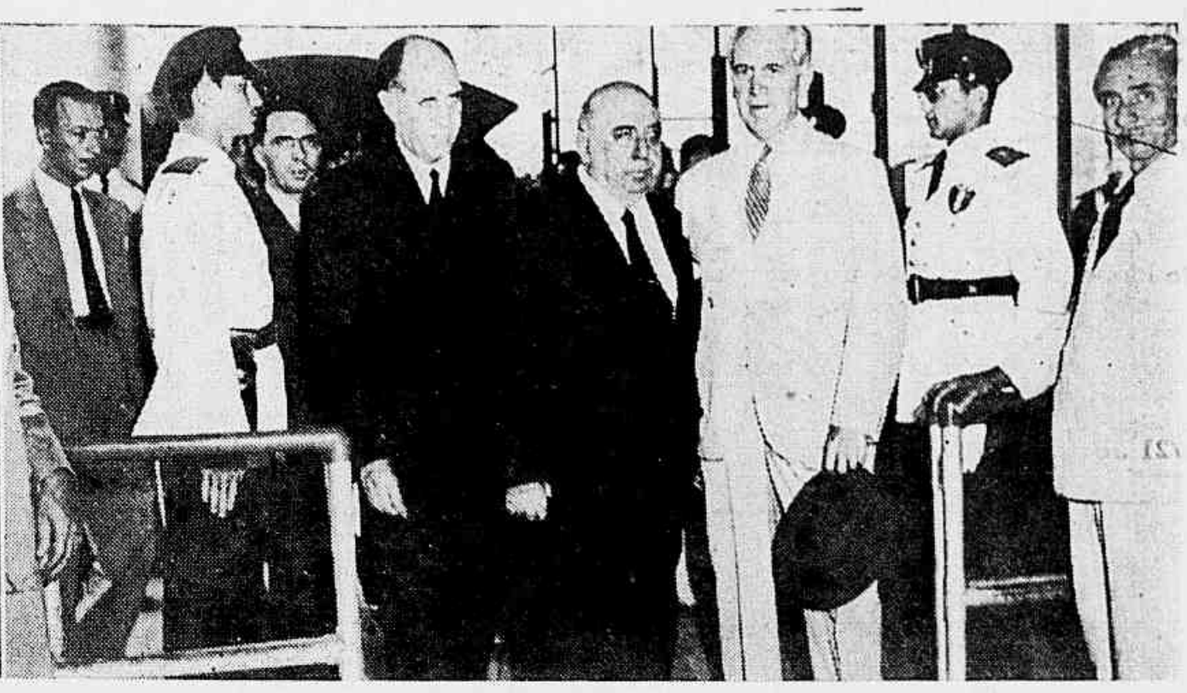
Frei Camilo tinha comodos para habitação na Biblioteca Nacional e desta só se afastava para recolher-se ao mosteiro de S. Bento em grandes solenidades como as do Natal ou para veraneios em sitio muito do seu agrado, a ilha do Governador, ilha-mór da Guanabara.

Em 1870 teve frei Camillo sofrimentos fisicos agravados pela, derrota da França na guerra franco-prussiana. Na tarde de 19 de Novembro de 1870, na ilha do Governador, cinco dias após o seu natal, morria frei Camilo na misericordiosa agonia rapida, assistido apenas pelo africano liberto Faustino, servente da Biblioteca.

Setenta e dous anos de existencia dividiu-os frei Camillo entre a patria de berço e a adotiva. Esteve descontinuadamente no Brasil de 1844 a 1870 e de 1853 a 1870 no serviço publico nacional, nele válido e depois no natural declinio da força. Na propria natureza significando adeus, os ocasos, mesmo luminosos, são sempre tristes.

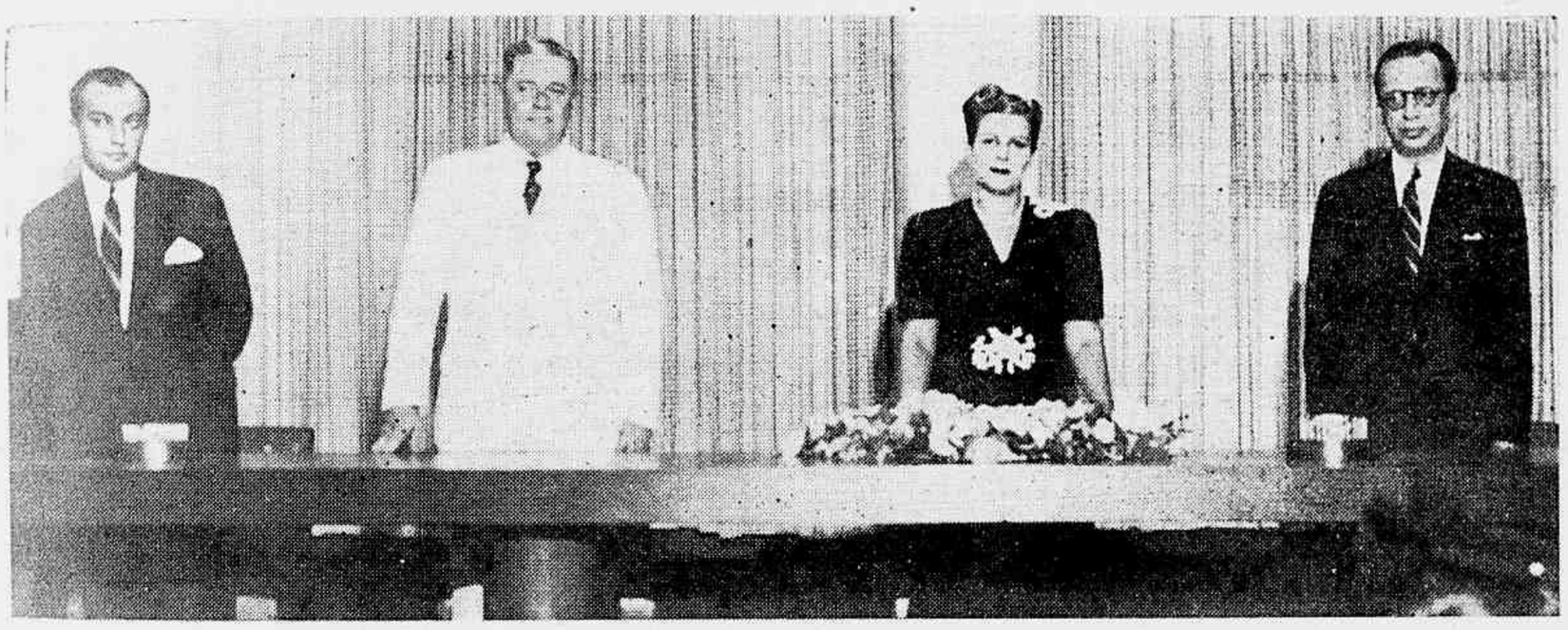
FIGURAS E FATOS





O compositor brasileiro Camargo Guarnieri conquistou nos Estados Unidos, onde se encontra atualmente, valioso premio em um concurso instituido pela união Panamericana. A composição do musicista patricio foi executada em numerosos concertos, tendo como solista o violinista Iso Brisselli. Na fotografia, feita em Washington, aparecem da esquerda para a direita: O concertista Iso Brisselli, o Sr. Samuel Fels, compositor Guarnieri, o embaixador Carlos Martins e o Sr. Alencastro Guimarães primeiro secretario da Embaixada do Brasil nos Estados Unidos. (Foto da Inter-Americana).

De passagem para os Estados Unidos, foi hospede do nosso governo, durante algumas horas, na semana passada, o chanceller do Uruguai, Alberto Guani. Vemos nas fotos, a chegada de s. ex. no aeroporto, ao lado do ministro Oswaldo Aranha.



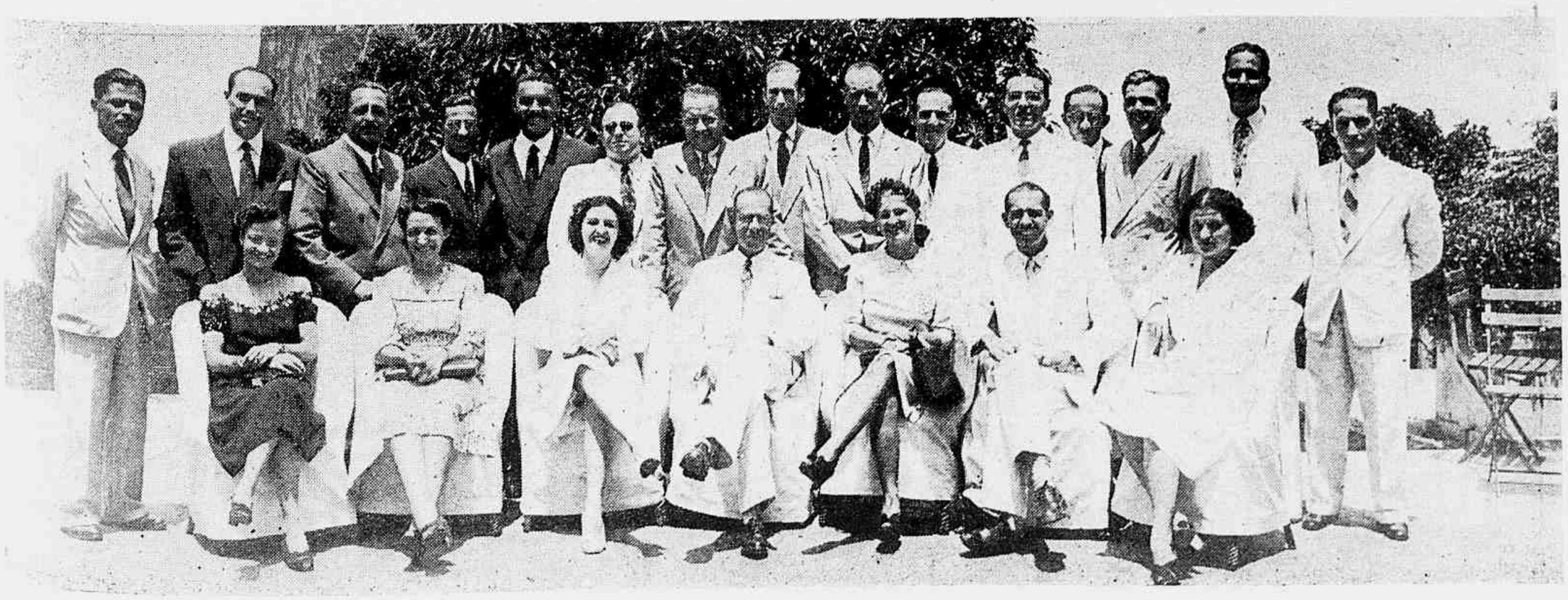
CONFERENCIA DA ESCRITORA VIOLETA DE ALCANTARA CARREIRA — Realizou-se na A. B. I. a palestra de Violeta de Alcantara Carreira sobre o oportuno tema "As mulheres contra o nazismo", tendo sido o produto da venda de ingressos consagrado ao esforço de guerra do Brasil, para ser entregue á L. B. A. por intermedio do Dr. Herbert Moses, presidente da Casa do Jornalista. A' mesa da Sala do Conselho, ornamentada de rosas, em forma de V, sentaram-se os senhores Drs. Rodrigo Octavio Filho, secretario geral da L. B. A., Milton Trindade, representando o ministro Marcondes Filho, e Manoel Bandeira, da Academia Brasileira de Letras.

O Snr. Rodrigo Octavio Filho agradeceu á conferencista sua cooperação para o esforço de guerra nacional, em nome daquela instituição, a que preside a Snra. Darcy Vargas.

Encontravam-se na sala da A. B. I. distintas figuras do mundo literario e social do Rio e de S. Paulo, onde a snra. Violeta de Alcantara Carreira foi assidua colaboradora da imprensa e, recentemente, pronunciou uma palestra em beneficio da Cruz Vermelha Brasileira.

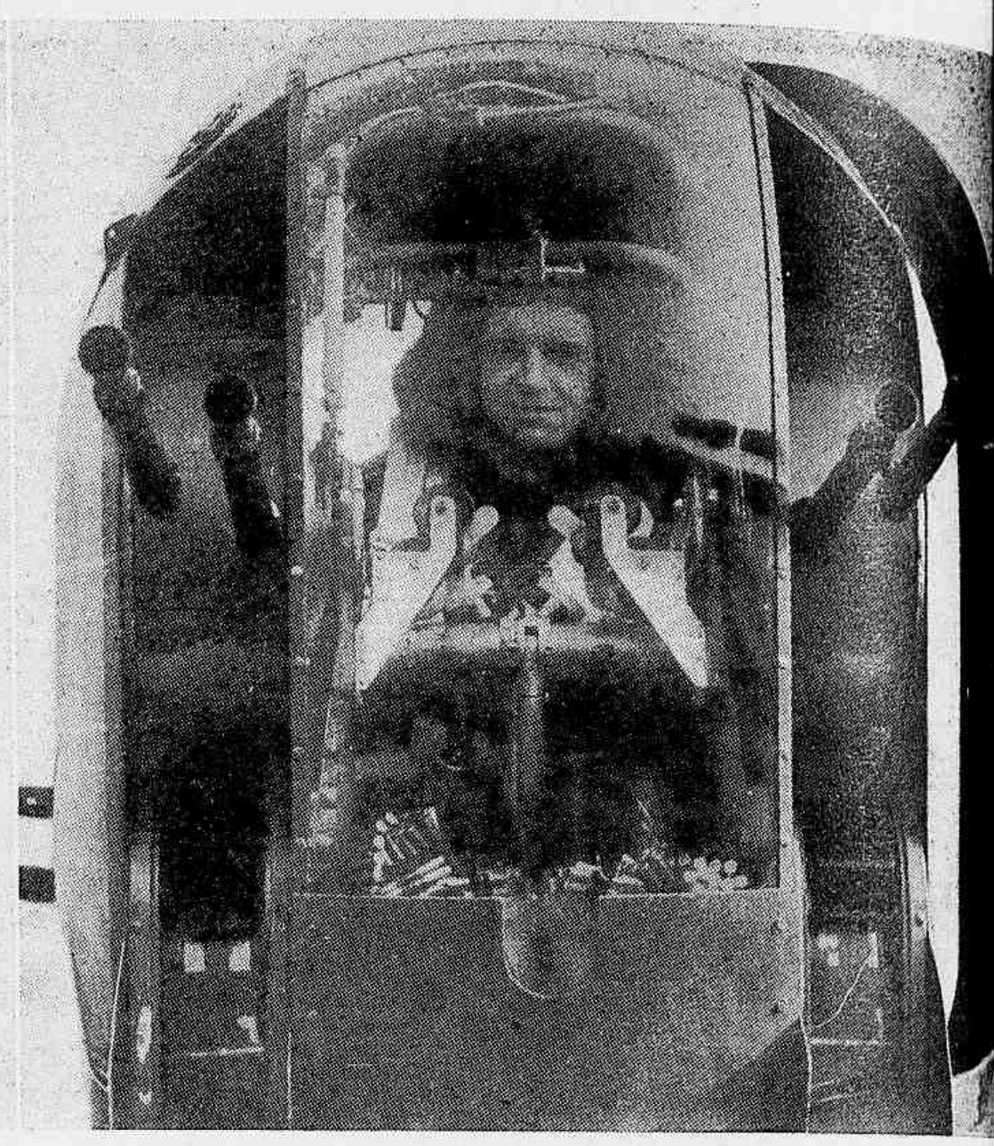
CENTRO DE MATERIAES DE CONSTRUÇÕES—Realizou-se no dia 29 de Dezembro, no Clube Ginástico Português, o almoço de confraternização anual promovido pelo Centro de Materiais de Construção, tendo tido a presença de altas personalidades. O Dr. Arthur Lins de Vasconcelos Lopes, como orador oficial proferiu brilhante e eloquente oração, examinando a situação politica do país e do mundo, encarando os diversos aspectos da vida social, econômica e financeira do Brasil.

Da esquerda para a direita: Srs. Francisco Rosa, Ciriaco José Luiz, Dr. Daniel de Carvalho, Dr. João Daudt de Oliveira, Arthur Hortencio Bastos, Cmte. Frois da Fonseca, Dr. Randolfo Chagas, Adriano de Almeida Mauricio e Manuel Jacinto Ferreira.



Almoço em homenagem ao Dr. Mario Vaz de Melo, oferecido por um grupo de assistentes dos serviços chefiados pelo mesmo. Durante o almoço fizeram-se ouvir vários oradores, falando em nome dos antigos assistentes o dr. Aloysio Alves e dos novos o dr. João José Silva.

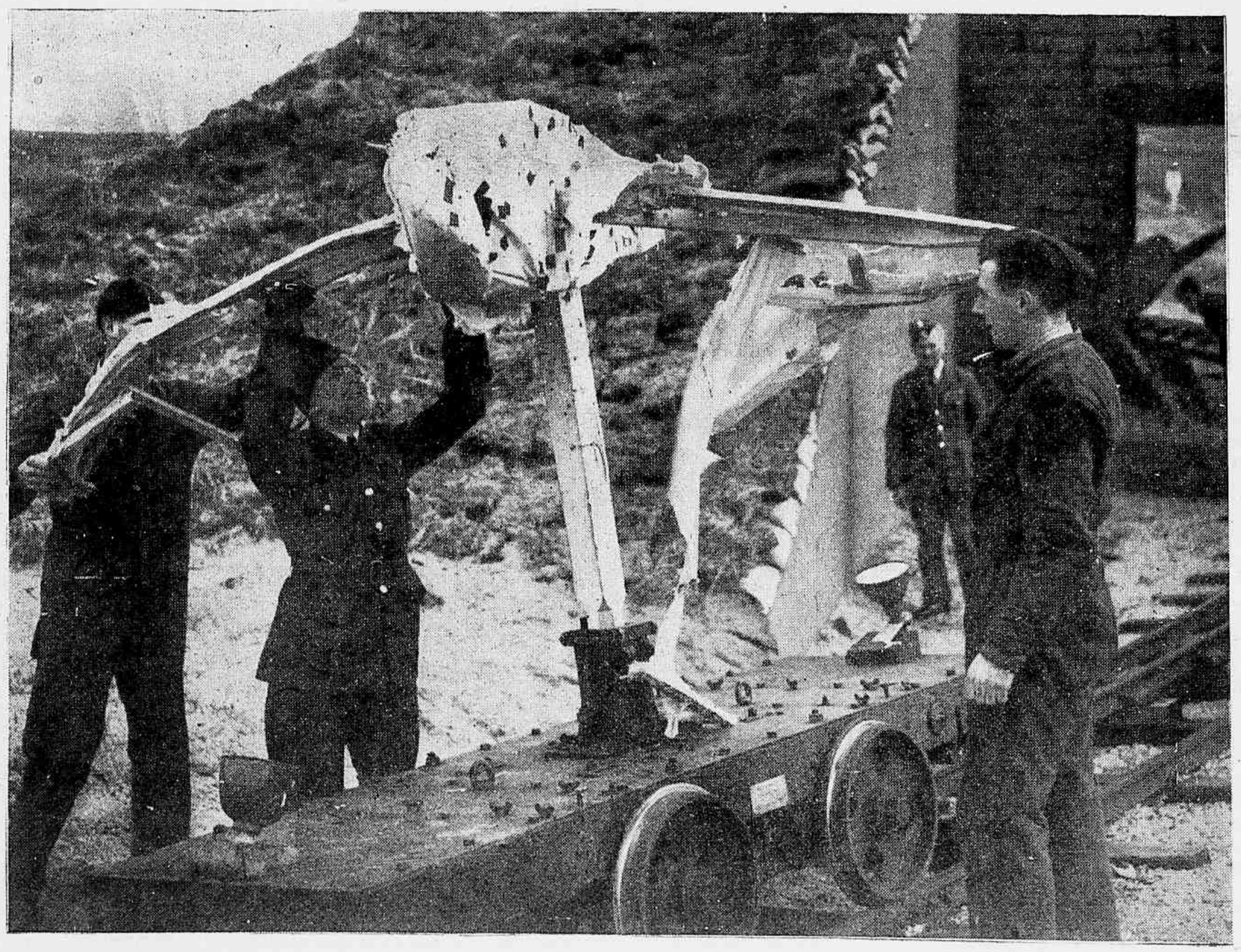
Perfil de um metralhador



De olhar aquilino, e dotado de um espirito vivo, pronto para fazer face a todas as emergências, corajoso, paciente e determinado em suma, um metralhador aéreo da RAF é um dos milhares dentre os que são apelidados "Tail-End Charlie".

O serviço de metralhador aéreo exige um elevado grau de paciencia, mas no fim de contas tem as suas compensações

Do *B. N. S.* --- Especial para a REVISTA DA SEMANA



E' um esplêndido atirador; o seu treinamento, na verdade, nunca pára, porque, quando não está voando, treina o tiro com grande regularidade. Eis um alvo que é rebocado pelo campo - e que ele põe em frangalhos com o fogo das suas metralhadoras.

Quando em serviço, acha-se isolado do resto da tripulação, fitando os céus durante horas a fio, fazendo girar as suas metralhadoras para um e outro lado, esperando sempre esperando. Se um nazista se aventurasse para perto desses canos ameaçadores, é assim que ele haveria de ver Tail-End Charlie". Mas não viveria para o encontrar outra vez.

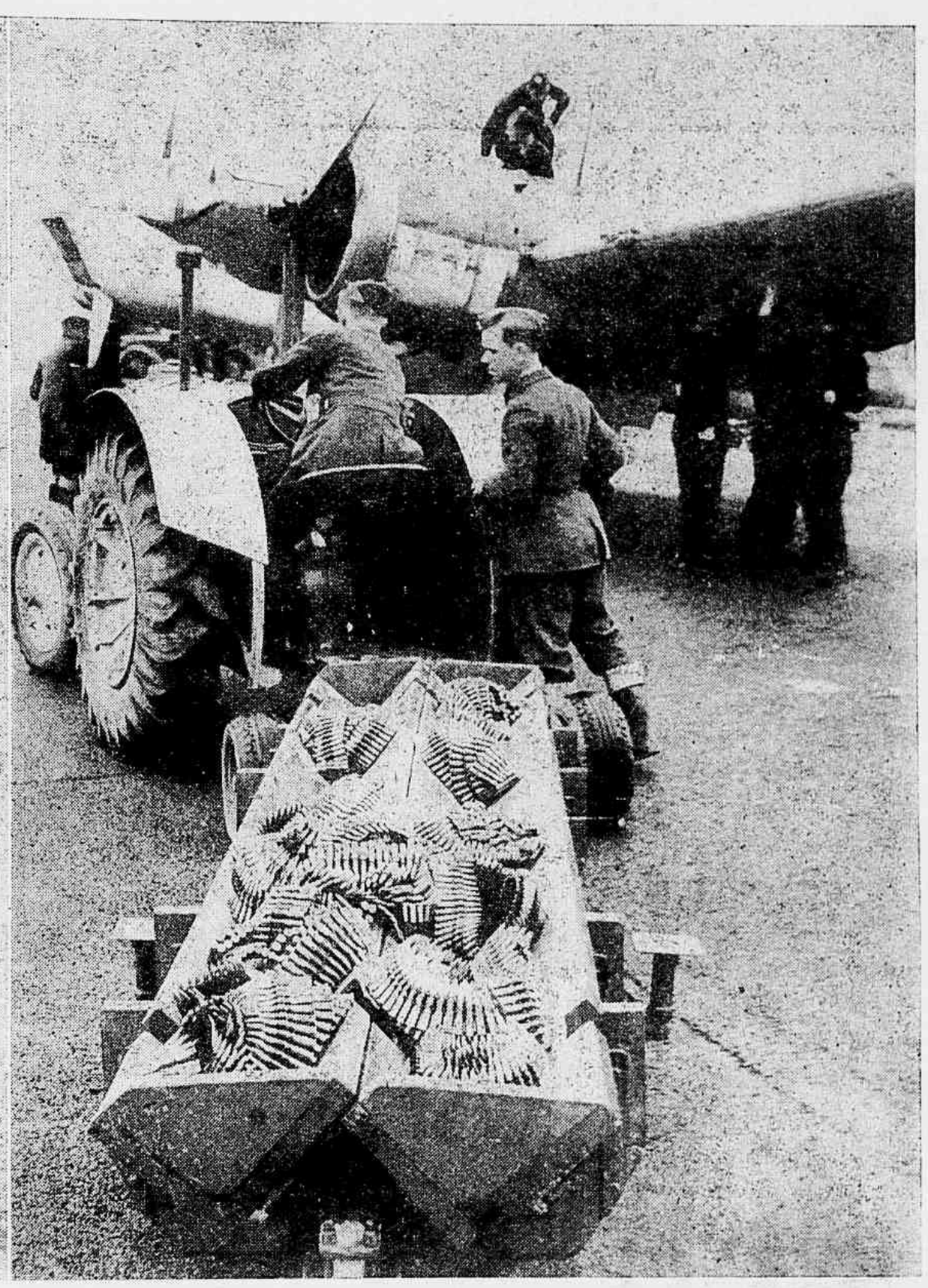
Pouco importa o seu verdadeiro nome, pois não tardará a ser apelidado "Tail-End Charlie" (Carlito da Pôpa). E até gostará do apelido, se bem que seja provavel que ambicione melhorar de posto, dentro em breve. "Charlie" é o homem cujo retrato o leitor deve ter visto muitas vezes, sem talvez lhe haver prestado particular atenção. A sua idade varia entre os 20 e 40 anos, mas em geral é muito moço. No peito do seu dolman da RAF usa como distintivo uma asa, com as letras A. G., iniciais de "Air Gunner" (metralhador aéreo). Não deseja, é claro, ser metralhador aéreo o resto da vida. Pretende acrescentar as iniciais W. A. ("Wireless Operator"-rádio-telegrafista). E é por isso que passa tanto tempo praticando o código Morse.

E' enérgico e vivo, dotado de excelente vista, é calmo e ao mesmo tempo capaz de reflexos rápidos. Precisa de todas essas qualidades, e de mais ainda, pois da sua habilidade em atirar com precisão depende não só a sua vida como a dos demais tripulantes do seu avião. Tem confiança em si próprio e não demonstra preocupações. Passa uma grande parte do tempo mascando, aparentando uma certa indiferença. Ou pelo menos assim pensam aqueles que não o conhecem bem.

Embora raras vezes o confesse, tem grande entusiasmo pela sua tarefa. E, no entanto, é estranho que assim seja. Vive horas a fio - desde a decolagem até a aterrissagem - num banquinho que mal o póde acomodar, e metido numa cúpula que não lhe permite espreguiçar-se. Durante todo o percurso é obrigado a manter-se vigilante, com o dedo no gatilho enquanto a sua torre de tiro gira lentamente, pronto para fazer fogo contra qualquer avião inimigo que possa surgir. E a maior parte das vezes, segundo ele próprio se queixa,

dor de pôpa da R.A.F.

Limpa e lubrifica ele próprio as suas metralhadoras, com grande carinho, antes de cada incursão. Depois, leva-as para a popa de seu aparelho e, logo antes da decolagem, o metralhador dispara alguns tiros afim de ter a certeza de que as armas estão funcionando bem.



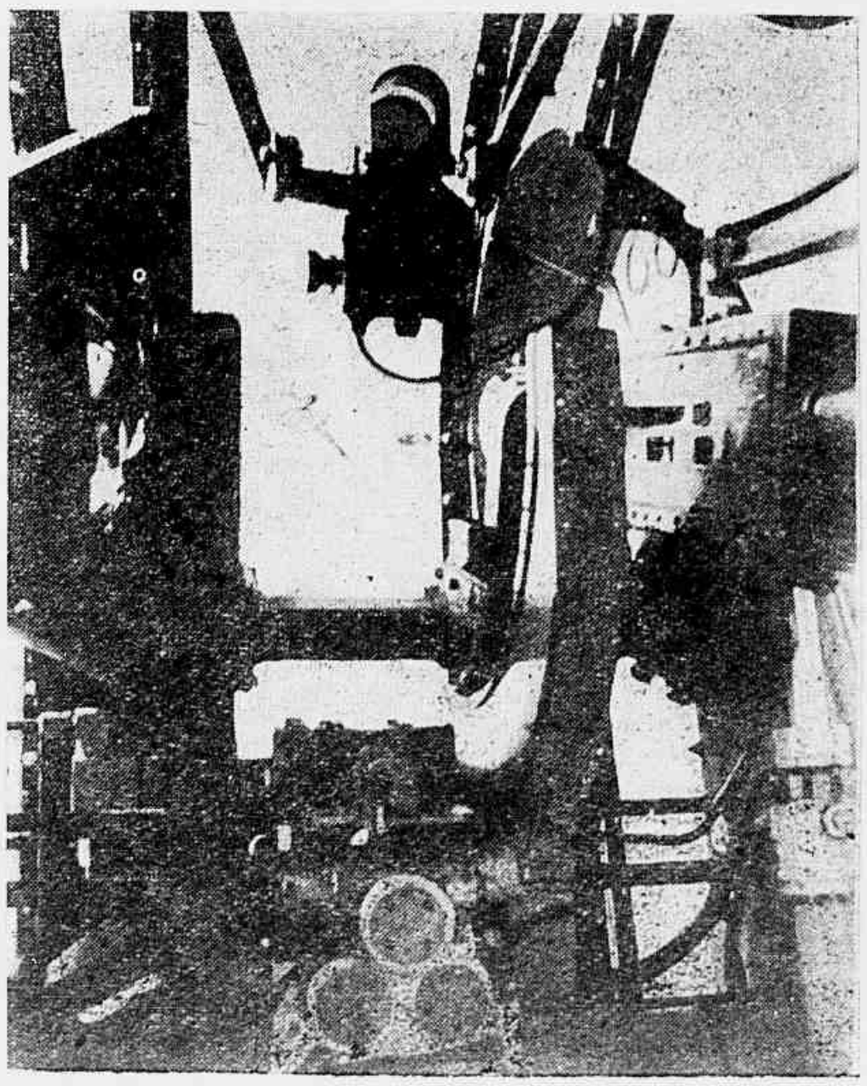
Em baixo — O grande momento de "Tail-End Charlie" ocorre quando o inimigo é diretamente enquadrado no seu aparelho de visada. Eis como ele avista da sua torre de tiro. Abre fogo - e canta de alegria ao ver mais um nazista cair em chamas, rumo á terra que fica muito longe, lá embaixo.

nem isso acontece. E, o que é pior, faz um frio horrivel na cauda do avião. Naturalmente, a sua roupa, botas e luvas são aquecidas por eletricidade. Só tem medo que algum estilhaço de granada venha interferir com o funcionamento das suas metralhadoras, obrigando-o a descalçar as luvas afim de reparar a peça "enguiçada". Com a temperatura a vários graus abaixo de zero, as consequências de tal gesto pódem ser bem desagradaveis - é possivel perder um dedo por congelamento. "Charlie" cuida, limpa e carrega as suas metralhadoras.

A habilidade de onde se acha localizado no aparelho é magnifica - em geral póde avistar da sua torre tudo que se passa em redor. Já que, na maioria de vezes, as operações em que toma parte são realizadas durante a noite, não lhe é possivel ver exatamente onde cáem as bombas. Mas vê as suas explosões, tal qual rápidas centelhas aqui e acolá, na distancia. E, depois, um clarão que se espalha lentamente, lá em baixo, pouco a pouco iluminando o céu como uma falsa madrugada. E' a prova do êxito do trabalho daquela noite. Mais um pedaço da produção de guerra nazista que se transforma em escombros e fumaça. Depois, fica pensando que seria bom que o presenteassem com algum "Dornier" para servir de alvo às suas metralhadoras. Afinal de contas, tem tanto que gostaria de pôr em prova a sua habilidade. Atirou em imagens projetadas em uma tela, em pratos de barro, em alvos rebocados por outro avião. Está habilitado a identificar instantaneamente qualquer tipo de avião, quer seja amigo ou inimigo, que possa atravessar o seu campo de tiro - em operações é claro. Mas de noite são poucas as oportunidades. Não há duvida, sabe muito bem que a função de um bombardeiro consiste em lançar bombas, e não em combater. Portanto, continua vigilante, mascando a sua goma. E, com o dedo no gatilho, espera.

E' geralmente no caminho para casa que chega a sua oportunidade, quando a temperatura está ainda mais baixa, o dia prestes a romper, e mais uma excursão quasi terminada. Lá em baixo, há um aeródromo nazista. Está com sorte - eis um "Junkers-88" que regressa á sua base. Vai aterrissar. "Tail-End Charlie" comunica-se com o piloto de seu avião. Quasi que lhe implora baixar, afim de ter uma oportunidade. Está bem, vem a resposta no telefone. O comandante concorda.

Mergulham sobre o aeródromo, atrás do "Junkers", e de repente, no momento oportuno, o metralhador abre fogo. Bastam uns cem tiros bem dirigidos, e o "Junkers" esfacela-se de encontro ao sólo, e explode. E' um instante magnifico para o metralhador. Chega a duvidar se, afinal, valerá a pena ser telegrafista, e ter seu tempo entre o aparelho de rádio e as suas metralhadoras. Pelo menos, na sua tarefa atual, pode ao menos ter tempo para observar o resultado do seu esforço.

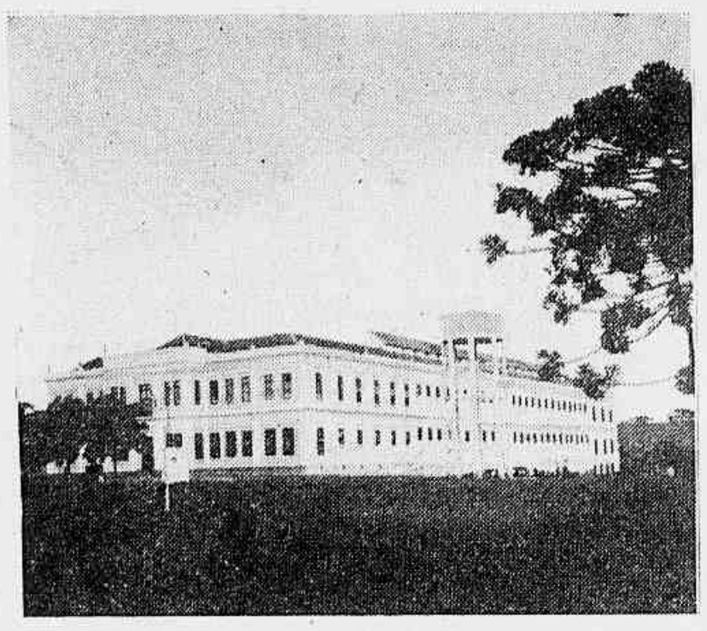


Ao alto — Carretas de munições, que as metralhadoras esperam poder utilizar, são transportadas para os bombardeiros, antes de ser desfechado um ataque britanico. As vidas de todos os tripulantes dependem da rápida visão e do fogo certeiro das metralhadoras do avião.

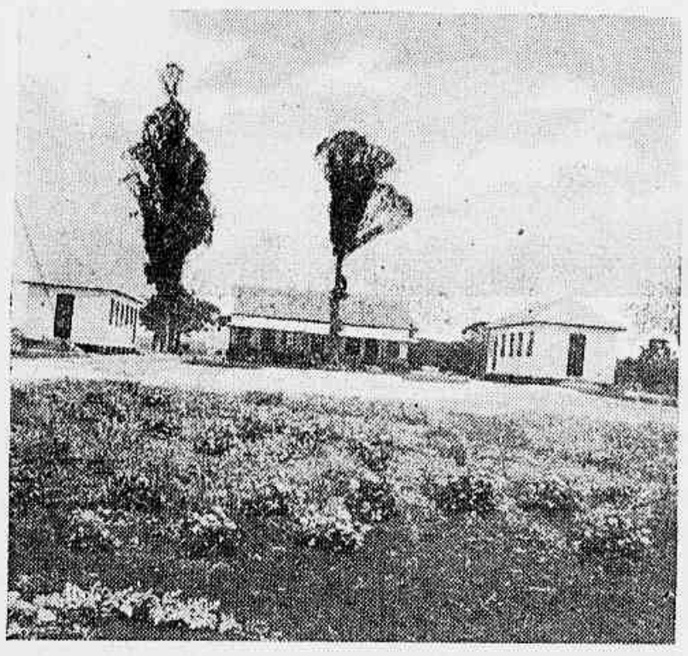
Uma prisão sem grades

MARIZA LIRA

Detidos trabalhando na Agricultura.



Penitenciaria do AU, em Curitiba.



Administração, refeitorio e arquivo da Colonia Penal Agricola de Piraquára.

Trouxe de Curitiba uma visão apoteótica.

Nas vesperas do regresso resolvi imprevistamente uma visita à penitenciaria.

A sentença de Maudsley soava-me ao ouvido enquanto me aproximava do velho presidio· "Os criminosos vir.am a ser loucos si não fossem criminosos. ."

O casarão do Aú destacava-se já, entre a frondaria dos pinheiros. Contou-me então o cicerone que fôra construido em 1908 para Hospital de Alienados, sendo depois adaptado a presidio de acordo com o sistema tipo cruzeiro de reformatorio americano. Fôra o primeiro instalado na Republica, seguindo as bases mais modernas da ciencia penal da época.

Hoje já não correspondia às exigencias do momento, pois em 144 celulas estavam alojados perto de 500 detentos.

Foi o capitão Fernando Flores, secretario do Interior, Justiça e Segurança Publica, ainda quando Chefe de Policia, que iniciára a reorganisação do sistema presidiario no Paraná, conjugando os ditames das leis penais mais modernas às imposições regionais e às possibilidades do Estado.

Aí está o maior valor da obra que pude apreciar detalhadamente.

Tudo no Presidio do Aú é ordem, higiene, trabalho e disciplina.

Desde 1939 que dirige o estabelecimento o Dr. Fredericindo Marés de Souza, moço ainda, cujo físico nada lembra o tipo classico do carcereiro, mas de energia rigida e um tino administrativo admiravel.

Na secretaria pude conhecer pelo prontuario, perfeitamente organizado, os criminosos mais temidos.

Aos presos não falta assistencia sanitaria, religiosa, espiritual, reformadora por excelencia.

Capela, biblioteca, gabinete medico, dentario, oficinas, refeitorio, cozinha, padaria, seção avicola, horta, pomar, tudo organizado pela atual direção traduz o pensamento fixo de fazer do presidio um reformatorio de onde saiam para a sociedade homens aptos para o trabalho.

As oficinas amplas, arejadas, iluminadas pela luz do sol que entrava pelas grandes janelas, fariam inveja a muito operario livre que se estiola em acanhados cubiculos sem ar e luz, nas pequenas fabricas das grandes cidades.

A banda de musica iniciou uma valsa. Tocavam em minha homenagem. Que vontade tive de tirar as grades áquela gente que alí trabalhava!

Informou-me então o Dr. Marés que em Piraquára era uma realidade o meu pensamento.

O interventor Manoel Ribas realiza no Paraná um grandioso programa de obras sociais.

Atendendo a que o Estado é essencialmente agricola, com grande extensão litoranea, a Escola de Trabalhadores Rurais e a de Pescadores iniciam a profilaxia criminal enquanto a Penitenciaria Agricola reeduca o delinquente.

Esse ponto basico foi posto em prática, com ótimos resultados, pelo capitão Fernando Flores, que entregou ao Dr. Marés a direção do Presidio de Aú e da Colonia Penal Agricola Manoel Ribas, em Piraquára, semente da Penitenciária Agricola que ali será brevemente construida.

Rumamos para Piraquára. Uma fazenda com 500 alqueires de terra nova e fertil.

Uma porteira apenas dá ingresso à Colonia. Lá ao fundo entre majestosos pinheiros, os alojamentos dos presos em casas de madeira tipicas do Paraná.

Não ha grades nem guardas. Cada preso tem o seu tanto de terra e escolhe a cultura que prefere. Os alojamentos teem 15 camas brancas e limpas. Refeitorio, casa da administração, almoxarifado, tudo conserva a naturalidade sertaneja.

O preso que veio do campo afeito à vida livre não sente o peso da sentença. Até o banho, no lageado, na agua do corrego limpida e fresca é tal como a tomam os sertanejos.

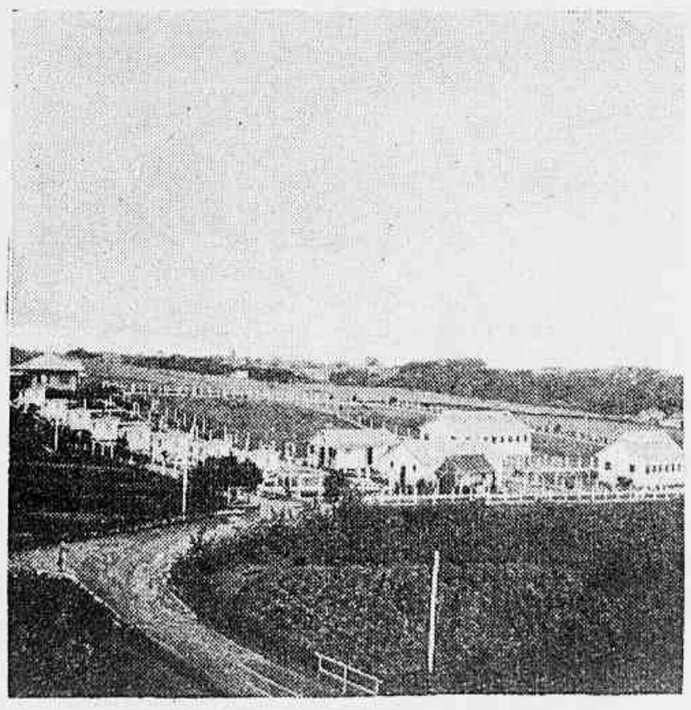
De uniforme "zebrado" ha poucos porque a veste aviltante está sendo substituida pelo zuarte azul.

Conversei com o velho Levino, preto de 70 anos. Trabalha em liberdade, animado pela certeza de que breve terá ali os seus.

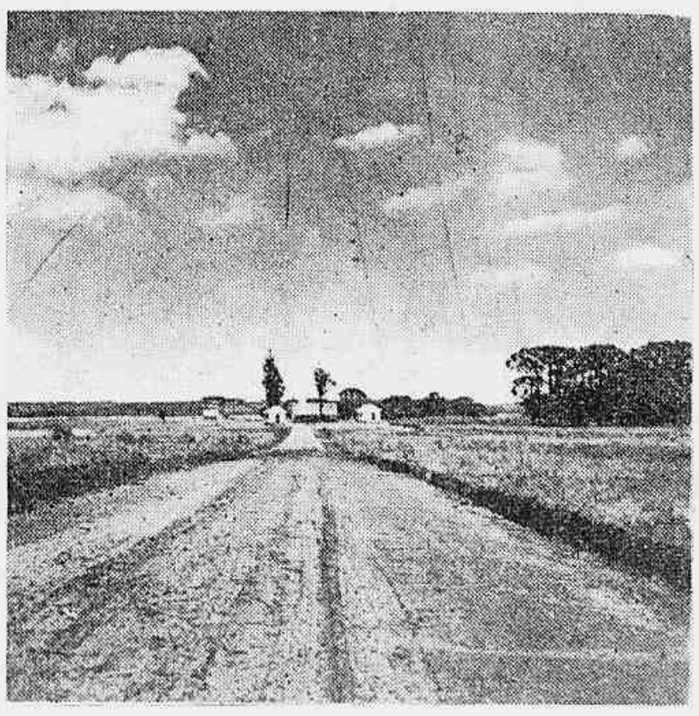
As casas residenciais para a familia dos penitenciarios é caso resolvido e será em breve realizado.

Caía a tarde. Deixei Piraquára. Um cenario magnifico de poente paranaense. Cada vez mais longe ficava o grupo de presos que acenava com os chapéos em despedida.

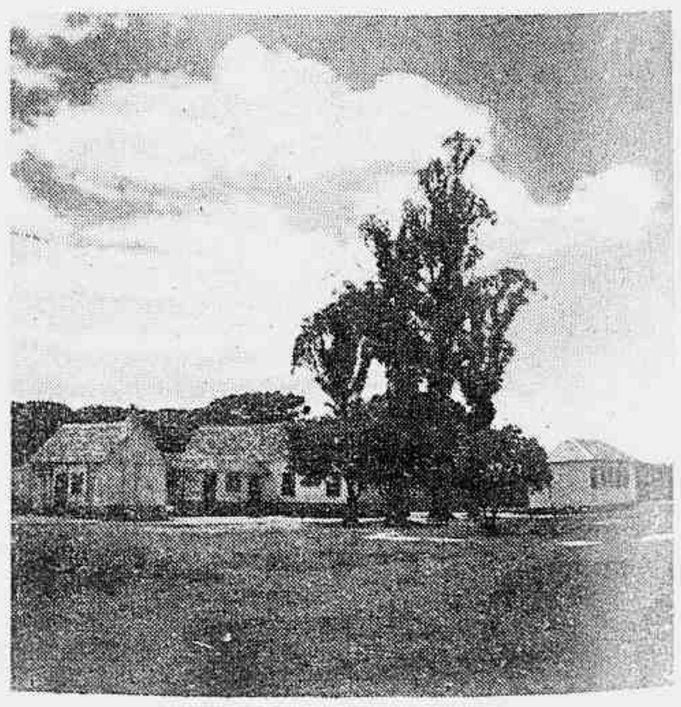
Intimamente bemdisse a obra do interventor Manoel Ribas, do capitão Fernando Flores e do Dr. Marés, dando àqueles infelizes uma prisão sem grades.



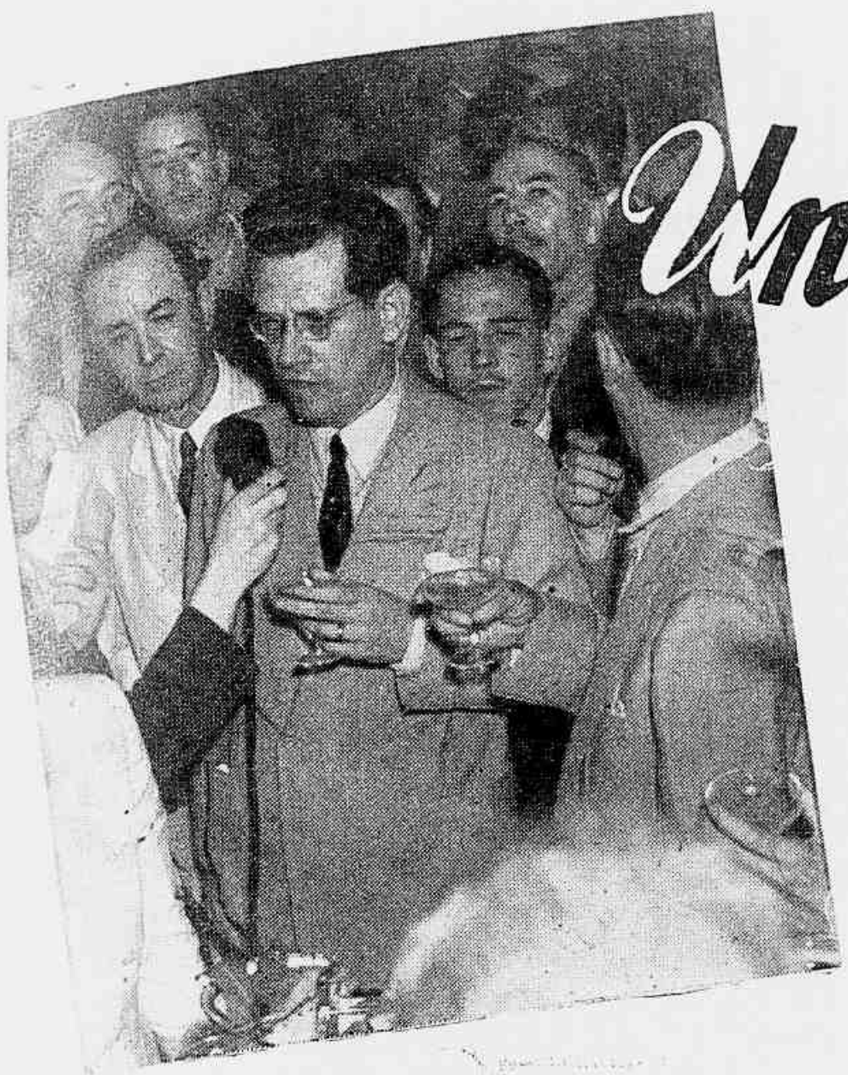
Aviário da Penitenciaria do AU, em Curitiba.



Entrada da Colonia Penal Agricola Manoel Ribas, em Piraquara.



Alojamentos de presos na Colonia Penal Agricola de Piraquara.



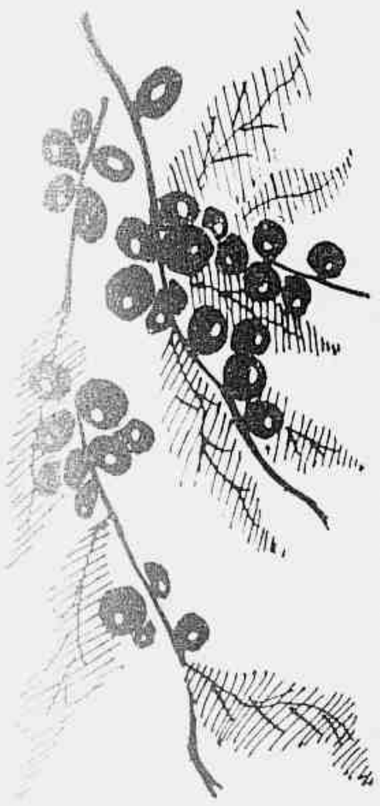
Unico no Mundo

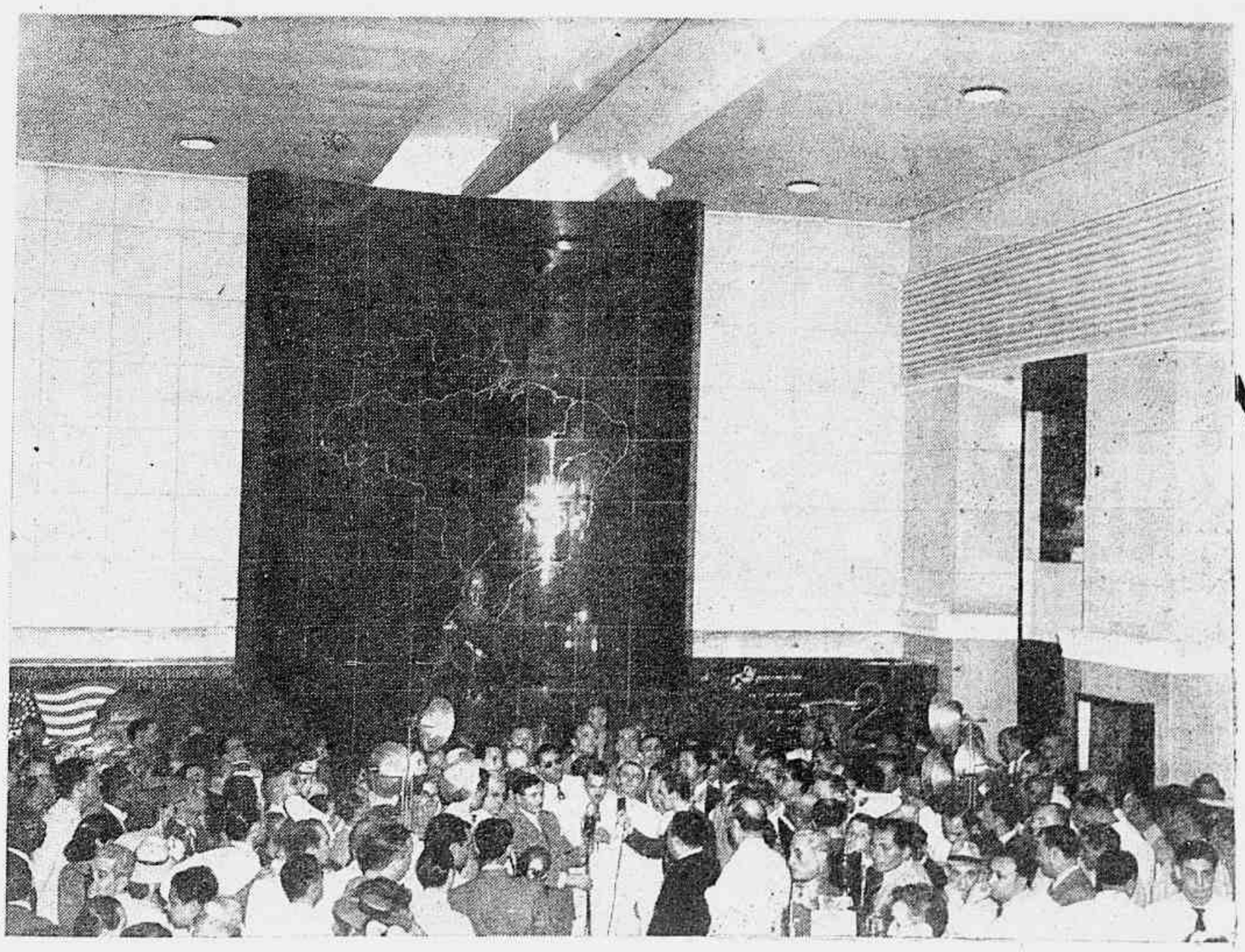
Para o carioca, que é o melhor consumidor de café, o Palacio proporciona o melhor café, combinação de cafés finissimos, isento de gosto rio; café que é, ao mesmo tempo, aperitivo. E, de café, ainda refrescos, sorvetes e doces. Tudo, atravez de aparelhamento modelar e modernissimo, com o maximo de rendimento, rapidez e condições higienicas. Um ambiente de distinção para o publico em geral e, especialmente, para as senhoras, que pódem frequentá-lo na certeza de ser cercadas das maiores atenções. A pagina registra flagrantes da inauguração.

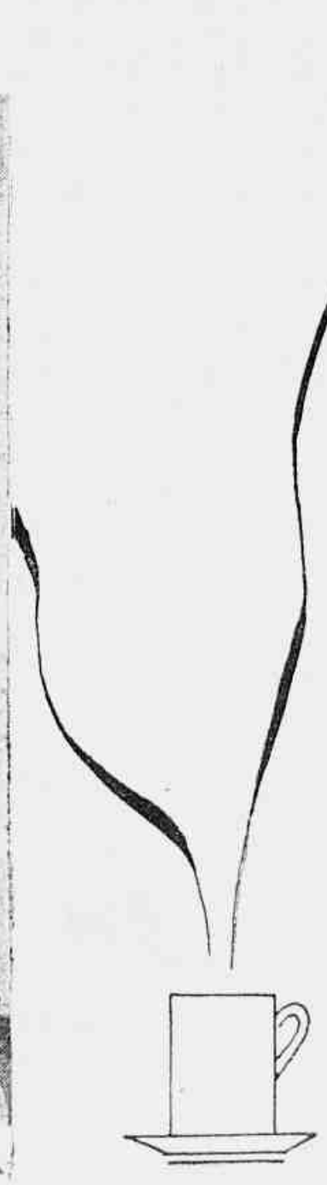
PALACIO DO CAFÉ

Concorreram para o lançamento do "Palacio do Café"

Cia. Construtora.
Alcides B. Cotia — Construção.
Antonio Marandino — Marmorista.
Rodrigues de Almeida & Cia. — Louças, cristais.
Blaques & Rosario — Ladrilhos — Aparelhos sanitarios.
Costa Pereira & Viana — Marceneiro.
Santos Seabra & Cia. — Vidros, espelhos.
J. Silva Catharino — Carpintaria.
Belmiro d'Almeida — Serralheiro.
Casa Sano — Pedrite (pisos)
A. Barros & Cia. — Ferragens.
Thomas Giordano — Peças de metal e fonte luminosa.
Etila — Instalações elétricas e hidraulicas.
Gaz Panon Ltd. — Luz Fluorecente Panon.
Casa Carrilho — Materiais elétricos.
Chadler S. A. — Motores elétricos.
Bacceli Bittencourt — Material de refrigeração.
Hamilton Mello & Cia. — Torrefação e moagem.
Casa Borlido Maia de Ferragens — Material elétrico.
Armazem de Metais Ltd. — Artigos de eletricidade.
Rocco Russo — Material hidraulico.
Sociedade Técnica Bremensis Ltd. — Material elétrico.
Alexandre Alves Corrêa — Refletores da Fonte.
Lima Borsam & Olivins — Elevadores elétricos.
Importadora de Metais Ltd. — Metais, cobres, etc.
Empreza Cosmopolitana do Comercio - Relogio Elétrico.







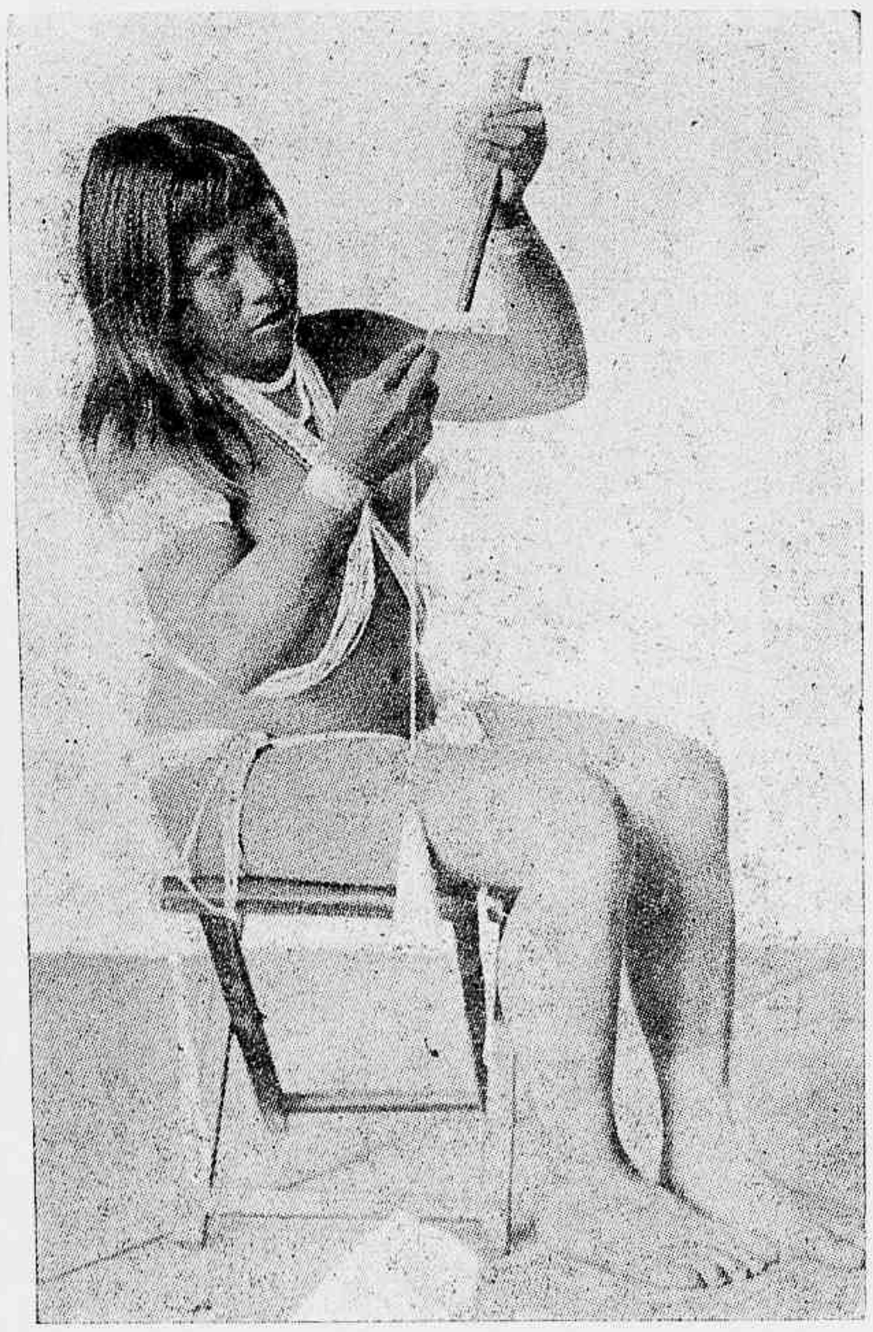
Avenida Rio Branco, 176-178

Agencia ★ Continental

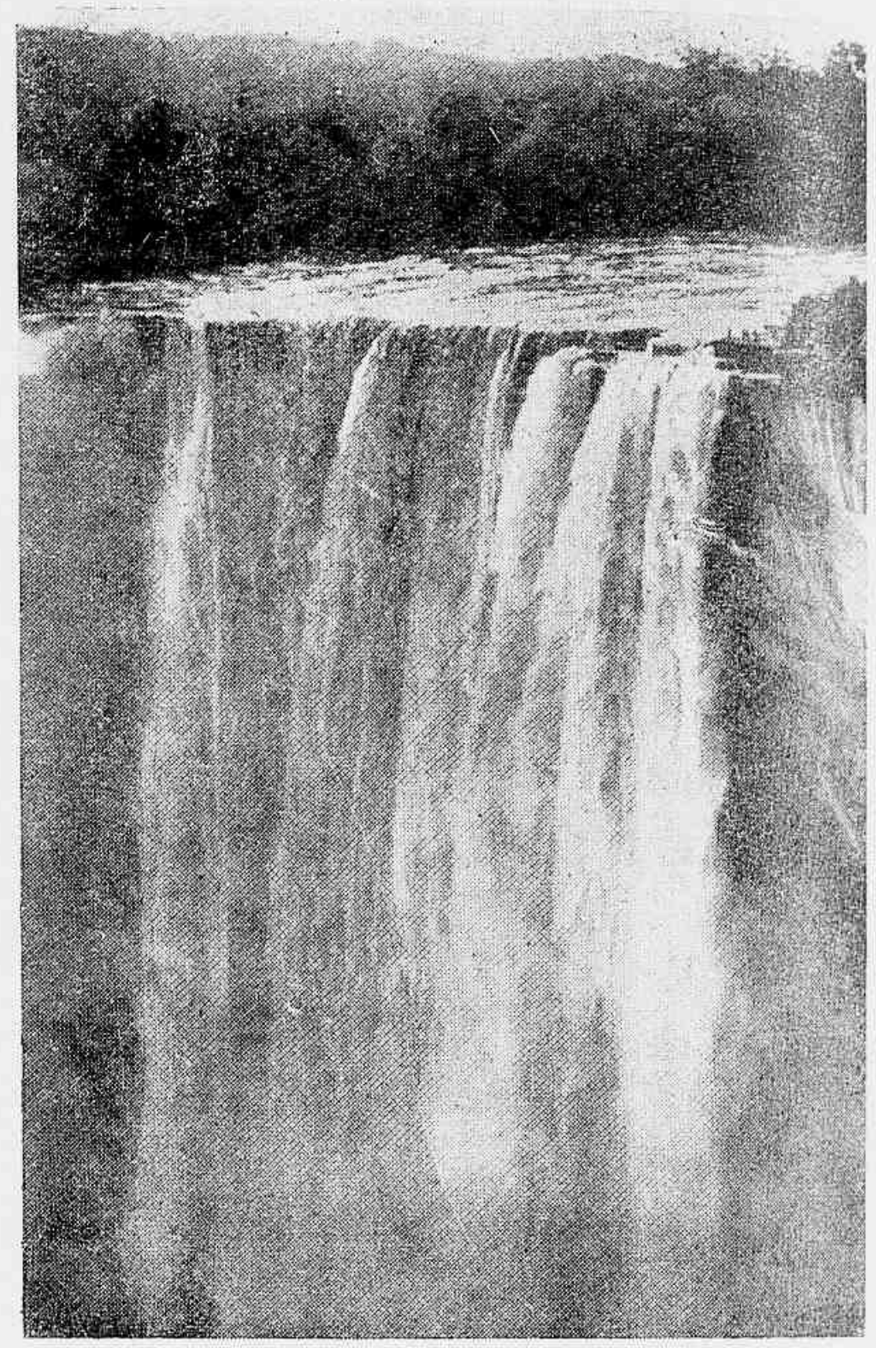
As Maravilhas da Guiana Inglesa

Panorama

(Fotos da Panair)



Uma rapariga indiana tecendo algodão nativo, com que se fazem rêdes, enfeites e certas peças do vestuario.



A catarata de Kaieteur é cinco vezes mais alta do que a de Niagara. O rio Potaro cái de uma altura de 247 metros e depois se precipita numa nova cascata de mais trinta metros.

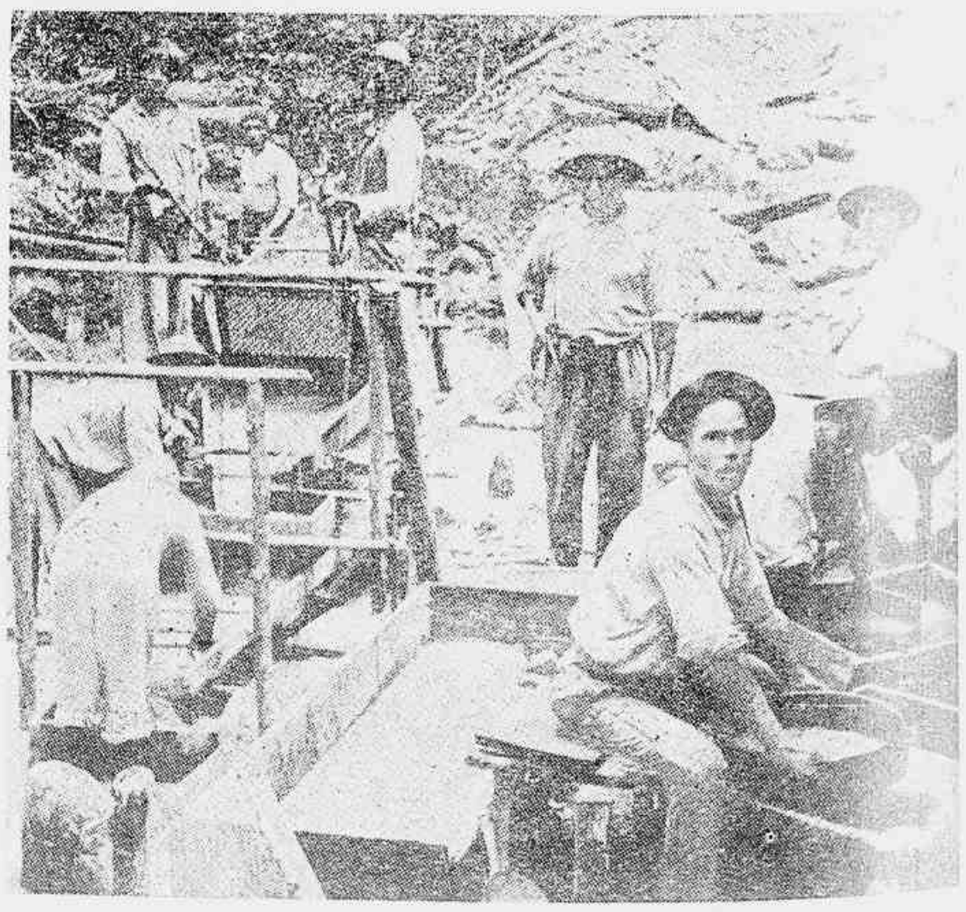
O mapa da Guiana Inglesa - unica possessão da Grã-Bretanha na America do Sul - é bem digno de estudo e bem poucas pessoas sabem bastantes coisas a respeito dessa colonia européia. Maior do que a Inglaterra, Escocia e País de Gales juntos, escassamente povoado e inexplorado, este grande dominio é rico em ouro, diamantes, florestas de madeira de lei, campos duma fertilidade prodigiosa, zonas de gado, recantos onde os indios Arawaks, romanticos sobreviventes dos habitantes aborigenes das Indias Ocidentais, vivem ainda como Colombo achou seus antepassados ao descobrir o Novo Mundo. Uma rêde intrincada de rios caudalosos e de inumeráveis regatos serpenteando através da floresta, a cada passo; e acima de tudo Kaieteur, a mais estupenda catarata do mundo - estrondando e cachoando das alturas do planalto para dentro da belissima garganta do rio Potaro, num lençol dagua de perto de 300 metros de altura.

A cascata de Kaieteur, cinco vezes tão alta como a Niagara, foi a Meca de muitas peregrinações turisticas nos dias de lento e incomodo transporte, mas hoje a maior parte da viagem é feita em automovel pela estrada Kangaruma-Bartica, que atravessa o coração da floresta virgem.

Por esse novo itinerário, o turista póde passar em perfeita segurança pelo meio de um cenário interessantissimo, e ao fim da jornada verá uma velha maravilha do mundo, o mais impressionante espetáculo do Imperio.

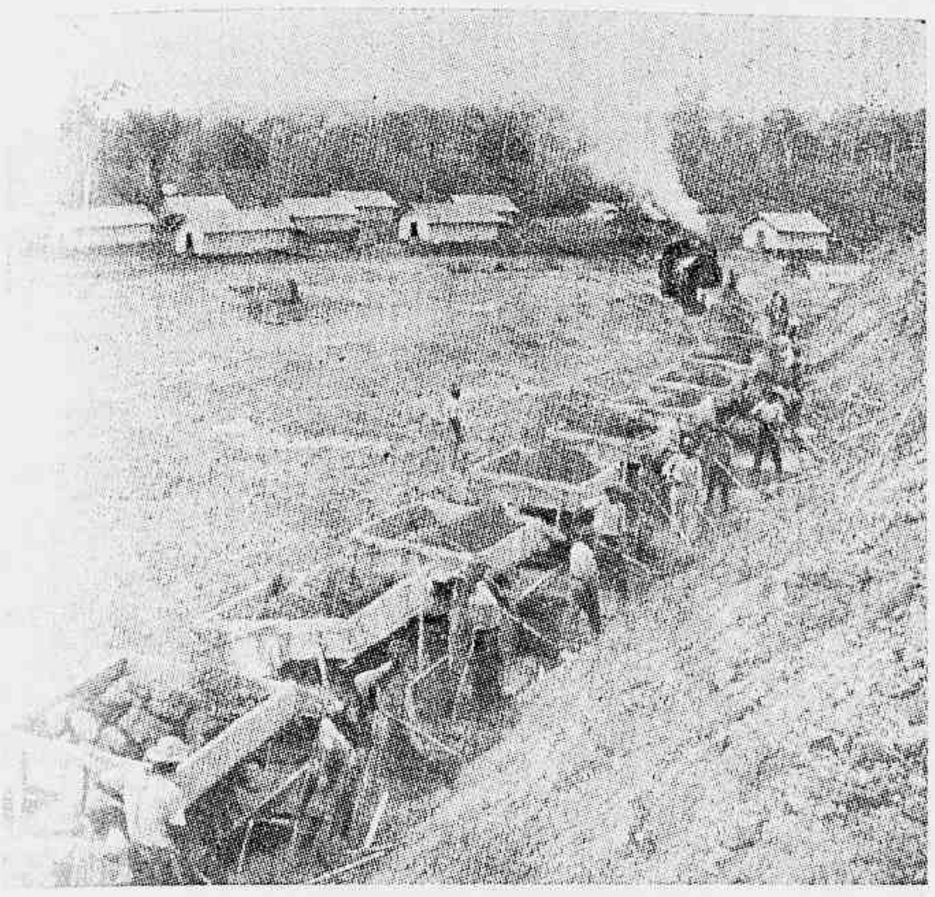
A respeito da cascata de Kaieteur, Miss Rosita Fortebes, a famosa viajante escritora, assim se exprimiu:

Trabalhos de mineração do ouro, que é uma das fontes de riqueza da colonia.



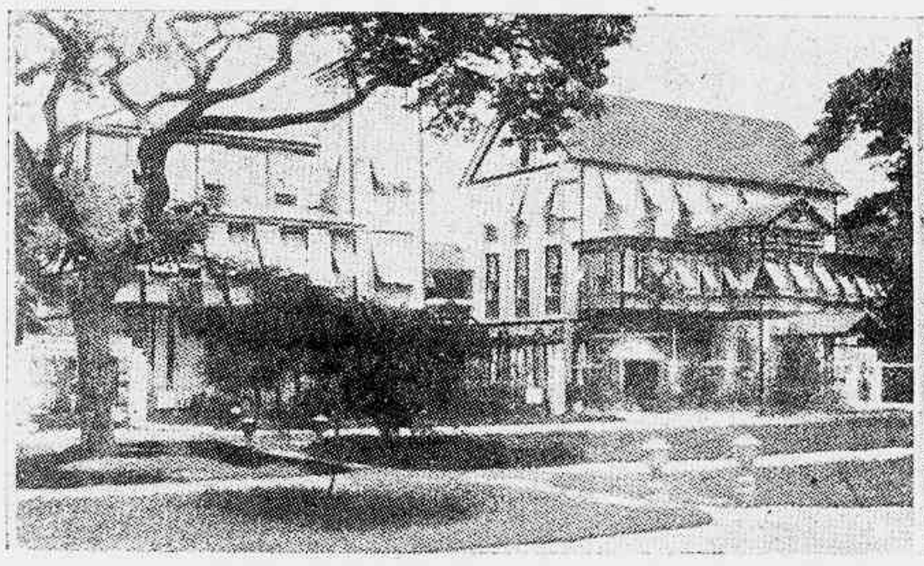
Os diamantes são tambem um dos produtos mais valiosos do solo. Sua exportação atingiu já 1 milhão de libras.

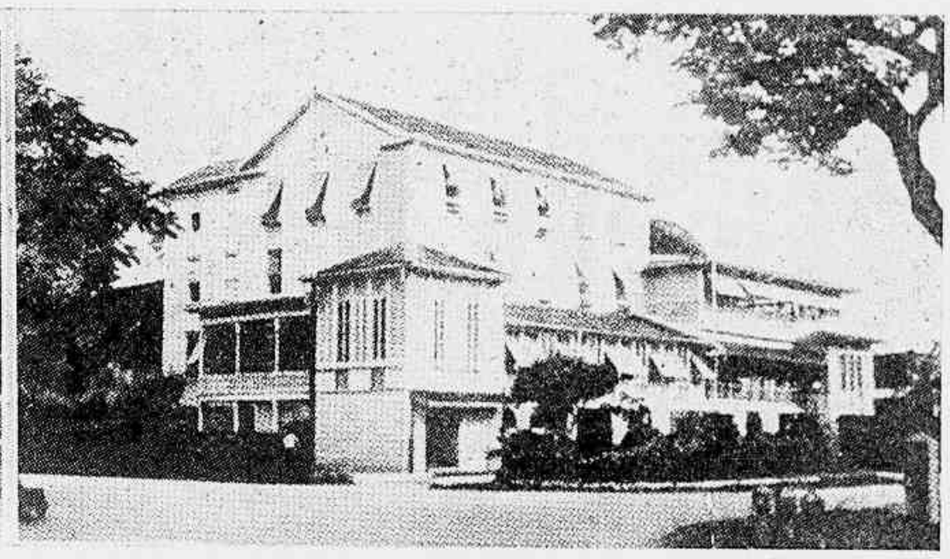
da America



Transportando bauxita, que é o minerio do aluminio.

Corte de cana de açucar da região.





Edificios de Georgetown.

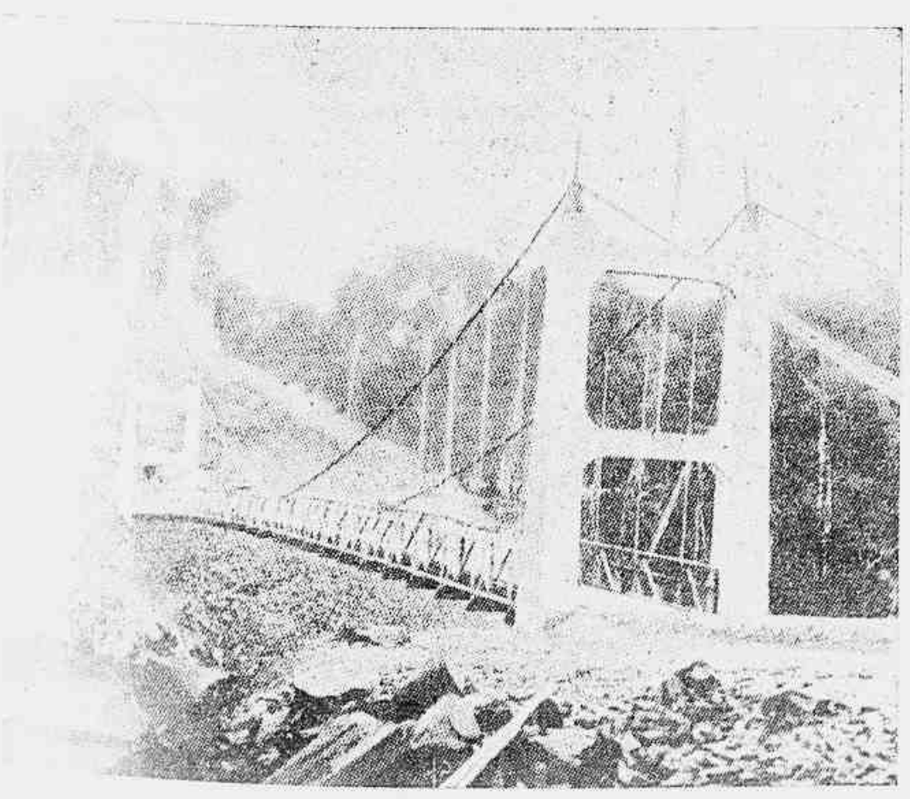
"Um verdadeiro assombro! Além da estupenda altura, o que me impressiona enormemente é a côr das quedas. Ambar, vermelho ferrugem e ouro rutilante, derramam-se sobre a lage do rochedo, dissolvendo-se numa nevoa de cristal, mas conservando sempre a deliciosa coloração sob o vapor irideescente. A leste, a oeste, ao norte, ao sul, nunca vi coisa mais adoravel do que Kaieteur, e a viagem para lá - variada, engenhosamente arranjada, meticulosa, segura e certa - vale bem o perfeito final".

Ao lado das belezas naturais, é preciso mencionar que Georgetown é uma cidade jardim, uma cidade que vale $14.000.000 de madeiras, com dois bons hoteis, estradas excelentes e avenidas arborizadas. Nenhuma cidade do tropico tem clima melhor do que ela.

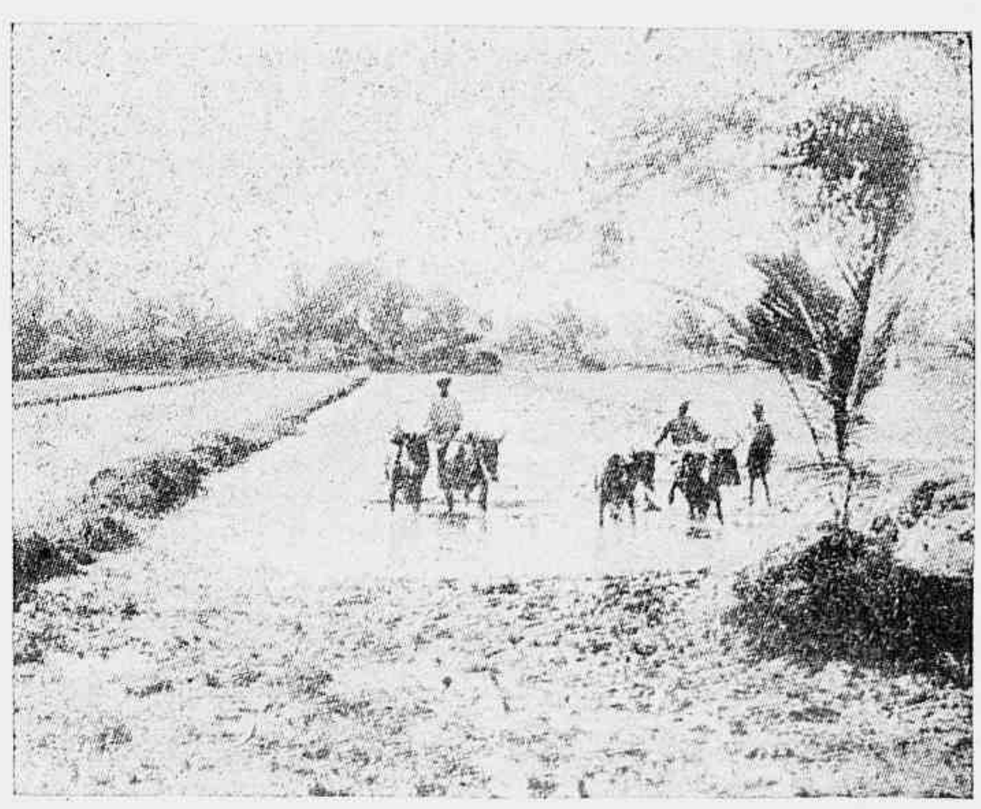
O Jardim Botanico ostenta verdadeiros tesouros no orquidário, na ilha-santuario dos passaros. Arvores gigantes e graciosas palmeiras, canteiros de flores vistosas, lotus, lirios, vitorias - regias nos pequenos lagos, aviario, apiario, campos experimentais de arroz, tudo isso póde ser visto no seu recinto.

Nos arredores da capital, uma das principais atrações é a visita á fábrica de açucar e aos moinhos de arroz cheios de grande pitoresco.

O país é tão vasto e cheio de possibilidades de distração e interesse que sua novidade não se extingue. Suas oportunidades de exploração sistematica se oferecem nas circunstancias mais romanticas e por sua acessibilidade póde tornar-se o El Dorado do turista moderno, como foi o El Dorado de Sir Walter Raleigh, há trezentos anos passados.



Magnifica ponte pensil sobre o rio Potaro.



Lavrando os campos de arroz, na zona costeira. O arroz é a segunda industria da Guiana

◆ ◆ ◆ ◆ ◆

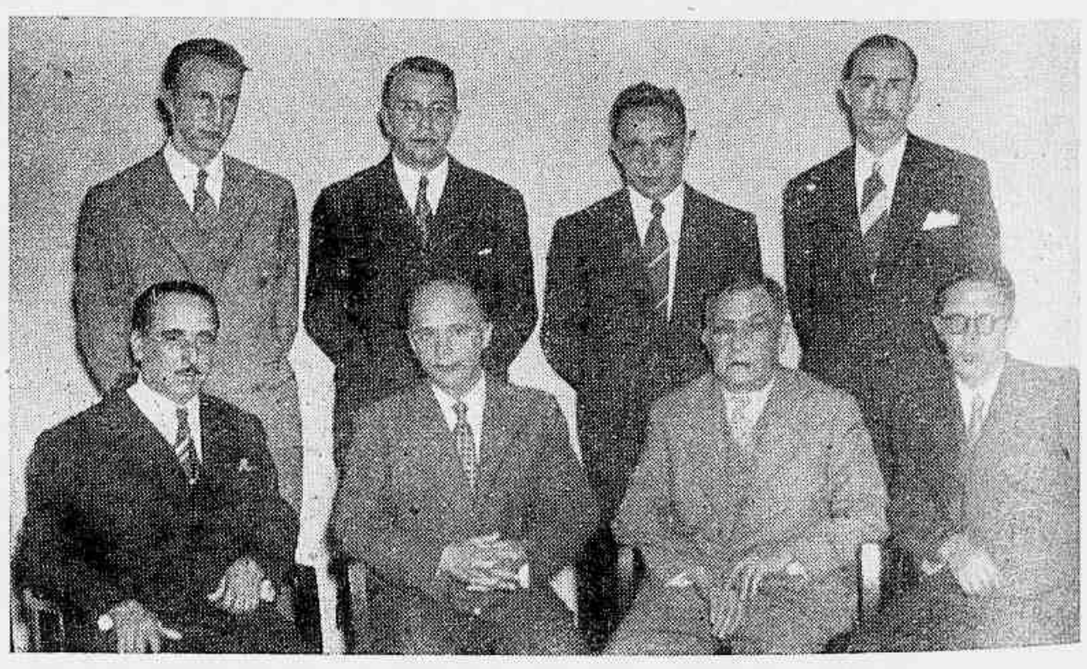
ENCERRAMENTO DO CURSO DE SOCORRISTAS DE GUERRA DO HOSPITAL DO BRAZ — S. PAULO — O Chefe do Serviço de Saude da 2.a Região Militar, Coronel Medico Dr. Oscar de Sampaio Vianna, orientador dos Cursos de Enfermagem e Socorros de Guerra, da Região Militar, ao lado do Diretor Clinico do Hospital e Diretor Clinico do Curso de Socorristas, Dr. Mario Rodrigues Louzã e sua exma. esposa, e as socorristas que terminaram o respectivo curso.

FESTA DE FORMATURA — A turma de bachareis do Ginásio Carlos Gomes realizou ha dias a solenidade de formatura, na séde do Centro de Professorado Paulista. Decorreu a mesma num ambiente festivo e entusiástico. A sessão foi aberta pelo diretor professor Saul Ferraz. Após a entrega dos certificados, falou o orador da turma e em seguida ouviu-se a palavra do dr. Casper Libero, paraninfo.

Na fotografia acima, póde-se distinguir nas quatro primeiras filas, os bacharelandos.

De São Paulo

Na Sociedade de Medicina, realizou-se ha dias a solenidade da posse dos sócios titulares, recentemente eleitos — drs. Licinio H. Dutra e Gabriel Botelho. Aos novos membros da sociedade, fez uma brilhante saudação o dr. Aires Neto, seu presidente. Presidiu os trabalhos o dr. A. J. Mesquita Sampaio e esteve o recinto repleto de elementos da mais alta esfera social paulista.



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA — Tomou posse a nova diretoria dêste gremio científico para o biênio ora iniciado. Estiveram presentes os representantes das altas autoridades estaduais, inclusive do Interventor Federal, sendo a mesa presidida pelo prof. Rubião Meira, presidente da Diretoria, cujo mandato findara; vice-presidente, dr. Cassio Vilaça; 1.º secretário, dr. Silas Mato; 2.º, dr. Otávio Augusto Rodovalho; 3.º, dr. Ernesto Mendes; 1.º tesoureiro dr. Silvio L. do Amaral; 2.º, dr. Paulo Rath de Souza; bibliotecário dr. Gastão Rosenfeld e mais três comissões, respectivamente de finanças, de sindicancia e de defêsa da classe.

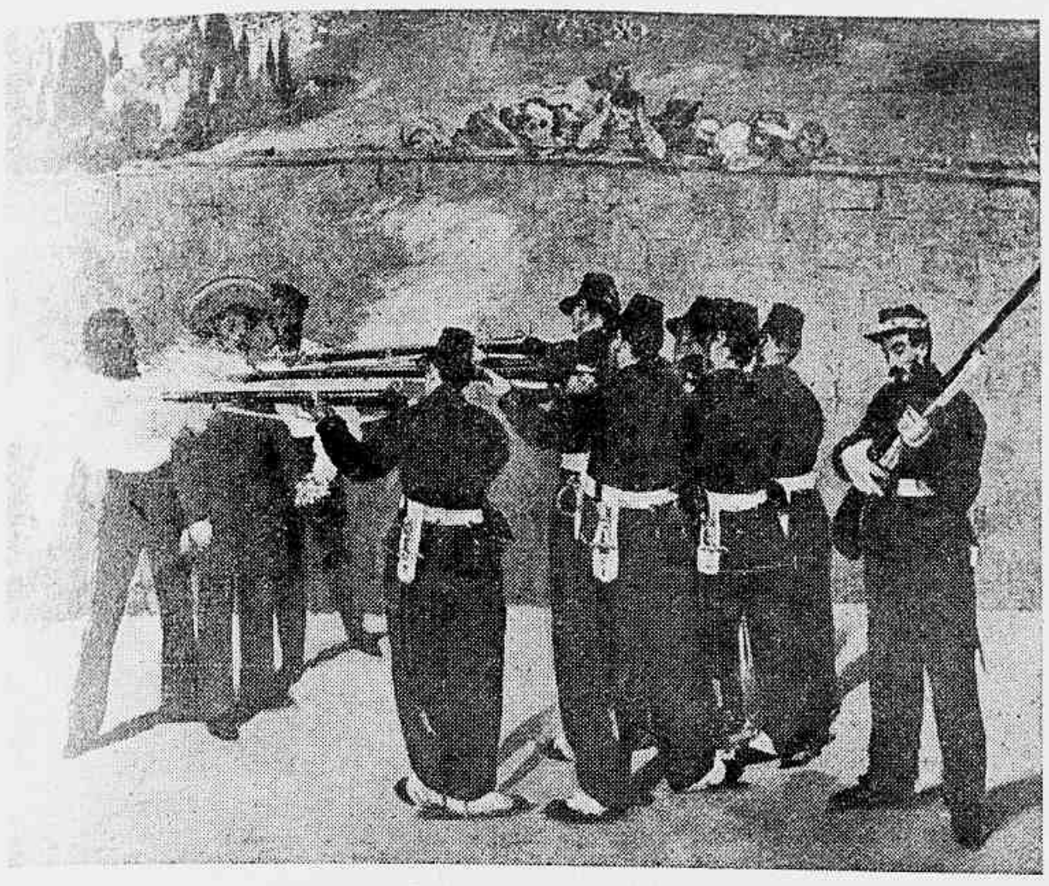
ASSOCIAÇÃO DAS SENHORAS EVANGELICAS — Formada com elementos das sociedades femininas das igrejas protestantes da Capital Paulista, esta associação vem revelando, através de multiplas iniciativas, o mais acendrado empenho no seu esforço de assistencia social e de solidariedade humana.

EM ITU' — A presente fotografia mostra um aspecto do imponente baile de flor de ano realizado no Ituano-Clube. Foi uma festa verdadeiramente encantadora á qual esteve presente a fina flor da sociedade de Itu'.

Um minuto de vida...

(De « The New York Time Magazine »)

por P. J. PHILIP



Fusilamento de Maximiliano do Mexico, celebre quadro de Eduardo Manet.

AS IDEIAS E AS SENSAÇÕES DE UM HOMEM QUE POR UM TRIS ESCAPOU A'S BALAS DE UM PELOTÃO DE FUSILAMENTO

Em pencas de dez e de cem foram fusilados refens franceses em Nantes e Bordeaux, durante algumas semanas de 1941, por crimes cometidos por outrem. Em « pencas » - e aqui não cabe outro têrmo, pelo fato de que nenhuma outra palavra estigmatisa suficientemente tão deshumano modo de proceder. Grupos estaria errado, pois esta palavra sugere uma reunião voluntária. Um grupo é de vivos e aqueles homens já estavam contados como mortos, quando enfrentaram o pelotão de fusilamento. Companhia tambem estaria errado, pois esta palavra implica camaradagem, e a unica camaradagem daqueles homens estava na morte.

Portanto eles foram fusilados em pencas. Não se revelou como eles foram escolhidos. Seus nomes e sua situação não são conhecidos fóra da comunidade onde viveram e onde são chorados. Nem se disse jamais como encararam a morte essas pencas de homens. Os que os fusilaram nunca o dirão, pois os envergonharia ter de admitir que esses refens permaneceram calmamente a enfrentá-los com desprêso e os envergonharia ainda mais se tivessem de admitir que haviam fusilado algum homem abatido pelo terror, algum homem cujos nervos tivessem cedido, que fosse fisicamente enfermo.

E' mais do que provavel que alguns, esgotados pela tensão e pela tortura de esperar, tremessem dos pés á cabeça. Mas é certo que alguns enfrentaram seus carrascos em desafio. Consola pensar que entre eles houve pelo menos um que no ultimo momento tivesse força bastante para abalar as muralhas da prisão com o maior de todos os gritos de guerra da civilização: « Vive la France! »

Quem quer que haja lido a história dessas execuções tem, subconcientemente, com um leve temor no coração, indagado de si mesmo como se portaria, o que pensaria e sentiria, se algum dia isso lhe acontecesse. Nós todos instivamente choramos ante o pensamento de tal perspectiva.

Guy de Maupassant conta a história de dois velhotes de Montmartre que nas suas fantasias decidiram continuar pescando fóra dos muros de Paris, durante o cerco de 1871. Enquanto estavam dormindo ao sol com o cabaz de peixes ao lado, uma patrulha prussiana os apanhou. Obviamente eram espiões, disse o oficial. Os dois velhotes, estremunhados pela fadiga e pelo sono, mal podiam entender o que se passava, mas se convenceram do inevitavel dizendo tranquilamente « au revoir » e fazendo um acêno de adeus ás pescarias dos Campos Eliseos. Quando a fumaça dos tiros se dissipou, o oficial prussiano tocou com o pé no cestinho dos peixes e disse « mande fritá-los para mim, pois são excelentes ».

Blasco Ibanez conta outra história acerca do prefeito e do vigario duma aldeia da França oriental que eram refens porque os aldeões tinham atirado numa coluna germanica. Toda a vida eles tinham sido inimigos politicos, porque o prefeito era republicano esquerdista e o sacerdote realista e devoto. Ao se perfilarem diante do pelotão de fusilamento, o prefeito, fiel aos seus principios, gritou: « Vive la République. » O padre replicou: « Vive la France ». Então, no derradeiro instante, voltaram-se um para o outro e sorriram, pois então subitamente compreenderam que tinham sempre pensado a mesma coisa. Tinham sido apenas rivais no seu amor pela sua pátria e no seu desejo de servi-la.

Esses caracteres de ficção não tinham mêdo, mas todo homem deve indagar de si mesmo - pois ninguem o póde dizer - como enfrentaria um pelotão de fusilamento. Não são muitos os que têm passado por essa experiência e sobrevivido a ela. Não é agradavel, comó este escritor - um dos poucos que sobreviveram, por um minuto - póde atestar.

Onde, quando e porque isso aconteceu não tem importancia, exceto pelo contraste com o assunto muito mais sombrio das execuções de Nantes e Bordeaux. O lugar foi a França, ao lado duma ferrovia, entre campos férteis e canteiros densos em flores. O tempo era uma manhã de maio, porém uma manhã de maio diferente de todas as outras, pois era um dia de catástrofe, de terror, de panico, de mêdo desenfreado. O porque - um êrro de identidade. A vitima era acusada de ser paraquedista alemão.

O pelotão de fusilamento era extra-oficial. Constava de três soldados com rifles, um camponês com uma espingarda e um oficial magro e histérico com um revólver, anunciando que daria o tiro de misericordia. Dois oficiais aduaneiros de revólveres nas mãos formavam a escolta.

O pelotão, deve repetir-se, era extra-oficial. Os refens de Bordeaux e de Nantes sabiam, quando marchavam á frente do pelotão de fusilamento, que não havia oportunidade de fuga nem possibilidade de indulto. Sua execução seria um ato oficial sombrio, inexoravel, desumano. Até o ultimo segundo esta *alma* sentia que havia um raio de esperança, que alguma coisa deveria acontecer para retardar a execução, que contava com uma oportunidade de que a execução se conseguisse conservar todo o seu controle. Era preciso ganhar tempo, usar de todas as astucias e artimanhas para retardar o momento em que os rifles apontados ao coração, pois não se tratava de vendar-lhe os olhos.

Foi um discurso sem efeito, um eloquente discurso acerca da democracia, da justiça, da Inglaterra e da América, acerca de tudo de que podia lembrar-se enquanto falava procurava os olhos de um auditório de dois ou três mil cidadãos, em busca de qualquer centelha de simpatia. Desde então ele se tornou um pouco cético a respeito da democracia da « vox-populi ».

—« Para baixo! » - ordenaram-lhe os executores. - « Morte ao paraquedista! » - uivou a multidão.

Tinham tirado as botas do prisioneiro para vêr se levava alguma mensagem oculta nas solas, e ao caminhar descalço pelo leito da estrada as pedrinhas aguavam-lhe os pés. « Pelo menos deixem-me calçar as botas » - berrou ele. « Um inglês prefere morrer calçado ».

De qualquer modo este pedido singular foi atendido. Os homens estacaram, enquanto o prisioneiro começava o mais devagar possivel a alçar e amarrar os cordões daquelas botas de cano alto, de cujo polimento seu criado Tomás tinha tanto orgulho. A lucidez, a agudeza de cada pensamento, sensação e emoção neste momento é que constitue e justifica esta história.

Toda « chance » de fuga parecia impossivel. Sentia o inevitavel fechar-se sobre ele. Que estupidez, pensava, morrer assim. E enfureceu-se. Sempre se considerara um sujeito bem nervoso, um bocado covarde acêrca de certas coisas. Mas nessa manhã de maio, enquanto amarrava as botas e se perfilava para encarar os que o iam matar, não tinha mêdo.

Estas são, em ordem de preferencia, como póde recordá-los e as recordará por toda sua vida, seus pensamentos e suas emoções.

—

Primeiro, furor pela estupidez dessa multidão e de seus *leaders* autoescolhidos. Segundo, um majestoso desprêso que abarcava toda o exército francês e a nação que ia rolando pelo despenhadeiro, e de repente se fixou com intensa lucidez num certo Ludovik Oscar Frossart, ex-comunista, ex-socialista, ex-jornalista, que, em recompensa por suas deslealdades fôra feito Ministro das Informações e nesse momento estava avisando o povo, pelo rádio, a ter cuidado com os quintacolunistas, enquanto preparava a arma para disparar.

Terceiro, surprêsa de que naquela multidão de homens, mulheres e mesmo crianças, não houvesse uma só pessoa que tivesse a coragem de ficar do lado do acusado. Enquanto a multidão abria, para fazer uma linha de fogo, paralela á estrada, ele notou que as mulheres se retiravam para trás, onde não pudessem vêr. Seus olhos encontraram os de um dos soldados fusiladores com quem estivéra conversando duas horas antes. Eram olhos duros, com um olhar de cobiça ardente, impiedosos.

Quarto, veiu um pensamento esquisito, lembrou-se como era idiota que não houvesse nem um jornalista ali presente, para contar a historia.

E quinto, derivando dessa idéia, uma angustia lancinante por causa de sua mulher, de seu velho pai, de sua familia, dos seus amigos que iriam sofrer tanta ansiedade. Durante dias e dias, talvez durante meses ou anos, em meio dessa confusão fantástica, não saberiam que ele estava morto, nem como havia morrido. Resolveu-se a pedir permissão, assim que acabou de amarrar os cordões, para escrever um recado de adeus a sua mulher - não, melhor, para o mandar ao posto central.

Lembranças - vivas como peixes cintilantes num poço iluminado - de pessoas que ele conhecêra e de que havia gostado, de lugares, de objetos intimos, passavam-lhe pelo espirito em assombrosa velocidade. Lembrava-se de todos. Pensou que dia adoravel estava fazendo. O cheiro da grama pisada pairava pesadamente no ar, e o notou. Vou morrer estupidamente no meio de tudo isto, pensava ele.

A raiva surgiu de novo acima de todas as outras sensações - raiva e desprêso. Parou para enfrentar os executores.

—

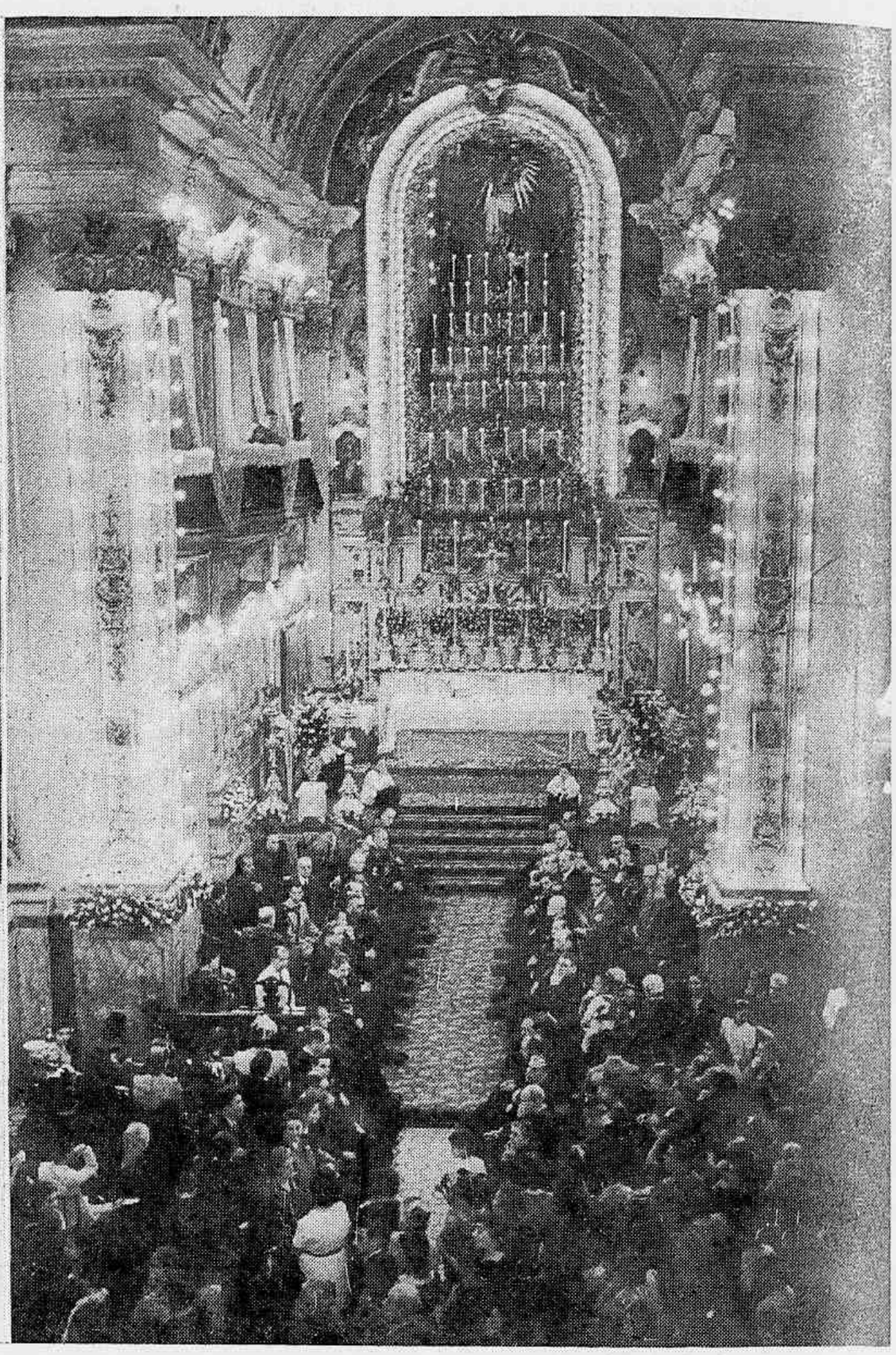
Afim de que o leitor não seja deixado em suspenso, póde ser contado rapidamente o que aconteceu depois. Houve um movimento insolito na multidão. A autoridade oficial, representada por dois gendarmes, apareceu. Esses tomaram conta do pelotão e encaminharam o prisioneiro entre os gritos e as imprecações da multidão um tanto desapontada.

Houve uma hora de interrogatorio e de exame de papeis antes dos gendarmes se convencerem da identidade e da inocência de homens que haviam salvado daquele modo. Então disseram-lhe que podia ir embora. Ao sair do pequeno posto abafado para dentro da claridade do sol e da doçura do campo tudo lhe parecia inverosimil. Desde então ele considera que morreu naquele dia e que toda sua vida dai por diante é por tempo de empréstimo.

Tudo se passou de modo diferente do que acontece na execução oficial, fria, formal, diabolica de refens, numa sombria prisão ou numa daquelas execuções sumárias que se realizam em toda a Servia, na Tchecoslovaquia e na Polonia, pois aqui havia arrebatamento, furor, mêdo, excitação e um raio de esperança até o fim. Todavia, talvez sejam esses mesmos os pensamentos e as emoções que qualquer homem mediano teria ao enfrentar o pelotão de fusilamento.

Todos os dias os refens são alinhados em "pencas" diante do pelotão que os vai fusilar.

A derradeira missa na Igreja do Bom Jesus do Calvario



Os trabalhos de demolição na Avenida Getulio Vargas atingiram mais um velho templo, a igreja do Bom Jesus do Calvario, a respeito da qual o nosso colaborador Escragnolle Doria escreveu uma erudita cronica no numero de Natal passado de nossa revista. A 20 deste mes foi celebrado o ultimo oficio religioso no templo repleto de fieis, com o comparecimento de toda a respectiva Irmandade.

Nas fotos acima vemos parte da assistencia de devotos e um aspecto geral do templo. As inferiores mostram: monsenhor Benedito Marinho, fazendo o ultimo sermão do templo; a familia imperial numa tribuna e a imagem do Bom Jesus do Calvario no altar-mór. Por uma coincidencia interessante, mons. Marinho fez tambem o ultimo sermão na Igreja do Morro do Castelo, antes de ser demolida.

CONTO BRASILEIRO

Lenda Guerreira

De ALCIDES MAYA

...antando os olhos do compendio, com uma das mãos sobre a pagina ... vezes lida e a outra em apoio á facezita corada, o pequeno, após fitar ...undo, atravez da vidraça, os arrebóis longinquos do poente - man... frágoa entre o azul cerúleo e o verde-montanha dos campos ondula... perguntou pensativo, sob a impressão das batalhas aprendidas:

O' Mamãe! Por que é que nunca me contas cousas do Paraguai? Foi lá ...rreram os titios, não foi'? Eles andavam com o general Osorio? Eu gos... ...to de guerras!

...movida, a senhora suspendera sobre a tela no bastidor o fio de seda cres... ...ordado e observava a criança com indizivel expressão de ternura e re... ...las, continuando o trabalho - esboço de cervo a sobresair fugidio, en... ...rvagens, num plaino, - respondeu docemente:

...Paraguai? Pois eu te conto, querido. Eram três os teus tios e, como ..., morreram todos na guerra. Foi por isso, vê bem, que tua vovozinha faleceu tão moça! Meus irmãos partiram ao amanhecer e nunca assisti a cena mais triste. Todos guardaram para Mamãe o ultimo abraço; mas o primeiro a despedir-se foi Mano Jango, o mais forte dos três, tão robusto que, desde mocinho, se divertia a derrubar nas mangueiras, a tirão seco, os animais chucros laçados. Quando, sendo eu pequena, me levantava ao colo, pareciam-me de pedra os seus braços...Mano Jango, bem notei, estava aborrecido por nossa causa mas, para disfarçar a emoção, já a cavalo, gritou ás pessoas que lhe acenavam com os lenços:

—Ninguem se agonie, minha gente! Quando eu varar outra vez aquela porteira, hão de ver quantos galões trago no punho!

O segundo que nos abraçou foi Chiquinho e ainda lhe vejo o rosto simpatico, os olhos bondosos, a boca sempre risonha, de tal modo que até ralhando sorria. Esse, coitado, seguiu porque Papai lh'o ordenou. Ele gostava

(*Continua na pág. 50*)

NOSSA TERRA

OS SANTOS DE GUAXENDUBA

EYDHER PESTANA

S. José de Ribamar — Cópia exata da imagem que se venera no Maranhão. Constata-se que os devotos, não querendo deixar o velho carpinteiro sosinho no seu retiro de Guaxenduba, adicionaram-lhe, no altar, a esposa e o filho, principalmente aquela, de melhór feitura artistica.

A história do Maranhão regista duas lendas curiosas em torno da baia de Guaxenduba, ambas baseadas em fatos remotos, do inicio da capitania do extrêmo norte brasileiro.

Uma deu á capital a sua santa padroeira.

A outra, o santo mais conhecido daquelas redondêsas: equivalente, em culto, a N. S. de Nazaré, em Belém do Pará; Senhor do Bonfim, na Bahia; S. N. da Penha, no Rio. E, como nos demais, a sua festa é motivo de romarias profano-religiosas aos seus oratórios.

Aquela - a de N. S. da Vitória - vem das noticias de que os portuguêses da « Armada Milagrosa », no tempo, em 1614, ao verem-se atacados, ali, pelas forças quatro vêses maiores de Ravardière, então senhor daquele pedaço do Brasil, lhes deram combate, apoiados pelo forte da Natividade de Santa Maria, obra inacabada do engenheiro Francisco de Frias, e os venceram, pois a Mãe de Cristo, visivel no céu durante a batalha, retardava o fluxo das marés, deixando sobre os baixios e expostos ao fogo de suas armas 7 patachos e 200 canoas tripulados por mais de 2 mil indios e francêses.

Pelo êxito alcançado por Jerónimo de Albuquerque e Diogo de Campos Moreno, ao se assenhorearem os lusos do Maranhão, colocaram a séde da capitania sob a proteção de N. S. da Vitória.

O local escolhido pelos portuguêses, por indicação inteligente de Belchior Rangel, para sua fortificação, na baia de Anajatuba, Inajatuba ou Guaxenduba, e onde, por isso, se construiu depois a igrêja de N. S. da Ajuda, inicio da Vila Velha do Icatu, uma das antigas povoações da então provincia, fica defronte da ponta de S. José ou Itapary, « pano de pedra », para os Gamelas, seus habitantes da época, e sitio da segunda lenda desta baia: - a de S. José de Ribamar.

Perdeu-se na poeira dos tempos o principal da narrativa.

O erudito historiador dr. Cesar Marques, no seu precioso « Dicionário Historico e Geográfico do Maranhão », fonte onde se vão abeberar todos quantos procuram conhecer fatos e coisas da velha provincia, reproduzindo a lenda que a crendice popular aceita como veridica, esqueceu-se de deixar aos pósteros os nomes do veleiro e do seu capitão, a quem foi atribuido o batismo do promontório e a instituição do culto, ali, ao Carpinteiro de Nazaré.

Sabe-se, sómente, do oratório que em épocas remotas dominou, pela primeira vês, a formosa baia de Guaxenduba: foi o cumprimento de uma promessa votiva, formulada em momento aflitivo de perigo.

Em torno dele os francêses fizeram alinhar sua artilharia e Antonio de Albuquerque, mais tarde, ali comandou 50 soldados lusitanos.

Impericias de pilotagem ou insidias do mar levaram um navio português, que demandava S. Luis, ao labirinto de bancos arenosos que faz daquela baia um dos mais traiçoeiros recantos maritimos.

Em pouco, do veleiro lisboêta, com terra á vista, perceberam a iminência do naufrágio.

A marujada, transida, começou a rogar ás suas devoções que a pusesse a salvo. A embarcação, porém, mais se precipitava nos baixios.

Subito, a voz dum desses homens afeitos á peleja, enrijados nos embates com os mares revoltos, alteou-se de entre o murmurio de resas e imprecações, num apêlo fervoroso a S. José.

Todos os pensamentos, no barco, como se obedecessem, disciplinados, a uma ordem de comando, convergiam para a figura patriarcal do operário nazareno, e uma onda maior cresce, se avoluma, e se arroja de encontro ao bojo do navio, num arremêsso salvador.

Estavam vencidos os baixios.

Anos depois, quando o milagre já se havia diluido na memória dos contemporaneos, eis que regressa ás plagas maranhenses o velho marujo, que levára destas paragens, de envolta com a recordação de momentos dolorosos e a certeza de que ainda chega, ás-vezes, ao céu, o grito lancinante dos aflitos.

Trazia a mais perfeita obra de estatuária religiosa que encontrára em Portugal.

Fez construir modesta ermida na ponta extrêma do promontório e lá depositou o S. José que trouxéra, em cumprimento do voto feito.

Os habitantes da capital, dizem uns; do Lugar dos Indios, aldeia próxima, afirmam outros cronistas, desejosos de possuir tão linda imagem, alta noite, ás ocultas, removeram-na para outro altar.

O santo, como bom português, era teimoso, e gostara do lugar onde as mãos crentes do capitão luso o colocaram; porisso se foi acomodar, de novo, quietinho, na ermida sobre o mar.

Novos raptos e novas caminhadas do Carpinteiro para o promontorio consolidaram a convicção de que a linda ponta de terra sobre Guaxenduba, no extrêmo da ilha, lhe agradára para moradia.

Referem bisbilhoteiros de coisas santificadas que, nas suas repetidas viagens de fuga, as pégadas do santo se deixaram ficar impressas nas pedras do caminho, depressões que, de tão veneradas, se desfizeram em pó, ficando, sómente, gravadas na imaginação dos crentes.

A própria imagem, que diz a lenda ter sido linda e bem talhada, chegou aos nossos dias em barbara concepção artistica.

Essa história simples inspirou os vates locais, que produziram trabalhos interessantes, como, entre outros, o que vem no TRES LIRAS, livro de parceria de Trajano Galvão, Marques Rodrigues e Gentil Homem do Almeida Braga, datado de 1860. O conego Leopoldo Damasceno Ferreira e alguns mais tambem versejaram a lenda.

Hoje, com o culto crescente a S. José de Ribamar, como ficou sendo conhecido o santo português, nome que se estendeu ao povoado e á baia; o promontório é um dos futurosos municipios maranhenses. Em 1627, suas terras foram doadas ao padre Luiz Filgueiras, o que primeiro escreveu gramática do idioma brasilico, reeditada, 224 anos depois, na Baia, segundo refere o dr. Candido Mendes, em suas « Memórias ». Benedito Leite, quando governador do Estado, confabulou com o engenheiro Lassance Cunha para estender um ramal da via férrea sertaneja até ali, onde seria construido um balneário. Essa idéia tem sido arejada várias outras vêses, porém sem realização concreta. Apezar das dificuldades de transporte, pois fica distante cêrca de dez léguas da capital, os seus mares, altamente piscosos, abastecem o mercado de S. Luis, e para lá convergem, anualmente, milhares de pessoas, vindas de diversos pontos do país, no cumprimento de « promessas », carregando arrobas de cêra moldadas em velas, ou em figuras reproduzindo os mais disparatados retalhos do corpo, que, afetados de molèstias várias, sararam por intercessão do santo de Ribamar.

Em setembro, pela época da lua cheia, restos do decantado luar de agosto de que tanto se ufanam os maranhenses poetas, a festa religiosa dá ensanchas a esbórnias profanas. Os romeiros, com lapelas e chapéus profusamente enfeitados de fitas multicores - as « medidas » do santo - esvoaçantes á brisa marinha, e o cérebro escaldando pelo efeito das libações excessivas de « tiquira », aguardente de mandioca, industria maior daquelas redondêsas, entregam-se, nos lares e pelas estradas poeirentas, a bailes e descantes.

Houve tempo em que dois boêmios — Tancrêdo Cordeiro e Marcos Souza, — em versos toscos, faziam uma revista dos fatos principais do ano, e ali os cantavam e vendiam, com especial gáudio dos festeiros.

O regresso era sempre motivo para tristêsas expressas em ladainhas de despedida, cantadas em côro, e não raro com lágrimas na voz.

Guardo de memória o « refrain » infinitamente repetido ali, de autoria do educador Barbosa de Godóis:

Estamos de partida,
Adeus, ó S. José,
Adeus Jesus, Maria,
Nossa alma vossa é.

No cemitério local dorme o sono eterno Américo Azevêdo, irmão de Arthur e Aluisio Azevêdo, e não menor intelectual que aqueles. Não alcançou o plano logrado pelos irmãos devido ás estreitêsas do meio provinciano a que se afez e do qual não se arredou jámais, sob a desculpa de sempre: - eu nasci para o Maranhão!

Autor teatral, poeta e musico, nos ultimos dias de vida escreveu « Os Milagres de S. José de Ribamar », comédia de costumes, musicada por Inácio Cunha, e levada á cena no Teatro Provisório, de S. Luis, debaixo da direção artistica de Eduardo de Souza.

O enredo tinha por base um fato que andava apregoado como verdadeiro, em que S. José, condoido de uma pobre mulher entrevada, que fôra de rastro a Ribamar, movida pela fé de que seria curada se friccionasse com o azeite da lampada do altar do santo, lá recuperára a liberdade de locomoção com pasmo geral.

Muita gente, porém, não ia a Ribamar por causa do santo, da cerra, da tiquira, dos banhos de mar e, muito menos, pelo interesse histórico, ia pela crença de que as águas do Poço da Saude tinham propriedades idênticas ás da decantada Agua de Juventa, que remoçava os velhos, enrijando-os para os embates da vida e do amor.....

Hoje, com a escassez de transportes e o excesso de preocupações decorrentes do momento, certo não haverá a costumeira romaria sebastianina, mas aí fica a recordação da lenda e dos fatos para aguçar saudades dos maranhenses distantes da gleba natal, como eu.

TAPETE MAGICO

A « Descida da Cruz », de Rubens, que se admirava até esta guerra na catedral de Antuerpia, sómente em certos dias da semana e a certas horas do dia, figura como uma das obras primas mais perfeitas do gênio flamengo. Nunca a sua arte de coloridos arrogantes e eufóricos foi mais tocada de emoção religiosa do que neste painel, que mostra o corpo de Jesus entregue ao ultimo refugio dos amigos fieis, para o consolo da paz do tumulo.

No velho « Santo Antonio », do Texas, ainda ha cênas como esta, que parecem tiradas duma edição de luxo de Cervantes. Uma filha de Cortez ouve as cantigas de amor que lhe vem entoar no jardim cheio de luz (tambem póde ser de sol), o « charro » ou « cow-boy » gentilhomem, de calças justas e poncho flamante.

As exigencias do tráfego moderno, nas grandes metrópoles do mundo como nas interminaveis estradas que ligam as cidades e os paises da Europa, criaram uma série de problemas que os peritos em rodovias e urbanismo tiveram de atacar de frente. Um dos mais belos exemplares do que é um conjunto de pontes e de cruzametos de linhas temos nesta extraordinaria fotografia da ponte Triborough, cruzando a ilha de Randall, no East River, em New York. Nada de sinais de caminho fechado, nem perigos de colisão, nem retardamento de marcha. O leito da estrada sempre desimpedido, sempre aberto para diante, como numa arremetida direta ao futuro. Quando veremos pelas nossas bandas este recorte caprichoso de concreto que chega a lembrar até um arabesco de gravura fantasista?

INGLATERRA E IMPERIO BRITANICO

AUSTRALIA

A "Commonwealth" honra os seus combatentes.

TRINIDAD & TOBAGO

Alterações de guerra em taxas postais trazem um selo novo para estas ilhas.

BORNEO

Este remoto Estado inglês usa uma taxa de guerra.

CEYLÃO

SEYCHELLES

Ceylão não poderia importar selos. Assim alterou as taxas nos antigos; os custos da guerra forçaram Seychelles a altas taxas.

ILHAS FAROE

A ocupação inglesa determinou uma super-impressão.

FIJI

A remota Fiji teve que elevar as taxas postais. Novas taxas foram super-impressas.

AFRICA DO SUL

A União produziu uma série nova, a respeito de seu esforço belico. Este selo homenageia as mulheres.

INDIA

Selos pequenos economizam papel.

A GUERR
NOS SELC

Daqui a um seculo, um filatelis tunado poderá achar uma cronica fas embora algumas vezes tendenciosa tualmente incompleta, nos selos que ram do curso que Adolf Hitler adot si e o terceiro Reich.

Começando com a sua simbolic grinação a Braunau, seu berço natal co, continuando com a partilha da Eslovaquia, o assalto e a partilha da a avalanche ocidental e depois a vo o Oriente, o sulco está claramente m Algumas vezes as mudanças decorre ação política ou militar estão reflet selos postais do mesmo modo que nas maçoes oficiais.

Muitos dos selos trazem uma m ção tragica — o retrato dum chefe verno banido; uma nação dividida mente; um governo que parte para

Mas outros selos mostram a ju forças que se uniram para a oposição tida nazista. As colonias e dominios aderiram à causa, dando homens, ma dinheiro. O conceito duma França li ceu o apoio de possessões francesas d que rejeitaram a autoridade de Vich

Tudo isso acha expressão nos se trados nestas paginas. Eles são de t principais. Há os selos dos paises sub super-impressos pelo invasor; os selos forças de ocupação trouxeram consig per-imprimiram para uso temporario; los de nova impressão.

Vistos isoladamente e eventu como a maior parte das pessoas os v passageiro interesse, mas sem grand cado. Reunidos como um filatelista no seu album, desenham um poderos das forças vivas que entraram em

ALEMANHA E EIXO

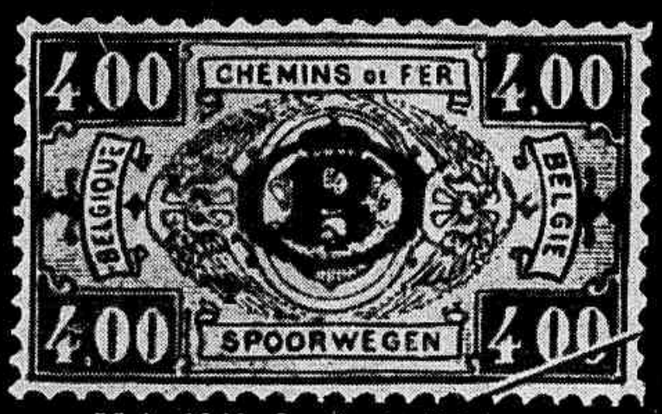
Março e Abril de 1938. Anschluss com a Austria

Celebrando a viagem especial de Hitler a Braunau.

Assinalando a União com a Austria em 1938.

Março 1939. Depois do pacto de Munich

Hitler deixou a Ucraina existir somente o bastante para lançar um selo: a nova Eslovaquia usou "Slovensky" super-impresso.



Maio 1940. Queda da Belgica

Quando os nazistas talaram a Belgica alguns selos foram roubados; os válidos foram marcados com um "B".

Maio 1940. Alsacia

Selos alemães foram usados, marcados "Elsass"

Junho 1940. Colapso da França

Depois da capitulação, a Alemanha usou selos franceses na zona ocupada.

Setembro
Dantz
A "libertaç
Dantzig ve
o começo
guerra

Com o colap
declarando

RUSSIA SOVIETICA

Honrando as forças militares

Os soviets saudaram seu exercito, sua armada e sua força aérea com estes selos publicados pouco antes da Alemanha invadir a U.S.S.R.

Um selo da Letonia super-impresso com a estrela russa: selo de 1941, para a aquisição da Karelia.

FRANÇA — ANTES E DEPOIS DO COLAPSO

Estes dois selos mostram a diferença entre uma republica combatente e um Estado cclaboracionista. À esquerda um selo de "Trabalho belico" de 1940, homenageando Foch; o outro é um selo de Vichy, mostrando Pétain.

O "LIVRE IMPERIO FRANCÊS"

A Africa Equatorial tornou-se francesa livre postal e politicamente.

As novas Hebridas, sob o controle inglês e francês tomaram o mesmo caminho.

As dispersas ilhas da Oceania francesa acrescentaram a "França Livre" super-impressa a *RF*.

O Camerum tambem aderiu.

Setembro 1939 — Partilha da Polonia

Depois de esmagada a Polonia, selos nazistas suplantaram os selos poloneses.

Abril 1940. Noruega

Os conquistadores baniram todos os retratos de Haakon.

Maio 1940 — Holanda

Os nazistas baniram a efigie de Guilhermina; o papel antigo foi super-impresso.

Luxemburgo

Os selos do ducado foram super-impressos.

"Solidariedade" germano-italiana

Depois, a Italia reafirmou o pacto Roma-Berlim, [illegible]. Ambos os paises já haviam publicado [illegible] selo eixista.

NOVOS ELEMENTOS DO EIXO

A Guarda de Ferro tomou conta da Rumania e honrou um dos seus herois; a Italia apagou o rei Pedro nos selos da Iugoslavia.

"V" na Noruega

Um "V" alemão pela "Vitoria".

Senhorita Aida de Brito, que concluiu, com brilhantismo, o curso ginasial do Colegio Independencia.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

Dia 30 - Sra. Honorina Coelho Fraga.

Dia 31 - Sra. Maria Amélia Peixoto Tarlé; sta. Maria Leonora Assunção Araujo; srs. Almte. Américo Brasil Silvado e dr. Pedro Pernambuco Filho.

Dia 1 - Srs. dr. Mário Alves e Luiz Peixoto, caricaturista; Cmte. Fernando Savaget, Almte. J. C. Noronha Santos e ministro Ataulfo de Paiva, da Academia Brasileira.

A' direita :

PRECOCIDADE: VIOLINISTA AOS NOVE ANOS

Jean Clair Sandbank, a jovem violinista de 9 anos, que executou recentemente um brilhante recital no Conservatório Brasileiro de Musica.

No "Concertino Hungaro" de O. Rieding, com acompanhamento de orquestra de câmera sob a regência do maestro Eliazar de Carvalho, a jovem violinista conseguiu maravilhar a assistência pela execução perfeita do famoso "Concertino" e a interpretação pessoal, que revelou um extraordinário temperamento de artista.

Realisou-se na semana transacta o enlace matrimonial da senhorinha Uranita Almeida, filha do Dr. Renato Almeida, encarregado do Serviço de Informações do Itamarati e Diretor do "Liceu Franco-Brasileiro", com o Dr. Francisco de Azevedo Viana, advogado nos auditorios desta capital. Foram testemunhas da noiva, no civil, o juiz Ribas Carneiro e sua esposa D. Silvia Ribas Carneiro, e padrinhos, no religioso, seus pais; do noivo, no civil, os Drs. Paulo Witacker e Raul Maranhão, e no religioso o Dr. Rafael Cantinho Filho e esposa. Foi celebrante o Nuncio Apostolico, monsenhor Benedetto Aloisi Masella.

Consorciaram-se a 11 do corrente o Cap. tenente Miguel Floriano Peixoto de Abreu da nossa Marinha de Guerra, com a gentilissima senhorita Natalia de Cerqueira Simas, filha do engenheiro José Furtado Simas, professor da Universidade do Brasil e de sua exma. esposa, D. Maria Cerqueira Simas. São progenitores do noivo o coronel Renato da Veiga Abreu e D. Maria Anunciada Peixoto de Abreu. E' da cerimonia religiosa o flagrante que reproduzimos acima, obtido na Basilica Terezinha do Menino Jesus, onde a mesma se realisou.

Dia 2 - Sra. Maria da Cunha Bastos Versillo; srs. Dr. Paulo Azeredo e Almte. José Maria Penido.

Dia 3 - Sra. Laurita Pessoa Raja Gabaglia; srs. ministro plenipotenciário Sebastião Sampaio, conde Silvio Penteado, Dr. Raul de Azevedo, Gal. Gustavo Cordeiro de Faria e Prof. José Vitor de Lamare.

Dia 4 - Senhoras Artur Bernardes e Jandira Aguiar de Siqueira; srs. ministro Bento de Faria, Dr. Gastão Guimarães e Dr. Luiz Felipe de Sousa Leão.

Dia 5 - Srta. Flora Joviano; srs. ministro Pires e Albuquerque, Prof. Barbosa Viana e Cmte. Hélio Saião Bustamante.

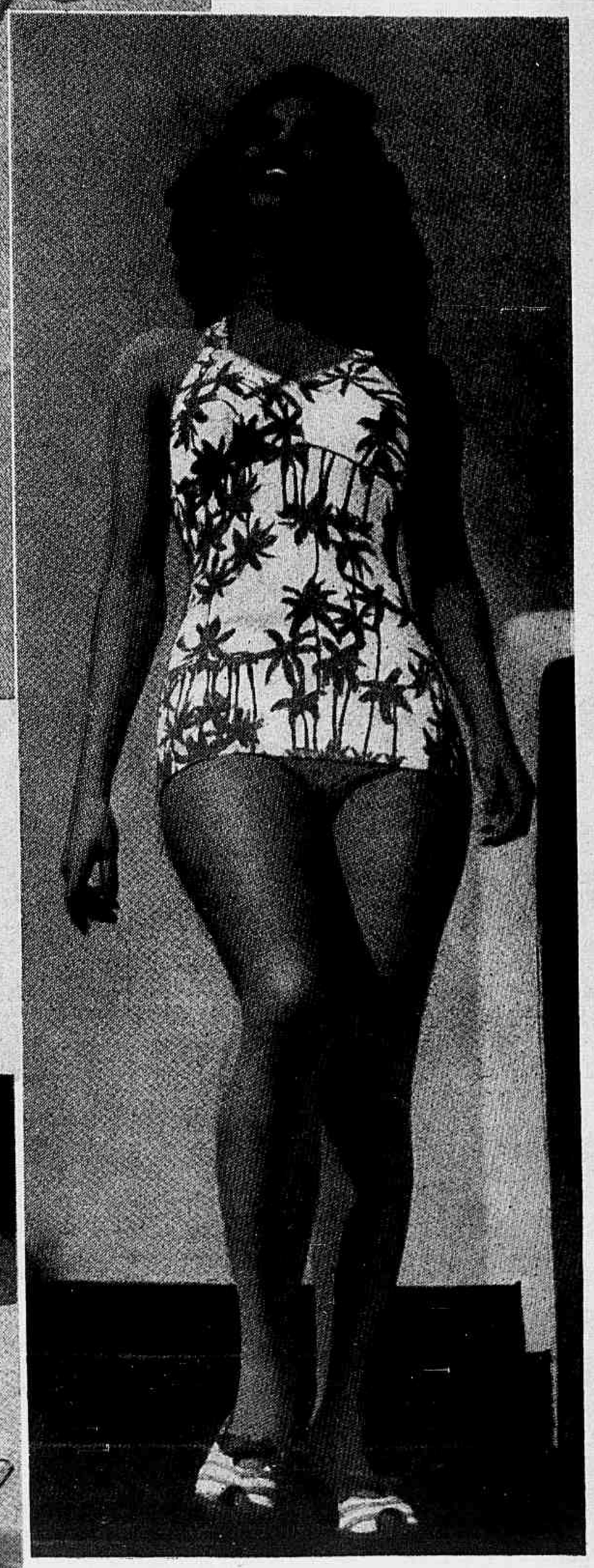
Ao lado :

Flagrante colhido no Instituto Nacional de Puericultura, por ocasião do Natal no Posto I da Cruz Vermelha, do qual é diretora d. Anilete Colares Moreira.

VERÃO!

Apesar das traiçoeiras chuvaradas deste verão, é preciso não esquecer que o tempo do bom sól e da praia gostosa é mesmo este... Emquanto S. Pedro não fecha de vez as torneiras do alto, consolemo-nos com a visão destas pequenas de Hollywood donas de «maillots» realmente notaveis.

RUGÓL
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE



V Bombons VITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os melhores.

ADAPTAÇÕES

CONTINUAMOS insistindo nas adaptações ao gosto antigo, já que, felizmente, está renascendo a preferência pelos encantadores moveis que a tradição de varios séculos enriqueceu de tal prestigio que nem as tendencias modernas nem as creações de notaveis desenhistas de hoje conseguiram diminuir.

E os moveis antigos, delicados e respeitaveis, parece que adquirem um encanto diferente na "nova" adaptação ou na decoração — simples e discreta — que os envolve, em que os *voiles*, as pelucias e os tapetes teem um papel tão preponderante.

EXEMPLO — Mesa e *buffet* folheados de imbuia sobre cedro comprensado, com tampos de cristal lapidado; note-se que o recorte á moda *colonial* condiz em ambos os grandes moveis. As cadeiras, de linhas extremamente simples, são estofadas de couro claro, que harmonisa com os amplos reposteiros de pelucia, sobre cortinas de *voile* suisso, e o tapete em passadeira aveludada de 250 centimetros.

Não se fie, porém, em leigos no assunto. Chame um decorador. Não pretenda copiar; o técnico dar-lhe-á uma ideia realisavel e pode executa-la plenamente.

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS
ASA MARCA
UNES REGISTRADA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SÓMENTE
65 · RUA DA CARIOCA · 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Jockey Club Mundano

Realisou-se domingo no Hipodromo da Gavea mais uma temporada de verão. Publico numeroso, onde predominava o elemento feminino, ali compareceu para assistir ao desenrolar de um programa de oito interessantes provas.

"Atleta" venceu o handcap *principal.*

Nesta pagina, aspectos sociais da tarde de domingo no Hipodromo Brasileiro.

Franklin

Simbolo da America Idealista e Combatente

O Presidente Roosevelt, numa das suas atitudes caracteristicas — a de repto, diante da adversidade.

DIZEM os pessimistas que são os acasos que fazem os herois, que é um mero conjunto de circunstancias que cria os grandes homens. Negamos esta afirmativa. E' fato que os "momentos" facultam possibilidades. Entretanto, achamos que o valor substancial dos gigantes — - sua energia creadora — é um elemento próprio, anterior aos fatos que os notabilizaram, capaz de caraterizar, por si mesmo, a personalidade daqueles que o possuem.

Dai querermos revelar, numa breve sintese, a vida edificante de Franklin Roosevelt. Melhor que todos conheçam, que todos vejam com os olhos o que tem sido essa existência de trabalho e de lutas, do atual Presidente dos EE. UU Não é necessario tecer nenhuma lenda para exaltá-lo. Basta simplesmente dizer a verdade. Narrar os fatos. E' o que procuraremos fazer.

Franklin Delano Roosevelt nasceu em Hyde Park, Estado de Nova York, a 30 de janeiro de 1882, filho de James e Sara Delano Roosevelt. Sua progenitora era aparentada com a familia Astor - as mais ricas e importantes dos Estados Unidos - sendo considerada em sua mocidade como uma das mais belas jovens que frequentavam os circulos sociais nova-iorquinos. Seu pai gozava de influência nas altas esféras ferroviárias.

O jovem Franklin passou a infancia na grande propriedade paterna, em Nova York, e recebeu dos próprios pais e de preceptores as suas primeiras noções de instrução. Com 14 anos, foi matriculado na afamada escola Groton para rapazes, em Groton, Massachusetts. Cinco anos mais tarde, ali graduou-se com distinção. Passou o verão seguinte viajando pela Alemanha, onde adquiriu sobre a mentalidade germanica muitos conhecimentos que mais tarde, como estadista, lhe seriam de grande utilidade.

Regressando da Europa, Roosevelt - com 19 anos apenas - entrou para a Universidade de Harvard e ali completou em três anos o curso regular de quatro anos. Ainda assim, encontrava tempo para atividades atléticas e para dirigir o tradicional jornal da academia - o "Harvard Crimson". Depois de se graduar em Harvard, estudou Direito na Universidade de Columbia, completando o seu curso com notas altas.

Pouco depois, o jovem Roosevelt casou-se com Anna Eleanor Roosevelt, parente distante e sobrinha do ex-presidente Theodore Roosevelt.

Nos cinco anos seguintes, Roosevelt exerceu a advocacia em Nova York. No outono de 1910, o jovem advogado foi eleito para o senado estadual nova-iorquino, onde conquistou rapidamente a reputação de um destemido lutador politico. Reeleito em 1912, apoiou ativamente a candidatura de Woodrow Wilson para a presidencia da republica. Durante a campanha, estreitou a suas relações de amizade com Josephus Daniels, ex-embaixador norte-americano no México. Desde então, os dois nunca deixaram de ser amigos.

Franklin Roosevelt, quando jovem estudante em Harvard.

Com a eleição de Wilson para a presidencia, Daniels foi nomeado secretário da Marinha, e escolheu para assistente de secretário Franklin Roosevelt, que permaneceu naquele importante cargo durante os anos da primeira guerra mundial.

Em 1919 foi á França para cooperar na solução dos problemas navais de após-guerra. De volta ao Estados Unidos no mesmo ano, dedicou-se de corpo e alma á tarefa de obter um apoio mais decisivo do seu país á Liga das Nações.

No ano seguinte, o Partido Democrático indicou-o para a vice-presidencia dos Estados Unidos. Imediatamente iniciou uma excursão de propaganda por todo o país, tendo pronunciado cerca de oitocentos discursos. A despeito de sua infatigavel energia durante a campanha, Roosevelt e os democratas perderam a eleição, sendo escolhido Warren G. Harding para a presidencia.

Roosevelt continuou com a sua banca de advocacia até 1924. No verão desse ano contraiu uma terrivel enfermidade - a paralisia infantil — que o deixou sem movimentos da cintura para baixo. Os médicos foram de opinião que ele nunca mais poderia caminhar.

O futuro chefe dos Estados Unidos respondeu ao pronunciamento dos médicos com o seu caracteristico e desabusado otimismo. Ao vêr que o tratamento hospitalar nada adiantava, encomendou livros sobre a sua doença e dentro de pouco tempo entendia tanto dela quanto os médicos. Sabendo dos efeitos curativos das águas de Warm Springs, na Georgia, Roosevelt para lá se dirigiu afim de se tratar. Pouco a pouco começou a melhorar, e finalmente conseguiu guiar automovel e caminhar com o auxilio de muletas.

Voltando ás atividades politicas, desempenhou vários mandatos, atingindo por fim a Presidencia, em novembro de 1932.

Nos dez anos seguintes, como chefe da nação americana, conquistou o respeito e admiração não somente do seu proprio povo, como de todo o mundo civilizado. O presidente baseou sua politica interna no "New Deal" - a luta para dar ao povo o que ele chamava "uma vida mais abundante". No setor das relações exteriores refletiu a vontade da nação, transformando em realidade a Politica de Boa Vizinhança e tomando posição firme contra os agressores do Eixo.

Os Roosevelt, em familia, pouco antes do Presidente, então assistente da secretaria da Marinha, ser eleito vice-presidente dos E. Unidos.

Roosevelt

Fez turismo na Alemanha e advocacia em Nova York -- "New Deal", um programa politico -- O maior triunfo eleitoral na Historia -- Hoje é o comandante espiritual das Americas

O futuro presidente dos E. Unidos, ao iniciar a carreira de advogado, em 1907.

O Presidente, no seu 60º aniversario, num carvão do natural, feito na Casa Branca, no ano passado.

O primeiro termo de Roosevelt na presidencia, foi assinalado pela inauguração de um vasto programa de obras publicas e reformas e conomicas radicais. Em 1936 ele foi reeleito por uma maioria de onze milhões de votos - a mais retumbante vitória eleitoral na história dos Estados Unidos.

Em 1936, esteve no Rio de Janeiro, onde inaugurou a Conferencia Interamericana da Paz. Além desta, teve muitas outras iniciativas.

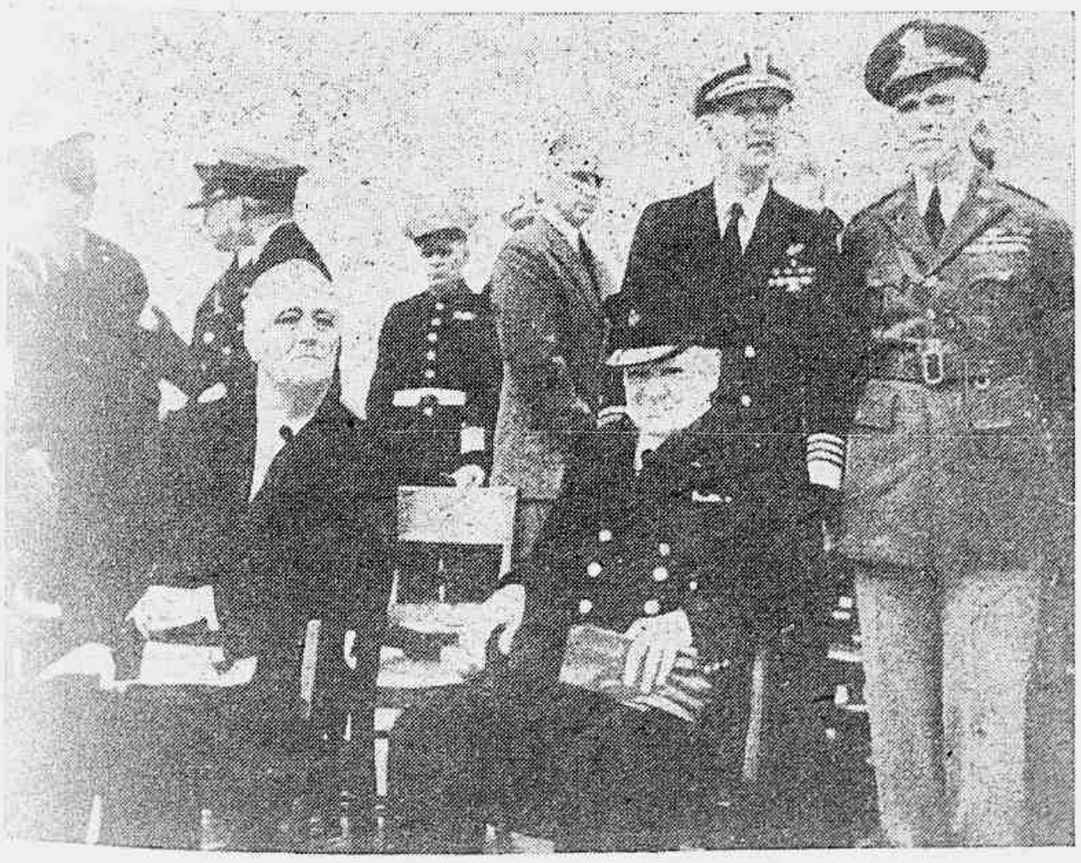
Findo o segundo, anunciou que se apresentaria candidato a um terceiro periodo presidencial. Nas eleições do outono, tornou-se o primeiro homem na história dos Estados Unidos a ocupar a presidência por três termos consecutivos.

Um ano e pouco mais tarde, entraram em guerra os Estados Unidos com o traiçoeiro ataque a Pearl Harbor. O Congresso declarou a guerra no dia seguinte e concedeu de imediato ao presidente os mais amplos poderes jamais confiados a um chefe norte-americano.

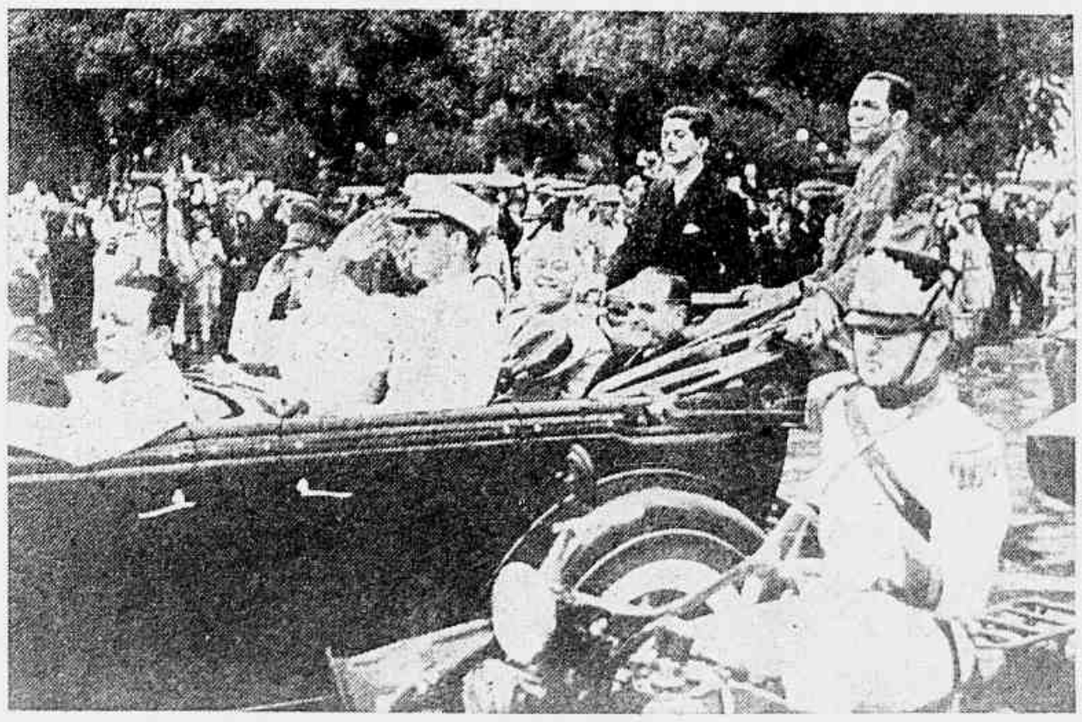
Deve-se inegavelmente ao Presidente americano o milagre de ter transformado uma Nação pacifica em uma legião de soldados. Não só de soldados que empunham armas, no campo de batalha, como de outros que as fabricam, no "front" não menos penoso da produção.

Embora os timidos hesitassem, os derrotistas augurassem maus resulados, ostentou essa inflexibilidade que distingue aqueles que sabem querer. E, provando que uma decisão firme de vencer já constitue o principio da vitória, ai vemos êsse esforço magnifico da humanidade do Hemisfério Ocidental, empenhado numa luta por um mundo melhor para todas as nações e todos os povos.

Esta esplêndida Cruzada possue, na figura de Franklin Delano Roosevelt, o seu animador. Este, pois, o sentido do preito que a ele tributamos, no dia em que toda a América festeja o seu natalicio.



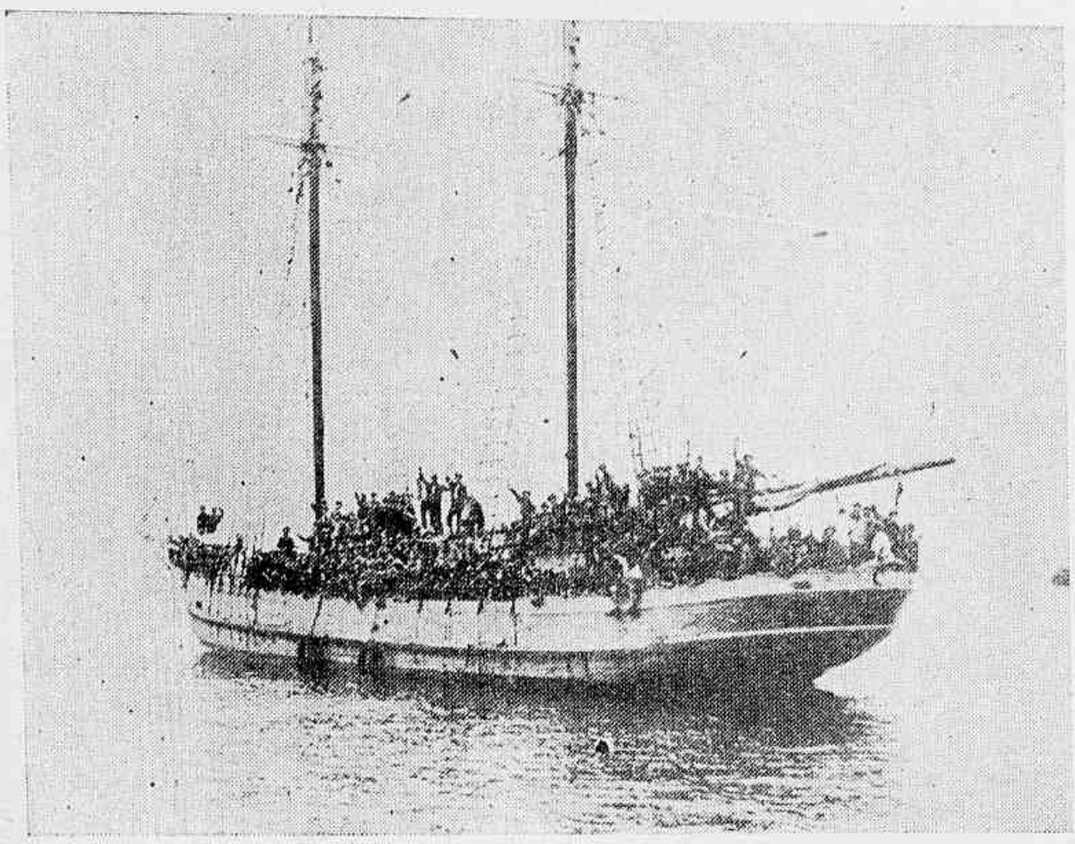
O grande momento historico: o primeiro encontro Roosevelt-Churchill, depois duma viagem sensacional do segundo.



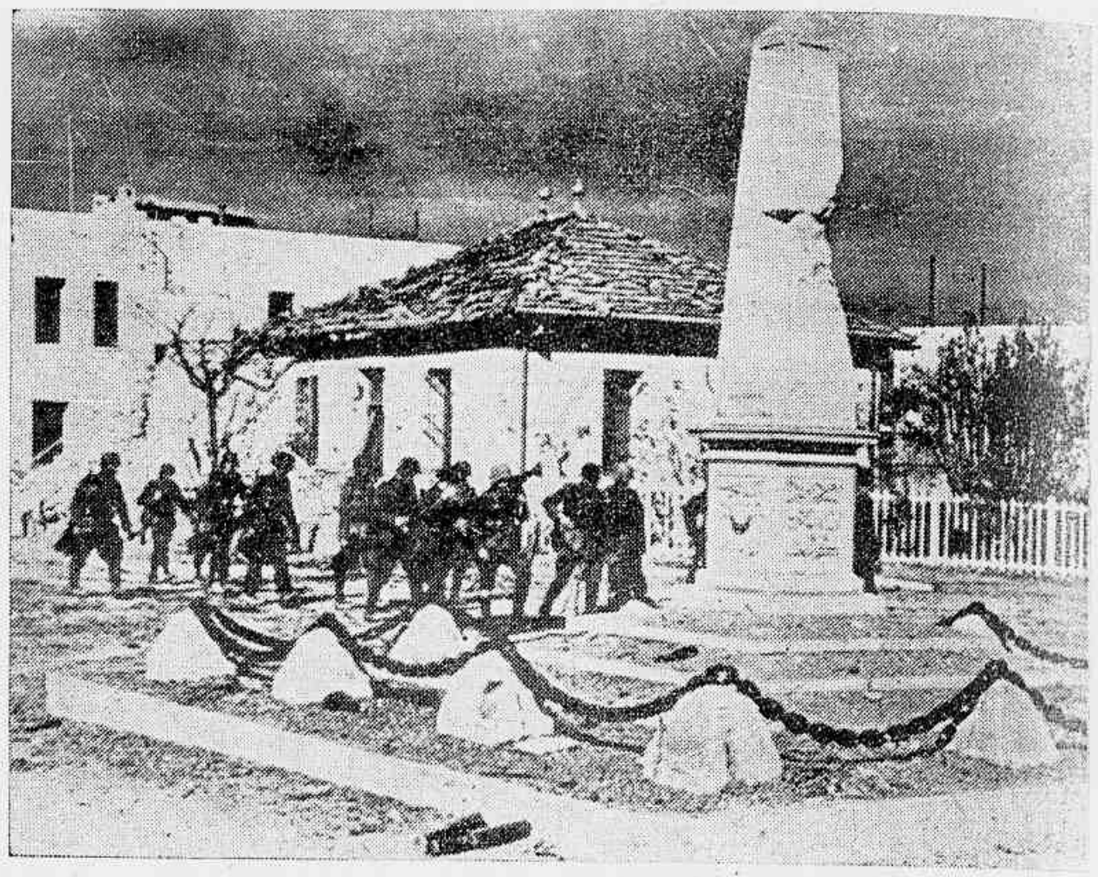
A visita do grande cidadão americano ao Brasil, assinalada como verdadeira consagração de nossa patria ao povo da nação sempre amiga.

A guerra em todas as frentes

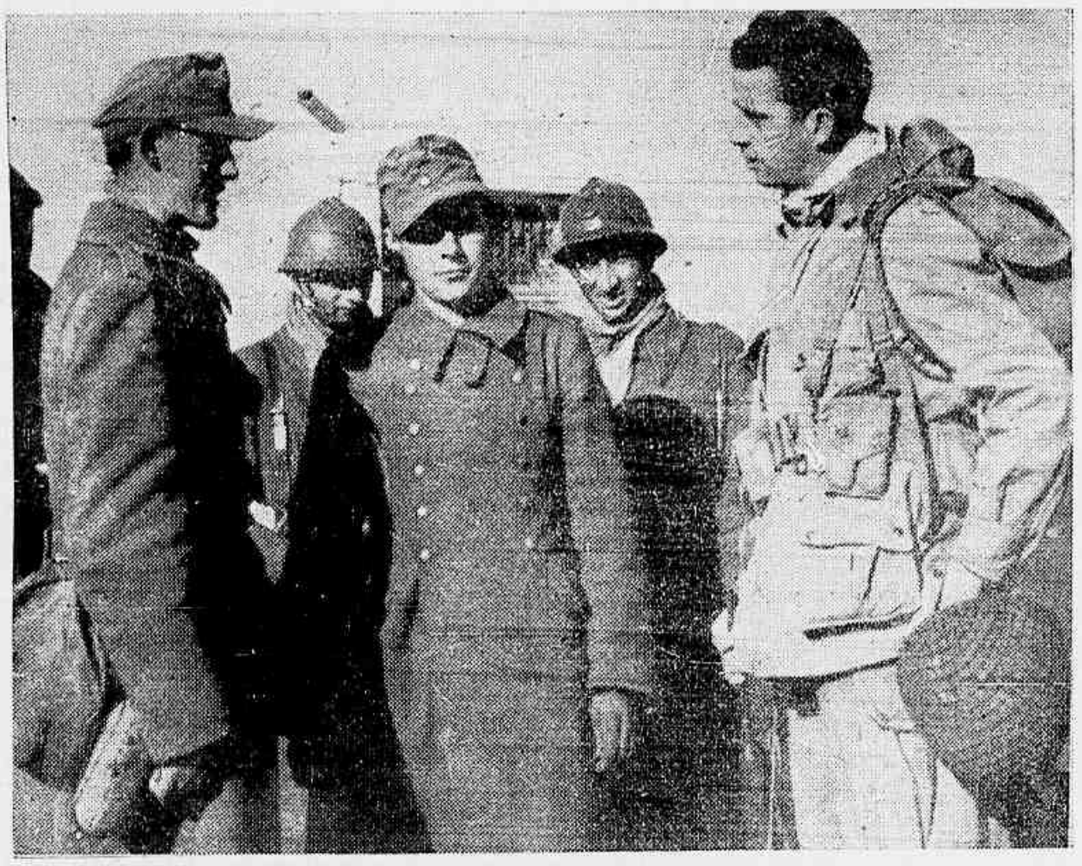
(Serviço exclusivo, por via aérea, para a REVISTA DA SEMANA)



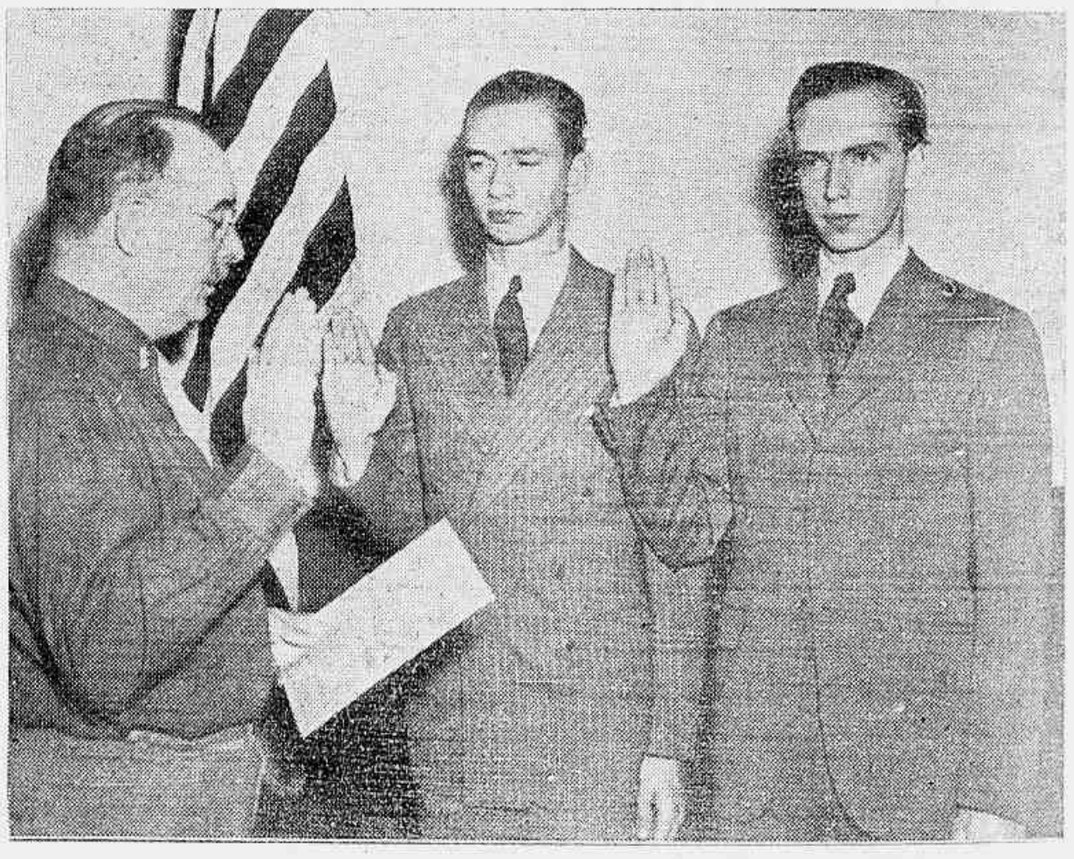
NOVA GUINÉ — Guerreiros modernos em seu antigo veleiro — Virtualmente, cada polegada deste pequeno vaso está coberta com os combatentes dos Estados Unidos, que acenam para os seus camaradas e nativos de Nova Guiné vindos em canoas ao seu encontro. Mal desembarquem, principiarão a marcha forçada, pelo meio de rios e pantanos, para a batalha da jangala, lado a lado com os guerreiros de pele de bronze.



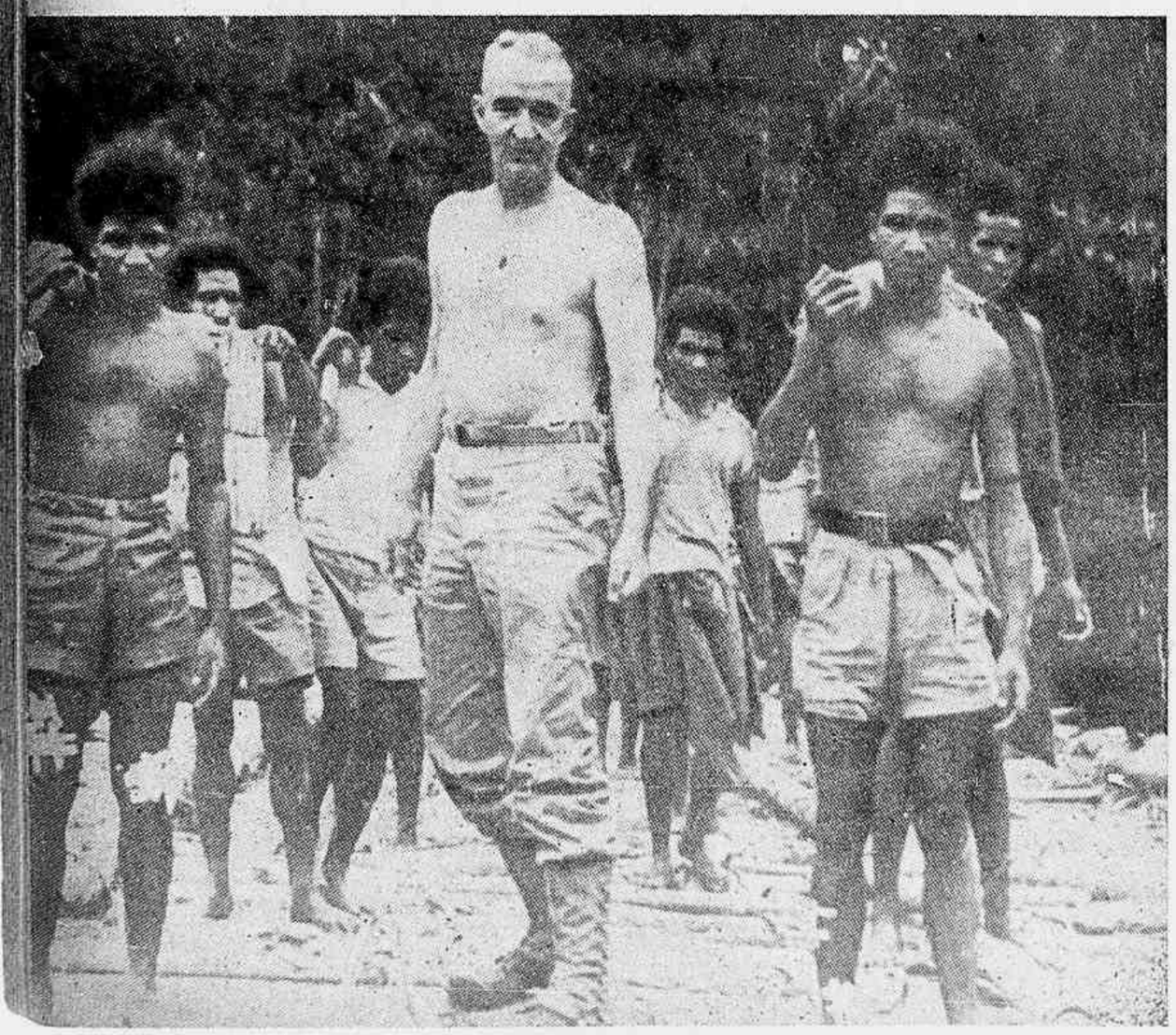
TEBURDA — Esta fotografia, recebida em New York, por intermedio de Portugal, mostra tropas alemãs marchando em Teburda, na Tunisia, diante dum monumento comemorativo. Desde que, em dezembro, os nazistas se apoderaram desta cidade, têm-se visto sob constante bombardeio aéreo pelos americanos.



NALGUMA PARTE DA TUNISIA — Esta é a primeira fotografia mostrando um oficial americano a interrogar soldados alemães aprisionados na Africa.

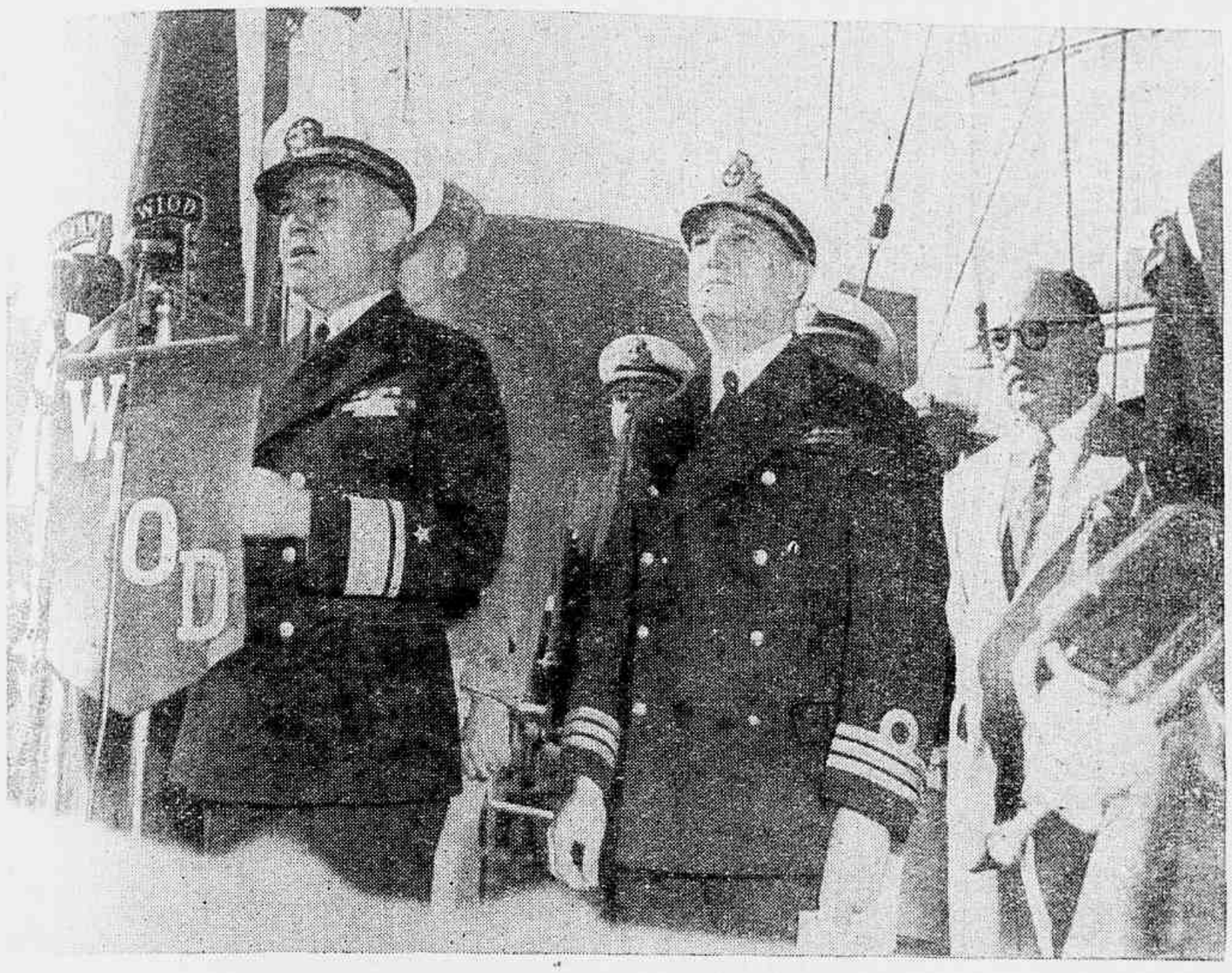


MYER, VA. — Dois jovens arquiduques da Austria prestam juramento á bandeira dos Estados Unidos, perante o Major C. E. Royer. Depois do treino basico, serão incorporados ao batalhão de austriacos, em organisação na America. Felix Ludwig Habsburg é o do centro; o outro é Karl Ludwig Habsburg.

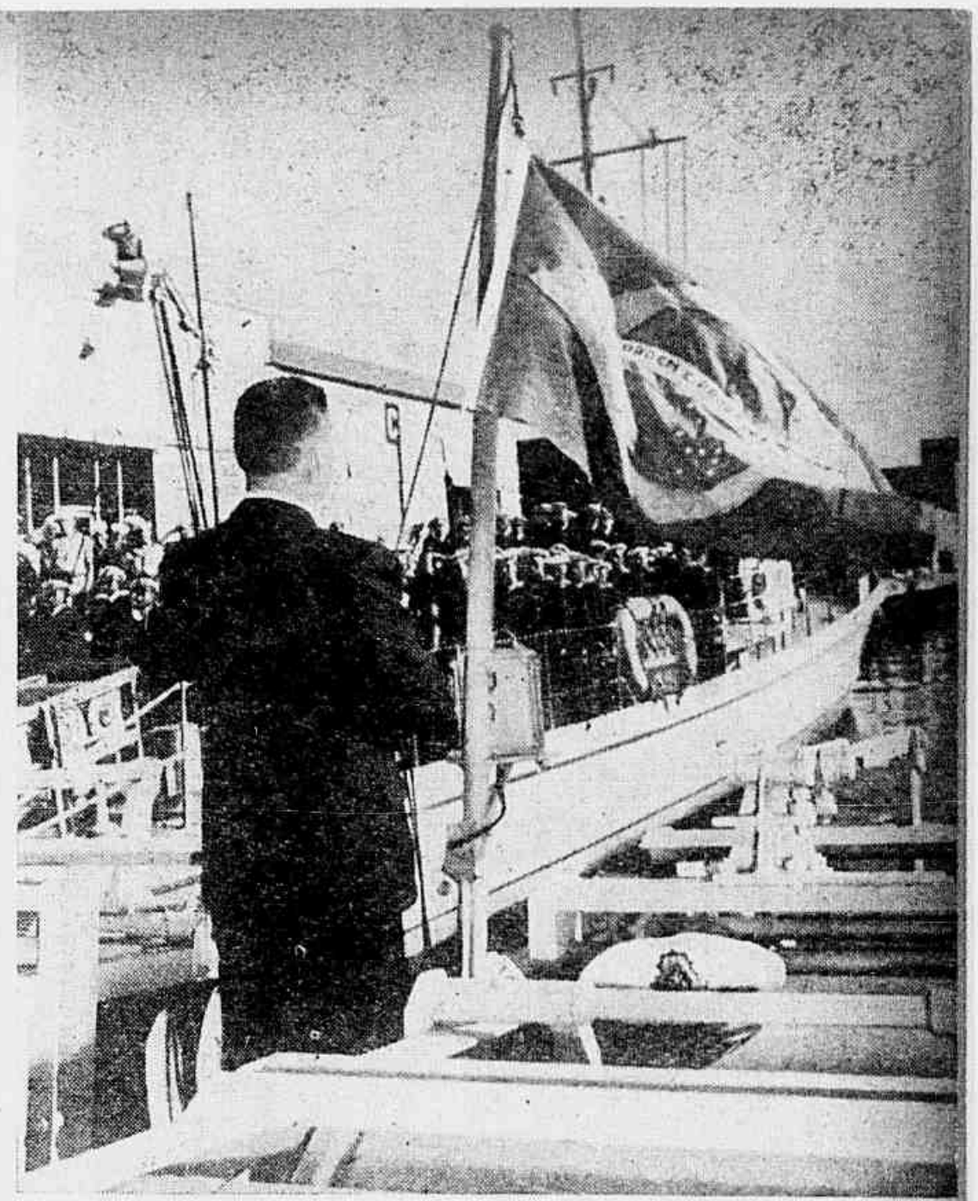


STALINGRADO — Refugiados da cidade sitiada reunidos nos suburbios com os poucos pertences que puderam carregar, na hora da fuga diante do invasor. Apesar da tremenda batalha que reduziu a maior parte de Stalingrado a ruinas, esses refugiados preferem esperar perto de suas casas destruidas, até que o inverno e os russos façam a maré mudar.

NOVA GUINÉ — O general Robert Eichelberger, antigo comandante da Academia Militar de West Point, é um dos generais que acreditam que devem compartilhar dos perigos e desconfortos de suas tropas. Depois de comandar a vitoriosa campanha contra os japoneses em Buna e outros pontos das ilhas papuas, vemo-lo aqui, sem camisa, inspecionando alguns carregadores nativos que levam fornecimentos aos soldados americanos.



MIAMI — Presente ao bom vizinho, o Brasil. O almirante James L. Kaufgman fazendo o discurso oficial na cerimonia da entrega de três caça-submarinos doados p los Estados Unidos á Marinha Brasileira. Ao centro, acham-se o comandante Harold Reubem Cox, adido naval em Miami, e, de oculos, o Dr. José Horta, consul geral do Brasil naquela cidade.



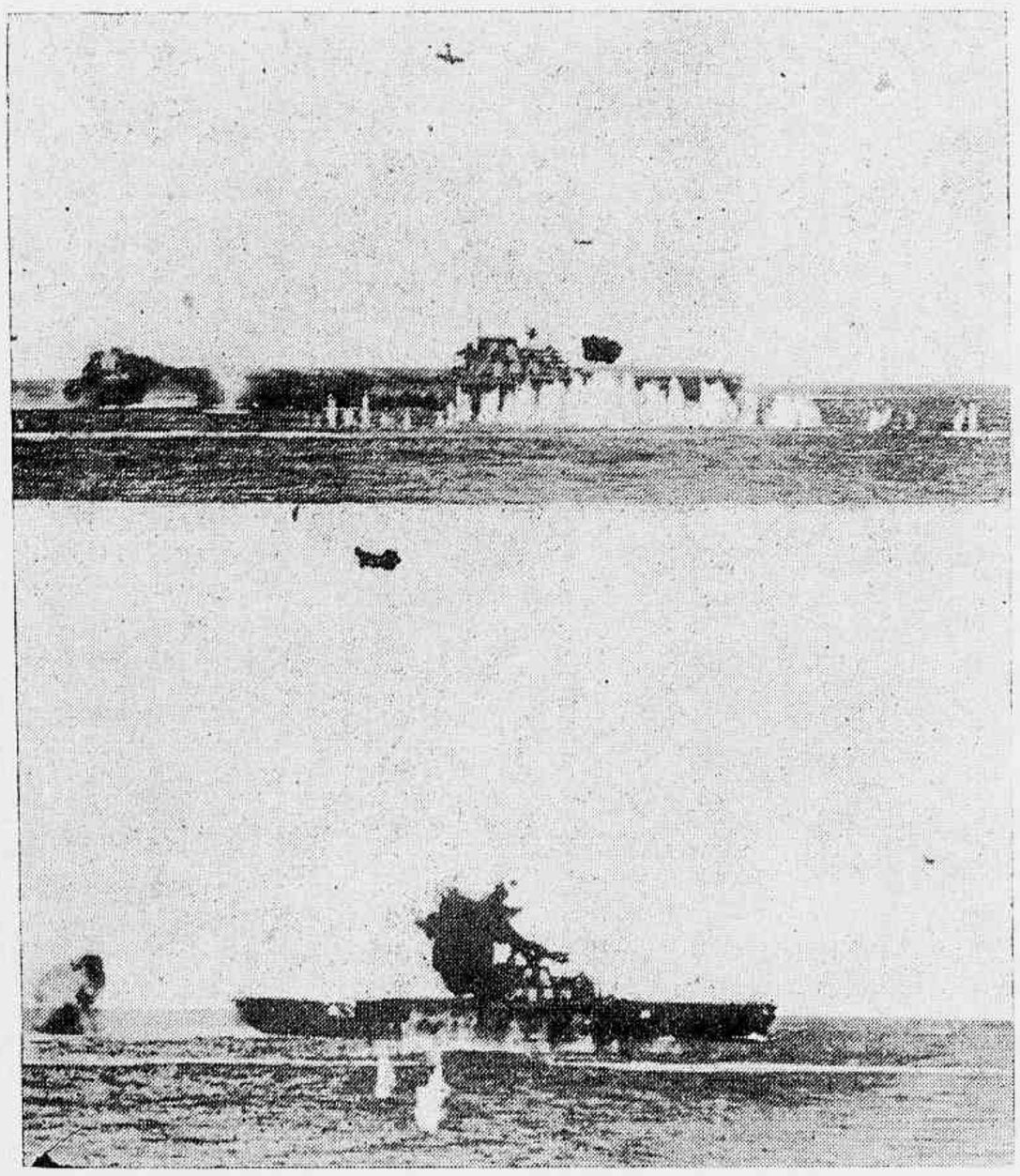
A bandeira do Brasil flutua acima dos três caça-submarinos oferecidos pelos E. Unidos e agora oficialmente incorporados á Marinha brasileira, numa vibrante ceremonia naval.

LIBIA — Primeiros socorros prestados a soldados ingleses, em plena batalha, enquanto outros se atiram para diante, para desalojar um grupo de nazistas duma "Wadi" na zona de Sirte. Esta fotografia foi diretamente radiografada do Cairo para New York a 30 de dezembro ultimo.

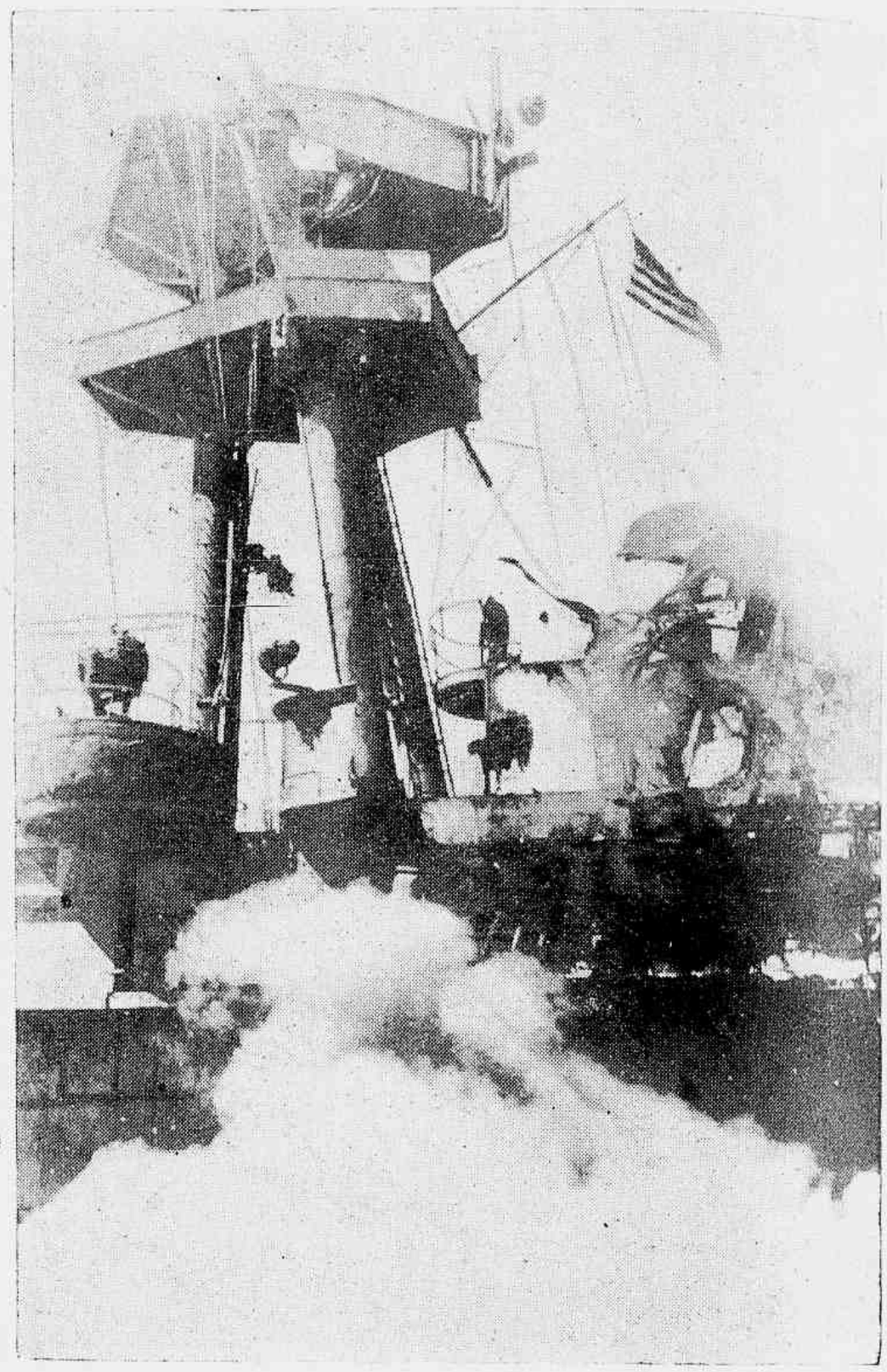
NALGUMA PARTE DA CHINA — Aviadores americanos na China desdobram bandeirinhas dadas pelo governo chinês, para servirem de sal o conduto e garantia de assistencia, caso sejam forçados a descer em territorio chinês, em viagem para uma base aérea americana.

NA, LIBIA — Derna foi entregue ao oitavo exercito do general Montgomery, sem maior luta. No aerodromo acima da cidade, os ingleses acharam grande numero de aviões inimigos danificados voluntariamente, como mostra a gravura. Apesar disso, muitos deles puderam ser aproveitados.

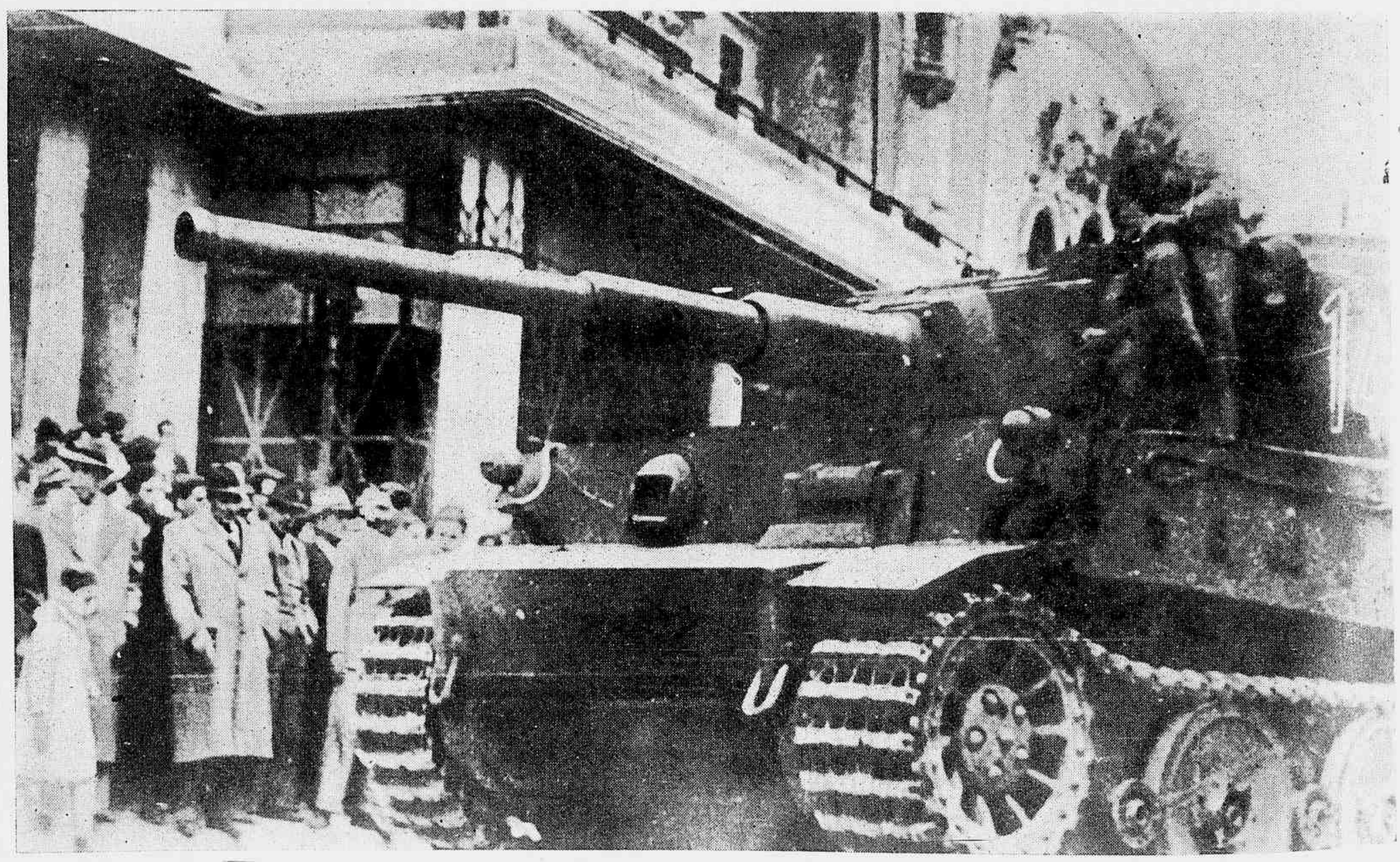
BUNA, NOVA GUINÉ — Um par de "tanks" ligeiros dos E. Unidos abrigados num coqueiral no cabo Endaiadere, Nova Guiné, antes de se moverem para outra arrancada contra os japoneses na frente de batalha de Buna.



WASHINGTON — Diversos aviões japoneses são fotografados acima do porta-aviões americano Hornet. Um deles, no alto, está fazendo um mergulho suicida, na direção do navio. Em baixo, vê-se o impacto do avião contra a torre de sinais, enquanto chamas e fumaça sóbem no céu do Pacifico.



WASHINGTON — A bandeira estrelada ainda flutua no topo do porta-aviões Hornet, embora, poucos minutos antes, tenha ele sido atingido por um avião japonês suicida, que estourou de encontro á torre do navio.



TUNIS — Um pesado "tank" alemão desfila pelas ruas de Tunis, de acordo com a legenda que acompanhou esta fotografia recebida por intermedio de Portugal. Este monstro com os seus longos canhões faz parte das forças que enfrentam os americanos, ingleses e franceses no norte da Africa.

VIVENDO PARA A MUSICA NUM MUNDO SEM LUZ

ALGUNS ASPECTOS DA CARREIRA DA PIANISTA ESTER SAMARA - AS CONFIDENCIAS DE UMA CRIANÇA A UM PIANO DE BRINQUEDO - MAIS DE 150 PEÇAS JA' TOCARAM OS SEUS DEDOS NERVOSOS - CHOPIN O AUTOR PREFERIDO

A 17 do corrente, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, realizou-se o concêrto da pianista Estér Samara, promovido sob os auspicios de várias pessoas de destaque em nossa sociedade.

Não dispondo do sentido da visão, condição que atraiu em torno de sua pessoa a consideração menos artistica do que prestimosa, por parte do publico, o concêrto despertou interêsse, não obstante a tarde morna e abafada que afuguenta para os campos e para as praias os frequentadores da arte.

De passagem, diga-se que não é excepcional o fato de tocar piano quem não vê. O essencial, antes de tudo, é tocar bem, é comunicar ao publico os sentimentos expressos na obra de arte. E Ester Samara, segundo os criticos, não fugiu a êsse dever. Dado, porém, o interesse em torno dessa deficiência fisica na pessoa da intérprete, procuramo-la para entrevistá-la acerca da sua educação artistica, dos processos de que lança mão para estudar um instrumento de técnica complexa como é o piano.

Estér Samara é paulista, achando-se provisoriamente nesta capital. Enquanto os dedos nervosos percorriam o teclado, em busca de uma valsa de Chopin ou saltitavam inquietamente numa buliçosa sonata de Scarlatti ela ia recordando os seus primeiros anos de trabalho que são, para todo artista, um sacrificio mais honroso do que a consagração que o publico lhe dá na maturidade.

—Foi com a idade de dez anos que eu comecei a estudar. Antes, porém, já havia notado que gostava de musica. Meus brinquedos, como é de prevêr, giravam em torno de qualquer cousa que tivesse o som como elemento essencial. Lembro-me que tinha um piano, desses de brinquedo, que era a minha melhor diversão, quando tateava o seu teclado, engendrando melodias que me vinham á memória.

—De uma vez, acabando de ouvir a "Marselhesa", foi até o piano e reproduziu-a emocionada, - acrescentou a mãe de Samara com um sorriso de orgulho.

—Com quem e onde estudou?

—Foi o professor Alfredo San Giorgi, diplomado em Nápoles, pelo processo Braille, o meu professor, no Conservatório de São Paulo. Estudei não somente piano, mas todas as demais matérias que constituem o curso como teoria, solfejo, harmonia, etc.

—Esterzinha, - acudiu a mãe - tirou distinção em todas as matérias...

—Levando-se em conta a circunstancia de ter que decorar todas as lições - ajuntou a irmã.

Decididamente, quando têm de dizer alguma cousa, as filhas de Eva põem as respostas antes das perguntas. Tradição...

—Qual a maior emoção de sua carreira? - indagamos.

E ela hesitou em responder, se o sucesso do seus exames ou o êxito do seu primeiro concêrto, no qual tocou a "Pastoral e Capricho" de Scarlatti-Tausig, a Sonata op. 27 nº 2, de Beethoven, além de uma parte toda dedicada a Chopin.

—Tem preferencia por algum autor?

—Chopin. Cósto muito de tocar Scarlatti, mas Chopin diz melhor com o meu temperamento. (E tocou o "Estudo op" 25 nº 7, que alguem já identificou com um passeio por uma cidade em ruinas).

—Além do piano, dedica-se a outra atividade?

—Não, apenas escrevo a máquina, mas é facil de vêr a diferença entre fazer uma carta e tocar a "Chacone" de Bach.

—A "Chacone"? Aquilo tudo?

—Esterzinha já tocou de 150 a 200 peças, inclusive obras como a transcrição da "Chacone" de Bach, - informou pressurosa a sua irmã.

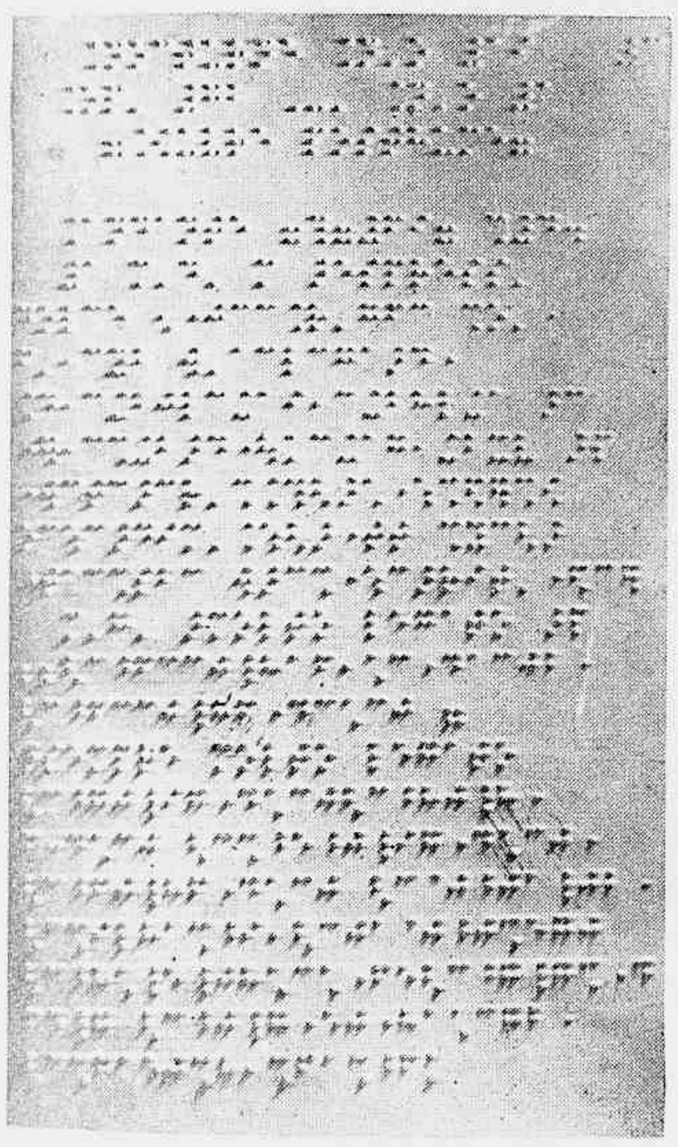
—Deve ser trabalhoso o preparo de uma peça de semelhantes proporções.

—E', não resta duvida... Mas, para isso, eu conto com a ajuda de minha irmã. Ela, que toca piano, tambem, vai-me ditando a composição que eu passo para os sinais Braille, uma vez que, de ha muito, não recebemos da Europa musicas gravadas nesse sistema. Depois, vou correndo os dedos por sobre a cópia que eu mesma fiz e, á força de repetir gravo na memória a peça estudada, com todos os detalhes. (E deu-nos o exemplo, com um Noturno de Chopin, cujo "cliché" vai estampado nesta página. Quem o poderia contestar? Mas, o fato é que ela toca).

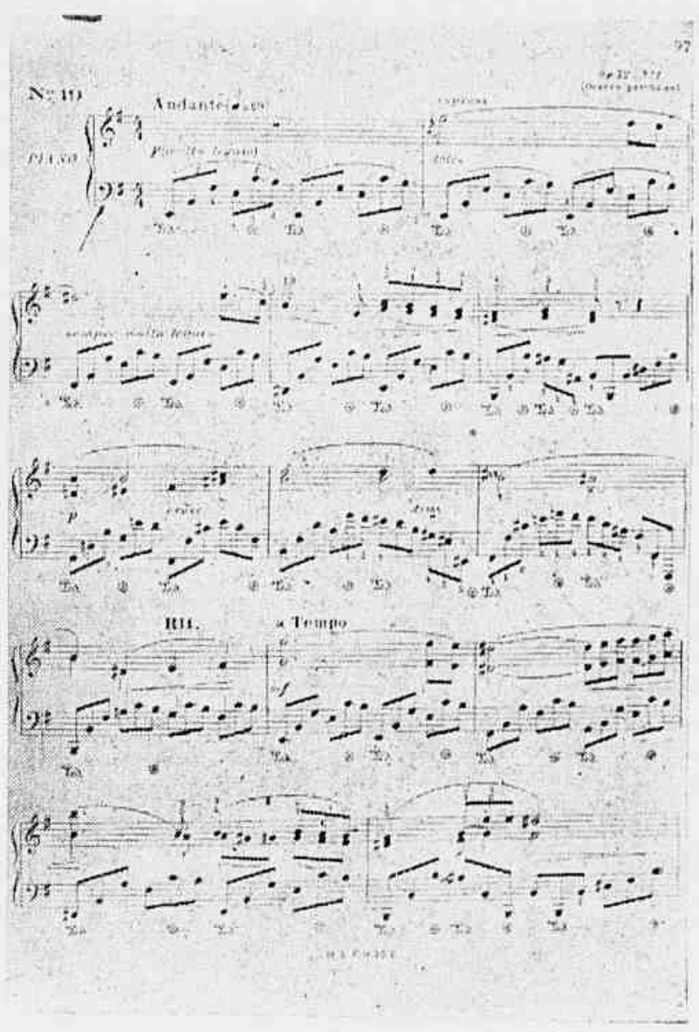
—A sra. tem projetos para o futuro, no que se refere á sua carreira?

—Claro. E o principal dêles é uma viagem aos Estados Unidos, o que espero fazer depois da guerra. Estér Samara tem muita confiança no futuro. Vive sómente para a musica, porque não distrái a atenção com as mil e uma solicitações da frivolidade dos nossos semelhantes. Bela compensação lhe deu o destino. Não vê o mundo, porém ele lhe fala aos ouvidos o que há de mais belo no seu conteudo. Fala-lhe a linguagem maravilhosa que os sons exprimem através das obras dos gênios criadores.

O mundo lhe fala uma linguagem maravilhosa cujas belezas ela transmite ao publico, conciente de que não está mostrando, sómente, que um cégo toca piano.



Isto que se assemelha muito ao modêlo de um dêsses trabalhos de cartonagem usados nos jardins de infancia e que para nós não passa de um desenho monótono, significa, para os pianistas cégos, uma página do Noturno em mi menor, op. 72 nº 1, de Chopin.



Aqui está a primeira página daquele Noturno cujo "cliché" reproduzimos em Braille.

Aspecto da assistência presente ao concêrto de Estér Samara, no auditório da A. B. I., vendo-se no primeiro plano, o ministro Souza Costa.

Crianças

MAGALY — filha do 1.º tenente João Baptista Neiva e de sua esposa d. Manon Menezes Neiva, e neta do sr. Mario Aché Cordeiro.

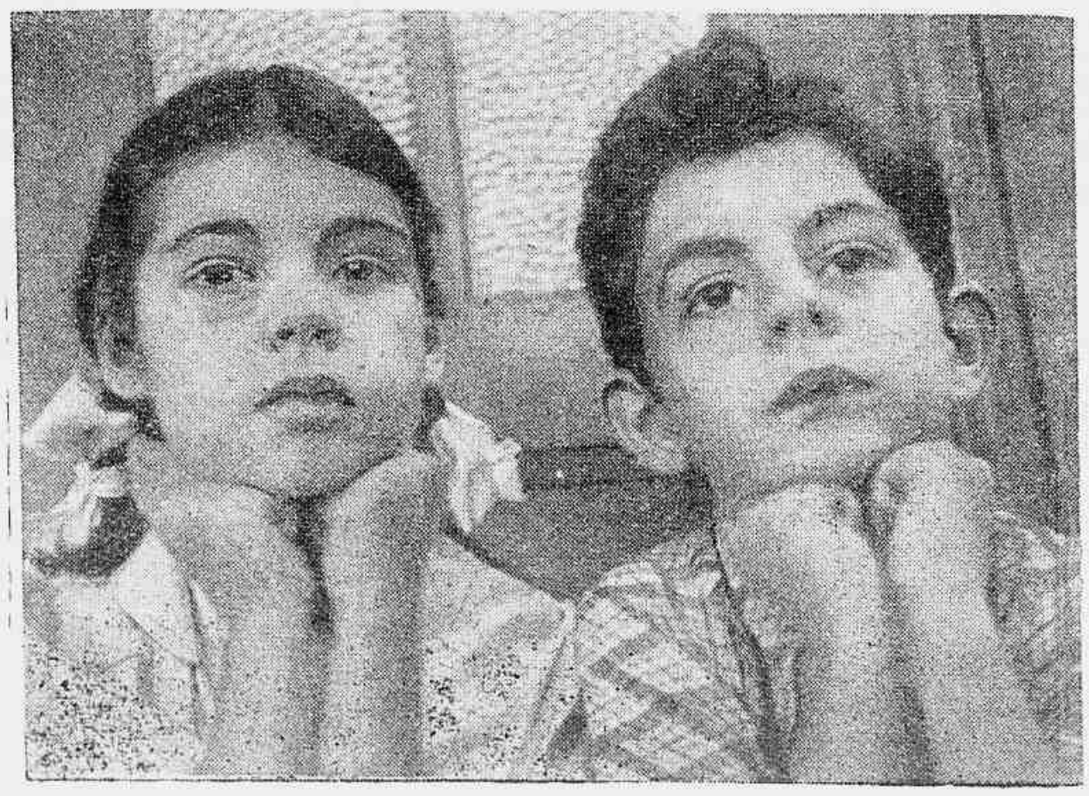
CECILIA ROCHA LEÃO, graciosa filha do casal Carlos da Rocha Leão, no dia da sua primeira comunhão ministrada no mez de dezembro de 1942.

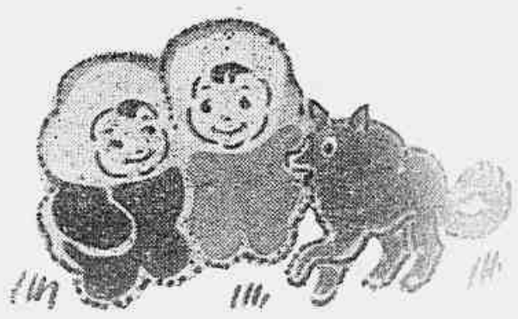
GLORINHA, com 2 anos e meio de idade, filha do sr. Francisco Cassano e d. Rosalina dos Reis Cassano.

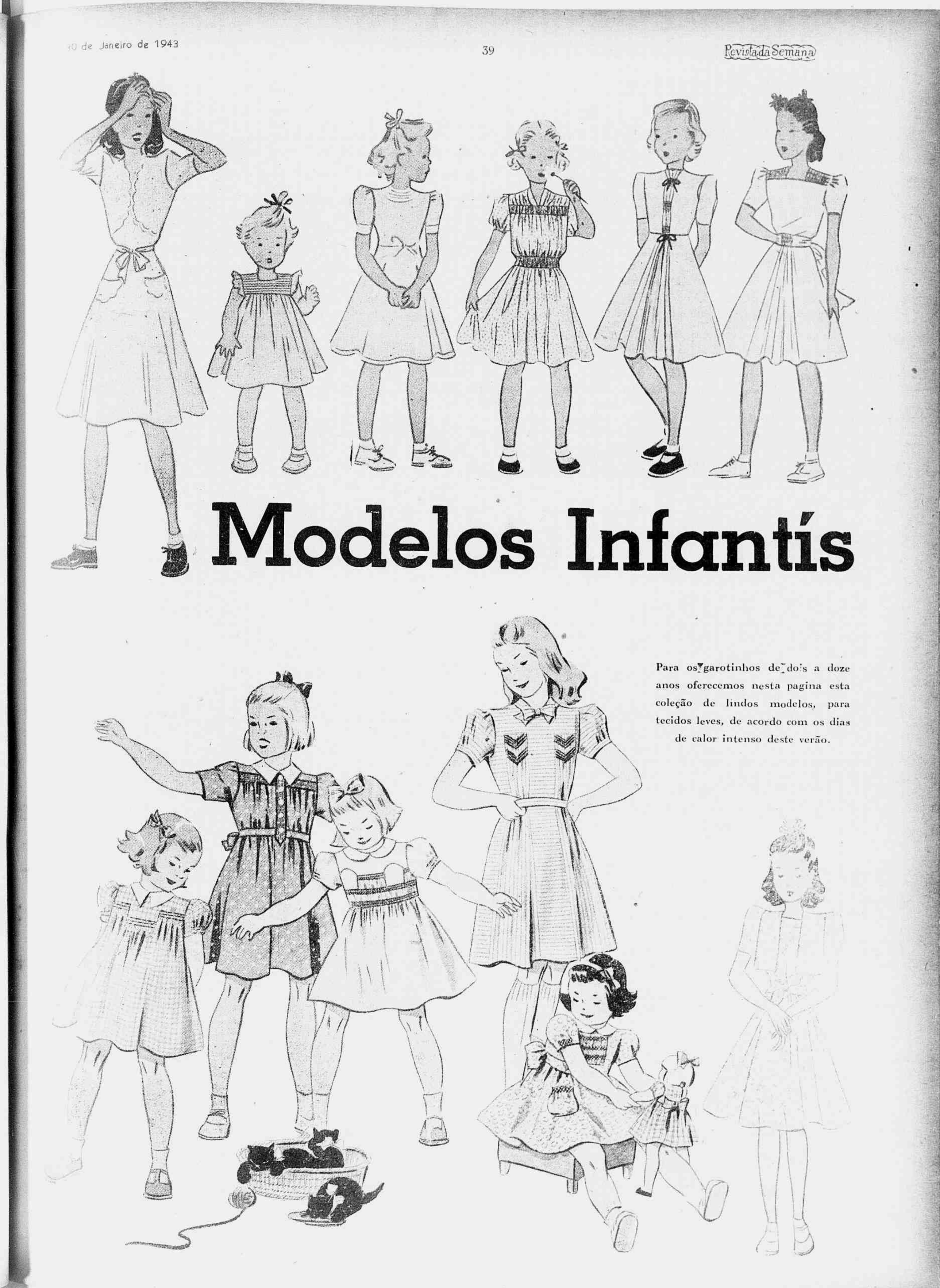
JOAÏDAS e JOAÏR filhos, do sr. Paulo Gomes Ferreira e de d. Virtulina Gomes Ferreira.

DANUBIO GIOVANI CIUFFO, filho do sr. Carmine Ciuffo e sra. Zulmira Ciuffo.

HELOISA MARIA, filha do casal Enoch Periandro de Oliveira — Flavina Costa Albuquerque Oliveira, no dia de seu batisado, nos braços de sua madrinha Myosotis de Albuquerque Costa.







Modelos Infantís

Para os garotinhos de dois a doze anos oferecemos nesta pagina esta coleção de lindos modelos, para tecidos leves, de acordo com os dias de calor intenso deste verão.

PARA A HORA DO CHA'

Algumas receitas

SEQUILHOS DE CONDESSA —250 gramas de açucar, 5 gemas de ovos, 100 grs. de manteiga, um pouco de canela em pó e erva-doce moida. Mexe-se tudo muito bem e depois juntam-se 500 grs. de farinha de trigo e mistura-se bem. Quando a massa estiver enxuta fazem-se uns raminhos e deitam-se para assar em taboleiro untado de manteiga.

BROINHAS DE MILHO

Uma colher de chá de fermento, duas chicaras de açucar, uma chicara de banha, 4 chicaras de polvilho e 2 de creme de milho, 3 ovos inteiros, uma colher de café de sal. Sova-se bem e fazem-se as broinhas. Leva-se para assar em taboleiro com uma leve camada de farinha de trigo.

BISCOITOS DE POLVILHO BAIANO

4 gemas de ovo, 250 grs. de açucar, 100 grs. de manteiga, leite grosso de um côco, uma colher de chá de sal e 1 quilo de polvilho. Batem-se muito bem os ovos com o açucar, mistura-se o leite de côco, vai-se juntando aos poucos o polvilho peneirado com o sal, alternando com a manteiga, até que a massa fique sêca e quebradiça (como de empada). Fazem-se então os bolinhos achatando-se um pouco com um garfo. Leva-se para assar em forno brando, em taboleiro com uma leve camada de polvilho.

BISCOITOS DE AVEIA

250 grs. de açucar, 125 grs. de farinha de trigo, 125 grs. da aveia, uma colher de manteiga, meia chicara de chocolate e 2 ovos. Faça pequenos biscoitos redondos e leve a assar ao forno.

BISCOITOS COM GELEIA

400 grs. de farinha de trigo, 150 grs. de açucar, 150 de manteiga, 4 gemas, 1 colher de fermento Royal e geléia. Bata a manteiga com o açucar, junte as gemas, o fermento com a farinha, misture bem com a mão, amasse e faça bolinhas do tamanho de nozes, acalque no centro com uma rolha e leve a assar no forno. Depois de pronto recheie com a geléia.

BOLO BRANCO

2 chicaras de farinha de trigo, 2 colheres de chá de fermento, um quarto de colher de chá de sal, meia chicara de manteiga, 1 e ¼ de chicara de açucar, ¾ de chicara de leite, uma colher de chá de baunilha, 3 claras de ovo. Peneirar a farinha de trigo antes de medir, juntar o fermento, o sal e peneirar junto três vezes. Bater bem o açucar e a manteiga até ficar leve e branco, juntar a farinha alternada com o leite; juntar baunilha. Bater as claras em neve e misturar aos outros ingredientes; levar ao forno brando 25 minutos. Enfeitar com a clara dos ovos.

DOCE DE VIUVA

A 460 gramas de açucar em ponto de pérola juntam-se 9 gemas e uma colher de sopa de manteiga; leva-se ao lume para cozinhar e quando começa a engrossar está pronto; serve-se numa compoteira.

BOLO COM FERMENTO DE CERVEJA

Põem-se dentro dum alguidar 250 grs. de farinha de trigo e misturam-se com cinco colheres de água morna, na qual se desfez uma colherinha de fermento de cerveja (fresco); juntam-se dois ovos, uma pitada de sal, 50 grs. de açucar, 100 grs. de passas sem as sementes, 100 grs. de manteiga batida.

Se a massa ficar um pouco dura, junta-se mais um ovo ou um pouco de água morna. Quando estiver bem amassada, põe-se dentro duma fôrma untada com manteiga e peneirada com farinha de trigo. Enche-se sómente até ao meio e deixa-se crescer num lugar quente. Quando a massa dobrou quasi de volume, põe-se a fôrma dentro do forno bem quente. São necessarios três quartos de hora a uma hora para assar.

BOLOS COM VINHO

Açucar branco, 300 gramas; açucar em ponto de caramelo, 750 gramas; farinha fina, 500 gramas; ovos, 12; vinho doce generoso, 5 decilitros.

Com o açucar branco, farinha e ovos forma-se a massa, vasa-se para caixas feitas cada uma delas de uma folha de papel, e vão ao forno brando. Enquanto se faz e coze a massa, estará ao fogo o açucar, que junto com o vinho deve tomar o ponto de caramelo. A massa cozida tira-se do forno, arrefece, tira-se das caixas, e divide-se em bocados cortados e recortados como se quizer, os quais se banha no açucar vinhoso de modo que fiquem bem repassados. Polvilham-se com canela, e põem-se a enxugar sobre esparto, virando-os de vez em quando.

SONHOS DE TAMARAS

1 ¾ chicaras de farinha (200 grs.), 3 colheres de chá de Pó Royal (12 grs.), 1 colher de sopa de açucar (14 grs.), 1/2 colher de chá de sal (3 grs.), 1 chicara de leite (¼ de litro), 1/2 libra de tamaras (226 grs.), 1 colher de sopa de manteiga (14 grs.) (banha tambem serve). Peneiram-se juntamente o fermento, a farinha, o sal e o açucar, e ajunta-se depois o leite com a manteiga derretida. Ponham-se então as tâmaras, que devem estar abertas e picadas em pedacinhos. Bata-se bem e ponha-se em forminhas untadas. Coze-se em forno quente perto de 25 minutos.

NUMEROS ATRAZADOS DESTA REVISTA
NO DISTRITO FEDERAL
PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550
EM SÃO PAULO
PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 47866

TENIS
R. CRUZ
ENCORDOAMENTO E CONCERTOS, RAQUETES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS. BOLAS, PRENSAS, CAPA etc.
AVENIDA RIO BRANCO, 103 - 1° AND.
TELEFONE 23-1055

Da. NOEMIA FAGUNDES diz:

Conservo-me disposta alimentando-me bem

Para maior valor - insista em QUAKER OATS

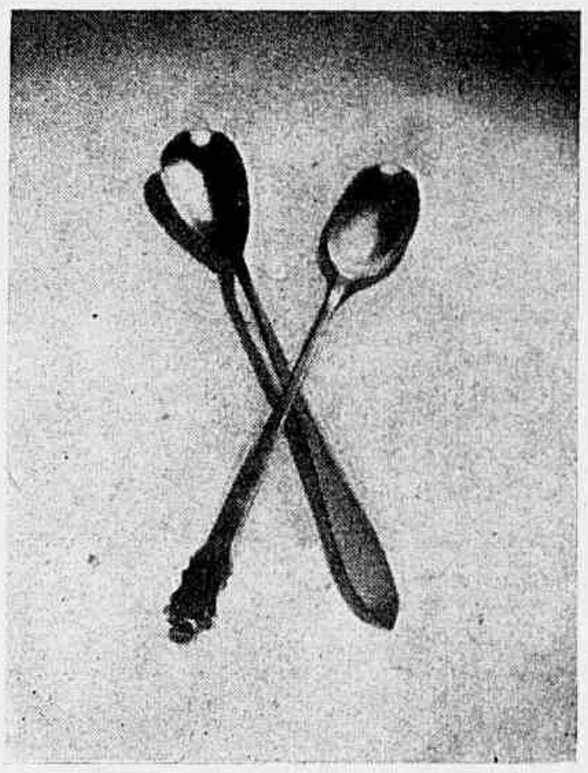
Nem tôda aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica *ùnicamente* a *original* e *legítima* Aveia Quaker. Ao adquirí-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do maior valor nutritivo. Insista na legítima Quaker Oats, em lata herméticamente fechada.

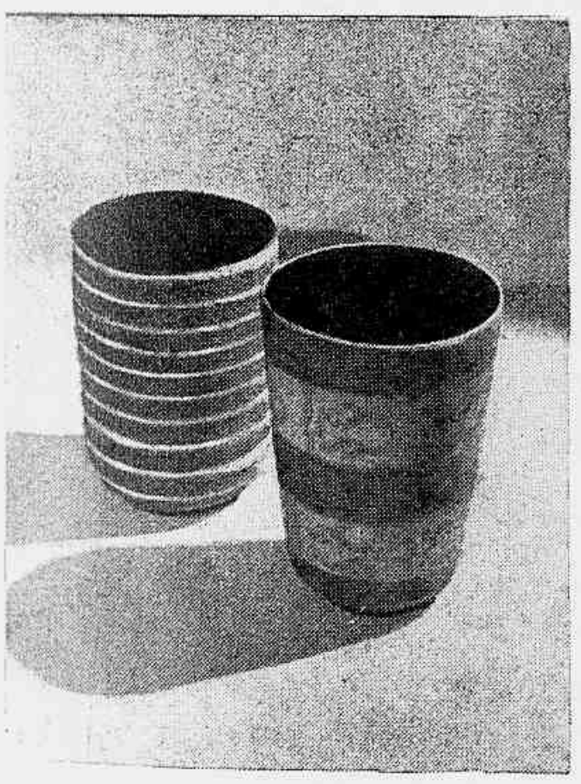
PARA gozar de melhor saúde, habitue-se a tomar, diàriamente, a deliciosa Quaker Oats. Quaker Oats contém, em abundância, Thiamin e outros elementos essenciais para fortalelecer o organismo, tonificar os nervos, enriquecer o sangue e dar saúde e vigor. Quaker Oats facilita a digestão e fornece a necessária reserva alimentar para conservar sua boa disposição durante tôda a manhã. É benéfica para todos, do mais jovem ao mais velho. É econômica e de fácil preparo. Adquira, hoje, Quaker Oats e receberá o pêso integral — 567 gramas em cada lata.

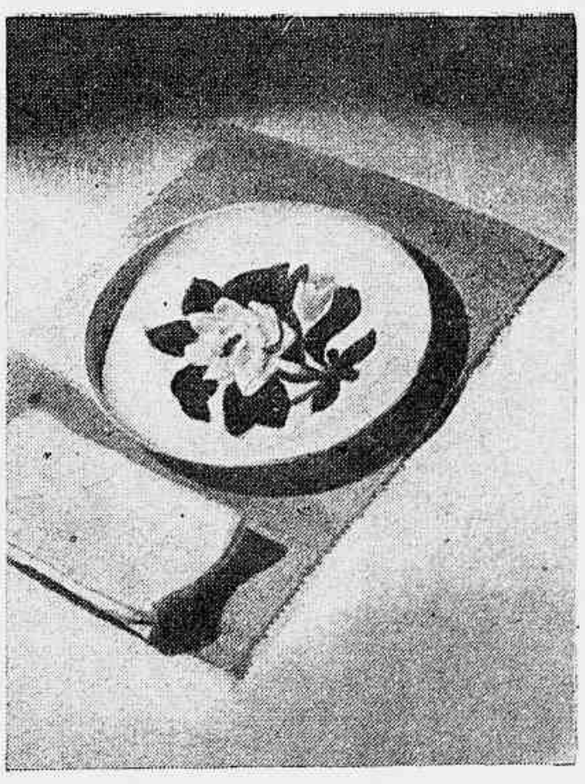
QUAKER OATS

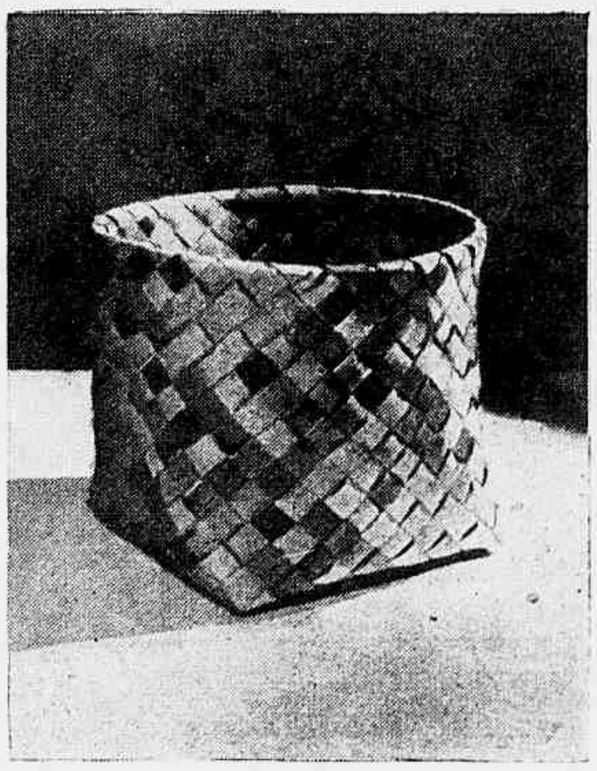
Mais pêso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

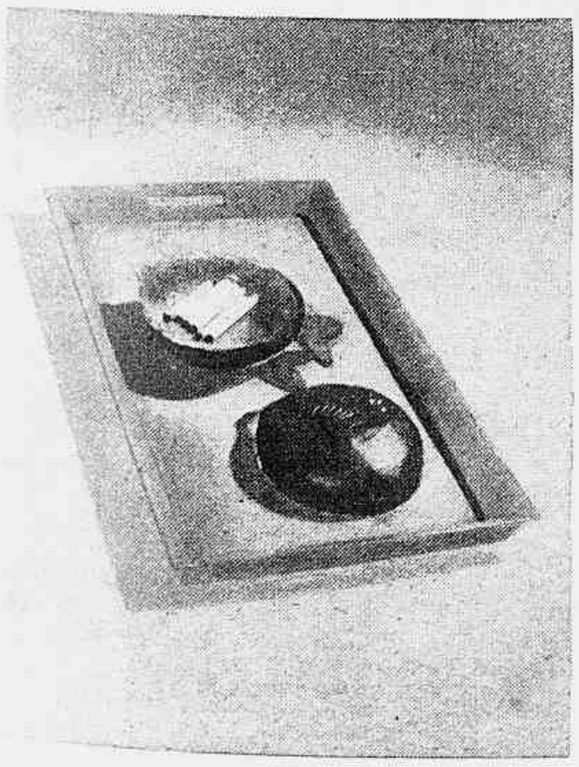
A Guerra e a Casa











Os artigos finos e requintados que a Europa fornecia ao mundo, antes da guerra, estão sendo supridos, em todos os paizes, com a "prata" da casa. Mesmo nos E. Unidos, com a alta classe da sua industria, a ausencia da manufatura européia, mormente em certos artigos de arte domestica, tem despertado uma serie de sucedâneos originais e graciosos.

Aqui vemos algumas peças de ornamentação caseira e de serviço de mesa, confeccionadas ultimamente na América e que vêm tendo a mais viva aceitação das donas de casa.

Não desfigure essa romantica ternura de sua beleza!

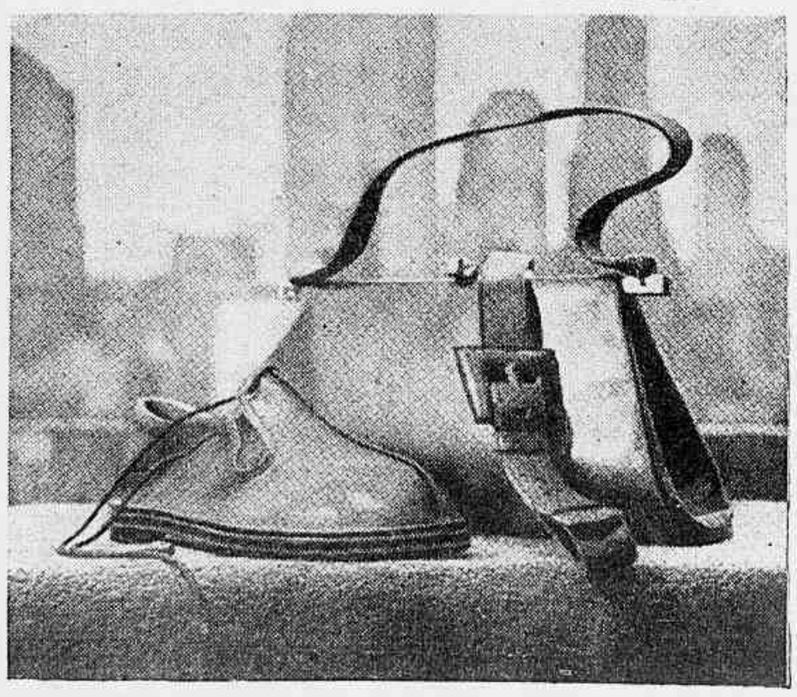
Proteja o *natural* fascínio do seu rosto com LEITE DE COLONIA

Artifícios, em demasia, para esconder as imperfeições da pele, podem até desfigurar o encanto natural do seu rosto. Corrija acertadamente as manchas, sardas, cravos e espinhas da sua pele com Leite de Colonia. Leite de Colonia também protege a cutis, contra o Sol... a Poeira... o Frio e intempéries. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a péle. Use-o para realçar ainda mais a romântica ternura da beleza do seu rosto.

Leite de Colonia

CINTOS

E' um adorno que se presta a muitas fantasias. Como ele realça, muita vez, o vestido mais simples! Aqui temos varios cintos constituindo — notas vivas e graciosas para passeio. —



ESTAMPADOS

Os tecidos estampados, de desenhos discretos, são de lindo efeito para os dias de sol, vestindo de flôres a graça dos — corpos juvenís... — A leitora que anda por volta dos dezoito ou vinte anos tem aqui estes lindos modelos ——— a escolher. ———

LABIOS LINDOS — COR NATURAL E FIXA
FLEUR DE ROSE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

DOIS MODELOS ORIGINAIS

A grande nota da estação é o estampado, não resta dúvida. Os vestidos bordados em linhas de côres tambem estão predominando e é neste genero que oferecemos ás nossas leitoras um lindo modelo à direita: linho côr de areia para o vestido, bordados azues, tecido mais escuro, em fórma de cinto, na mesma côr dos bordados.

«EXCLUSIVO • SEDUTOR • DIFERENTE»

Amapola

Nova e brilhante tonalidade do Baton Michel

AGORA tôdas podem desfrutar as múltiplas vantagens da suavidade do famoso baton Michel combinada com o mais atraente tom vermelho que jamais enfeitou um par de lábios! *Amapola* foi criado para dar-lhe lábios mais românticos e provocantes — lábios em que persista inalterável a riqueza de um matiz de delicado esplendor, não só o dia inteiro, mas durante tôda uma noite. O precioso creme base do baton Michel protege e conserva aos lábios o frescor e a suavidade... seu perfume atraente é discreto... mas irresistível. Quem experimenta *Amapola*, de Michel, sente logo que adquiriu não só uma beleza diferente, com o traço inconfundível de Michel, mas uma bôca viçosa e fresca, sem o aspecto gorduroso.

BATON

Michel

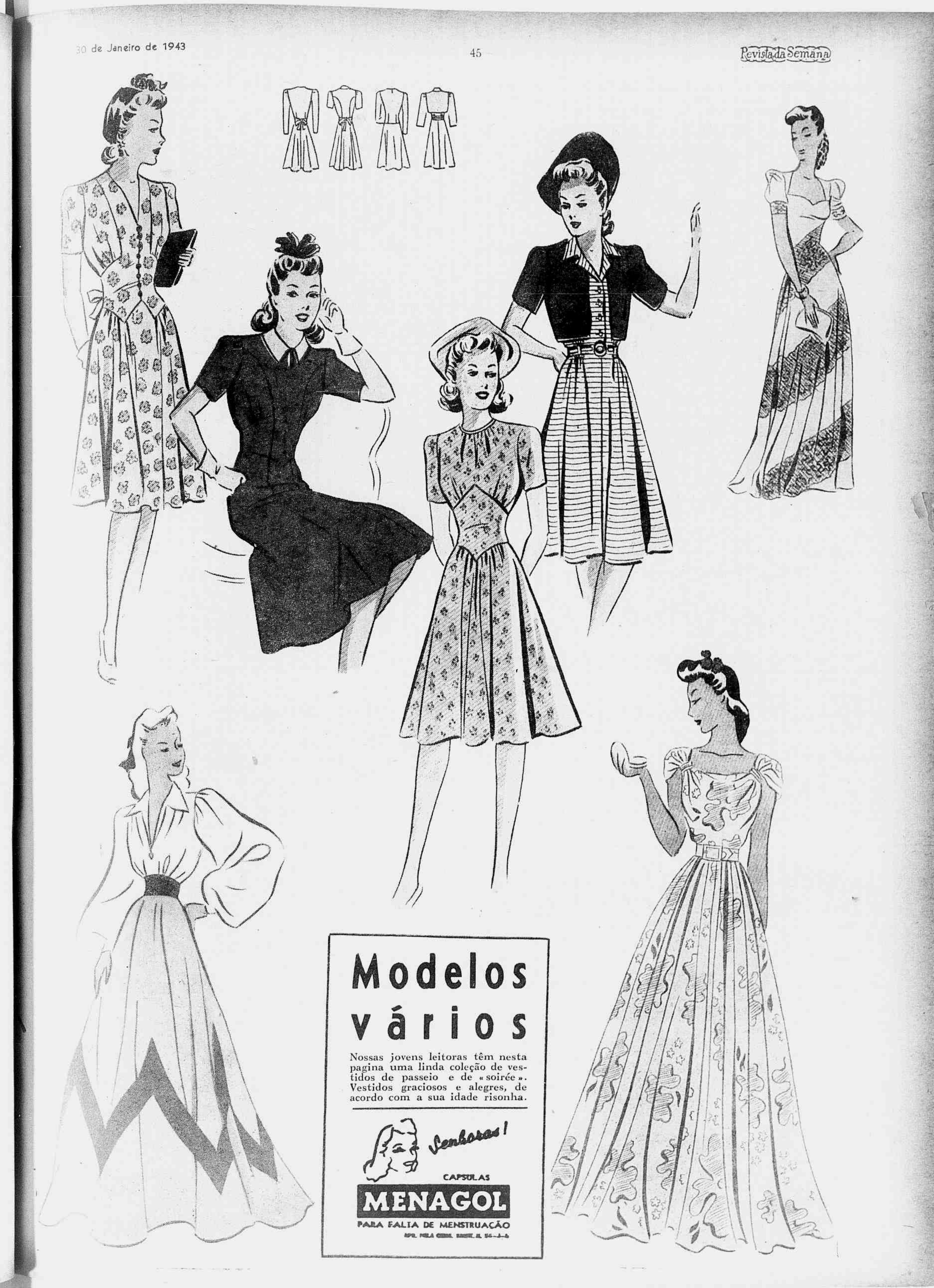
MICHEL COSMETICS INC. - NEW YORK

Experimente também Amapola, no famoso rouge Michel. Dá à sua face o encantador natural colorido que torna sua beleza mais sedutora. Aderindo maravilhosamente, Amapola, de Michel, para a face, é um matiz de real sensação.

9 MATIZES INIGUALÁVEIS:

BLONDE, CHERRY, BRUNETTE, VIVID, SCARLET, CYCLAMEN, RASPBERRY, CAPUCINE, AMARANTH E AMAPOLA.

Quatro modêlos: De Luxo, Grande, Médio e Pequeno


Modelos vários
Nossas jovens leitoras têm nesta pagina uma linda coleção de vestidos de passeio e de «soirée». Vestidos graciosos e alegres, de acordo com a sua idade risonha.
Senhoras!
CAPSULAS
MENAGOL
PARA FALTA DE MENSTRUAÇÃO

Para o toque final...

Helena Rubinstein
recomenda
COLÔNIA FLOR DE MAÇÃ

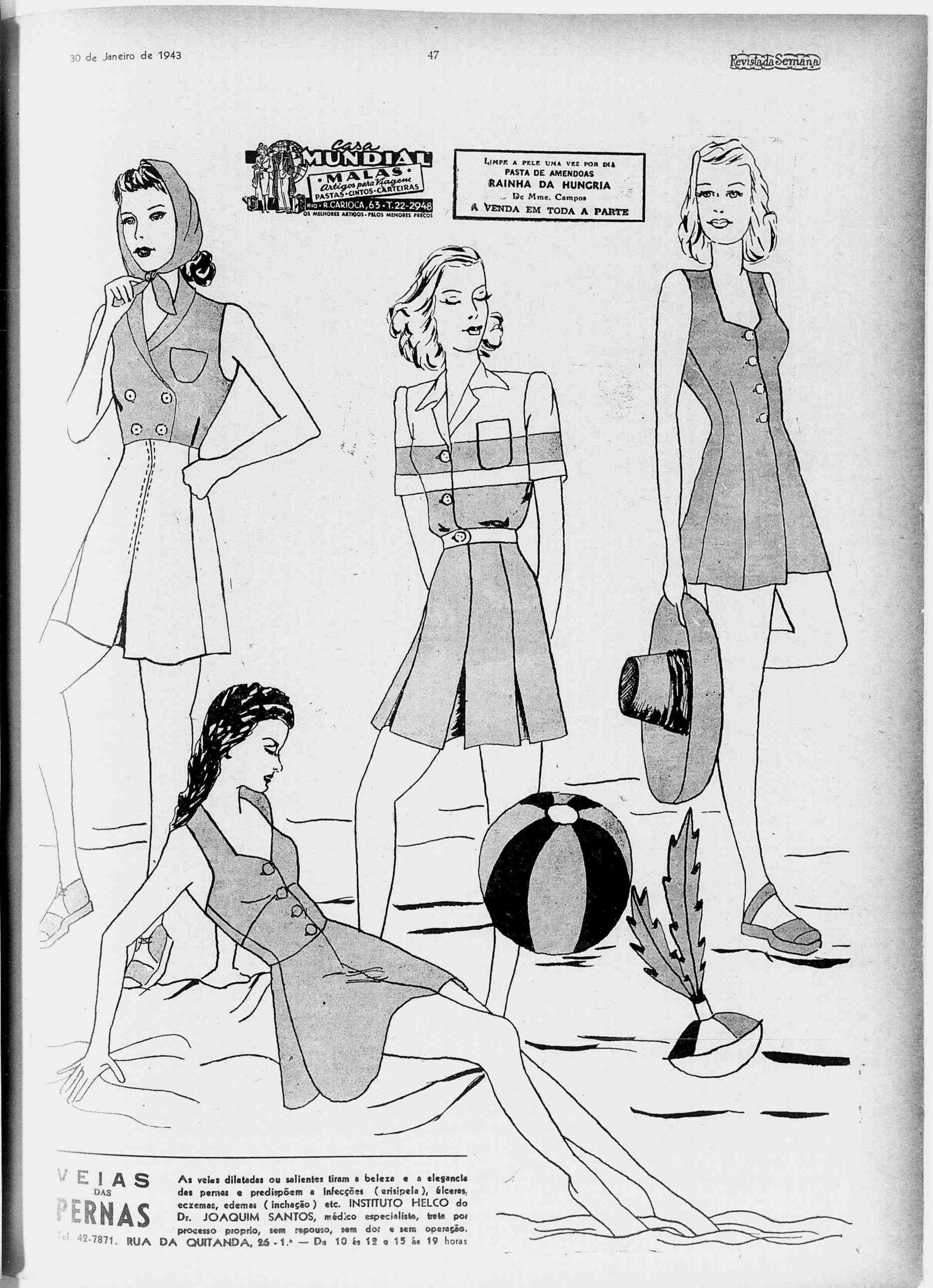
DÊ ao seu corpo uma sensação de frescor e bem estar... Sinta-se agradavelmente perfumada com o aroma delicado e cativante de Colônia Flor de Maçã de Helena Rubinstein. Gostará da sua preciosa fragrância e da aura romântica que lhe dará... Flôr de Maçã é uma necessidade para os dias de calor.

Helena Rubinstein

SALÃO NO RIO, EDIFÍCIO BRASÍLIA
Av. Rio Branco 311 — Fone 42-1442
Nova York — Londres — Paris — Buenos Aires

PARA OS DIAS DE SOL

Nestas duas paginas oferecemos ás nossas leitoras diversas sugestões de *shorts*, para a praia e os jogos de verão, elegantes e originais.


Casa MUNDIAL
MALAS
Artigos para Viagem
PASTAS · CINTOS · CARTEIRAS
RIO · R. CARIOCA, 63 · T. 22-2948
OS MELHORES ARTIGOS - PELOS MENORES PREÇOS
LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE
VEIAS DAS PERNAS
As veias dilatadas ou salientes tiram a beleza e a elegancia das pernas e predispõem a infecções (erisipela), úlceras, eczemas, edemas (inchação) etc. INSTITUTO HELCO do Dr. JOAQUIM SANTOS, médico especialista, trata por processo proprio, sem repouso, sem dor e sem operação.
Tel. 42-7871. RUA DA QUITANDA, 26 - 1.º — De 10 ás 12 e 15 ás 19 horas

FIGURINOS MODERNOS

1 — Elegante vestido de crepe de fantasia, com pala em bico na blusa e na sáia.

2 — Vestido de crêpe verde com corselet e bolsos de crêpe de fantasia, verde e branco.

3 — Vestido de crepe Georgette beige; ordens de renda do mesmo tom formam uma pala.

4 — Vestido de crepe branco com desenhos vermelhos e verdes, faixa de tafetá vermelho ou verde. Babadinhos de crepe branco como guarnição da blusa.

5 — Vestido de crepe azul marinho com pintas brancas, guarnecido com babadinhos de crepe branco.

SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.

O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS, A "LOÇÃO ACNÉA", PARA ESPINHAS E CRAVOS, O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO

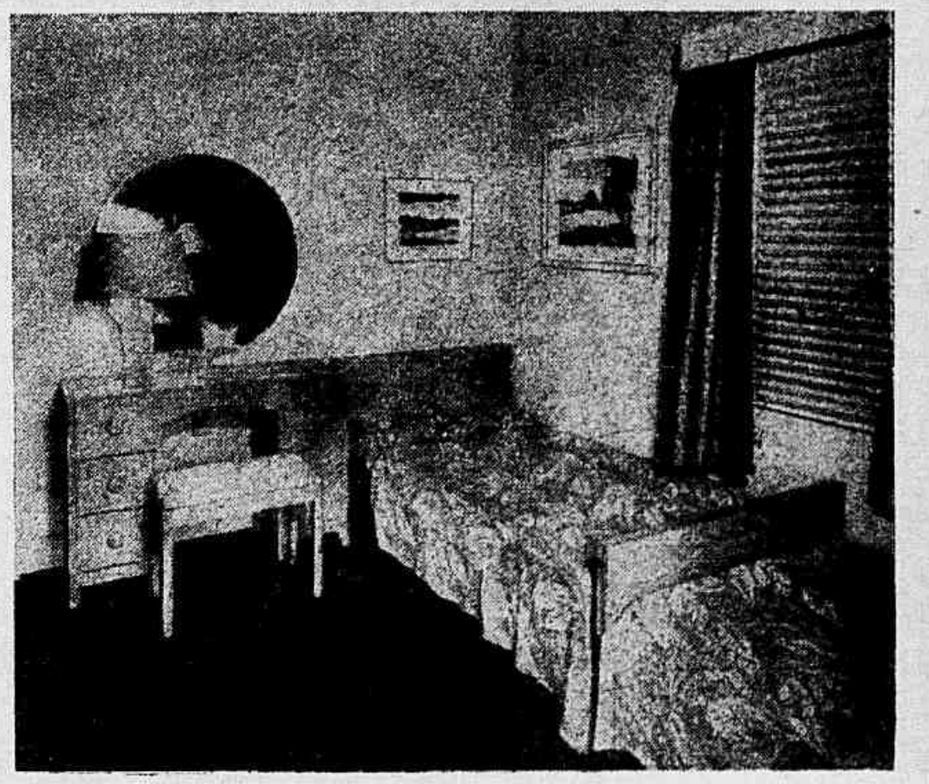
RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.

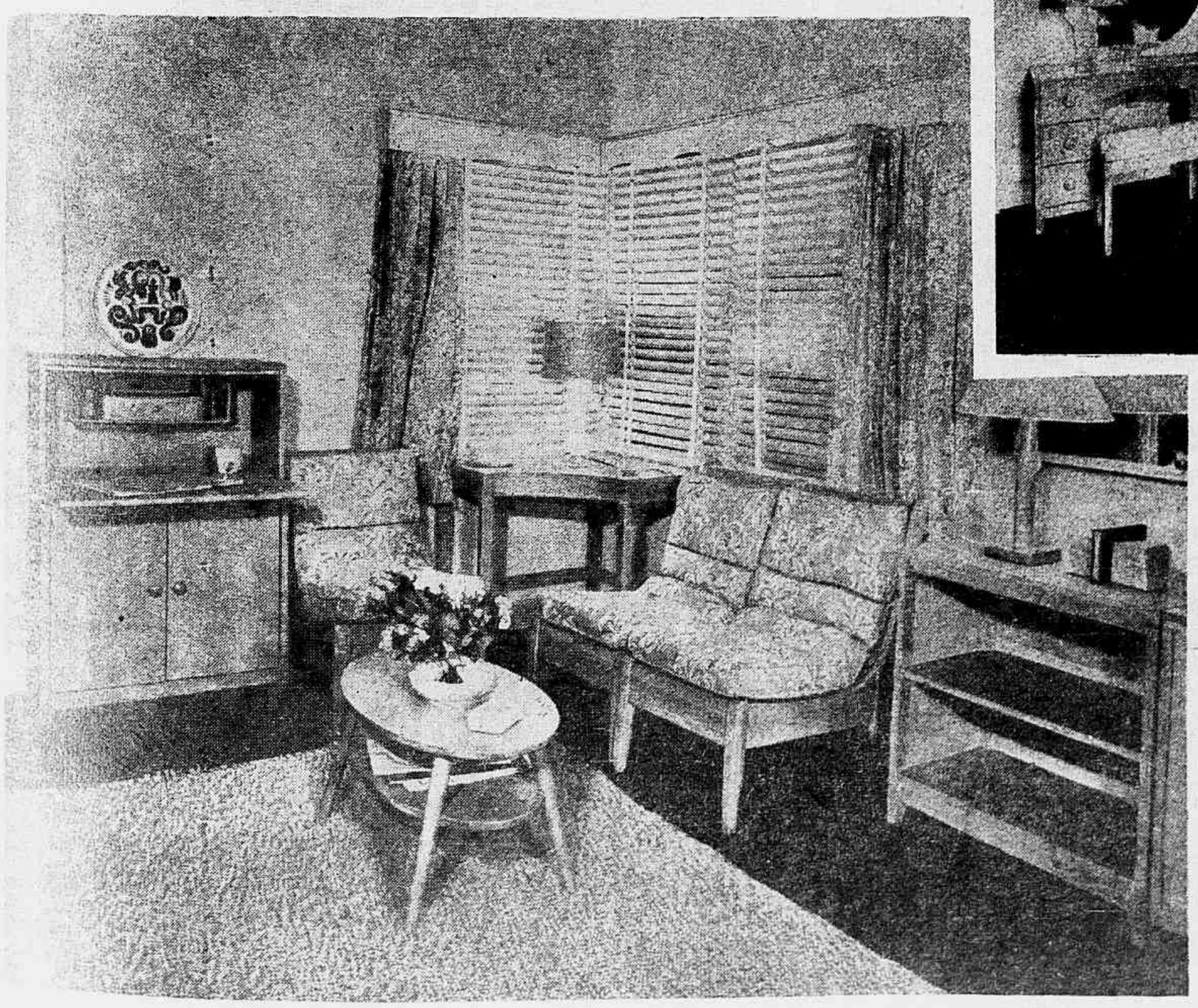
O Lar

As decorações de madeira emprestam sempre um cunho de nobreza ao ambiente.

Na foto de cima, vemos um belissimo gabinete de trabalho, com os rebordos da grande arcada, os cantos de parede e o teto revestidos de madeira escura do mais belo efeito.

Os outros dois aspectos mostram uma deliciosa saleta e um dormitorio, ambos de tons claros e alegres.





MOBILIARIOS PARA ESCRITORIOS

A Fábrica de Moveis "Lamas" em seus grandes mostruarios anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos para Residencias e Escritorios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionarios, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritorios, tendo competente secção de desenho para projetos e orçamento, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruarios junto à Fábrica.

Alcides Maya, que anda ha tanto tempo arredio da letra de fôrma, fez um dos mais belos aparecimentos da literatura brasileira no correr deste século.

Ensaista arguto de "Machado de Assis e o humour", cronista cintilante das páginas de "Careta", aí por volta de 1915, contador de coloridas historias do seu torrão gaucho, romancista de prosa viva e olho alerta na captação dos tipos e das situações, tudo isso ele foi com um brilho todo particular, com um "cachet" de individualidade inconfundivel.

"Tapera", "Alma barbara", "Ruinas vivas" andam cheios dum rumor de cavalhadas sadias, do gemer da viola dos pagos, da amplidão das coxilhas riograndenses, da bravura do centauro do sul e dos arrulhos amorosos da china cheia de dengues.

Algumas das páginas desses livros colocam-se ao lado do que de melhor escreveram os grandes escritores platinos, amantes dos mesmos temas, ao jeito de um Horacio Quiroga, dum Javier de Viana, dum Montiel Ballesteros, dum Benito Lynch - ou, ainda com maior propriedade, ao lado do espólio imortal de seu patricio Simões Lopes Netto, que é por assim dizer a voz do pampa em lingua nacional.

Esta "Lenda Guerreira", se não espelha o alvoroço da gauchada crespa dos entreveros e das peonadas, revela, no entanto, a doçura da alma da mulher gaucha, a ternura da infancia contemplativa de todos os recantos do universo, a emoção do autor que soube tratar, com uma limpidez de sentimento tão alta, esta página pungente e sutil de heroismo e de amor.

LENDA GUERREIRA (*Conclusão da pág. 23*)

da Carmen, filha de um posteiro ai de perto, depois casada com um negociante italiano, e Mamãe, ao beijá-lo, prometeu-lhe baixinho que lhe cuidaria da noiva...Noiva, não: todos contrariavam tal inclinação; era um casamento impossivel; mas, a boa Mamãe fez de pena.

O pessoal da estancia e gente estranha, viajantes de pousada, reunidos debaixo do umbú velho, onde costumas brincar e onde, antigamente, se encilhava, viam com pesar a partida dos meninos e a dor que sentiamos; e contudo, o mais triste foi quando o Juquinha nos disse adeus. Era o encanto da casa e não passava dos dezesseis anos ao principiar a guerra. De começo, ninguem lhe tomou a serio a ideia de acompanhar os irmãos; riam todos do seu odio contra o Lopez; e o proprio papai, que nunca brincava com os filhos, perguntou-lhe prazenteiro se ele pensava que se ia á guerra em cavalo de cola atada e ferindo cordas. Porque, não estando nas coxilhas, a escaramuçar, era certo encontrá-lo nos galpões, a aprender com os peões tiranas e chimarritas. A' noite, tocava para ouvirmos; arranjava dansas; e não saia ao campo que me não trouxesse algum ninho ou favos de mel ou flores ou frutas do mato. Um dia, mimoseou-me com um veadinho, agarrado perto do arroio. Quem o via ficava alegre e não conheci mocinha que o rejeitasse para namorado. Uma, então, a Tuca, afilhada de Mamãe, e que passava semanas comigo, era doida por ele e levava dias chorando, ao saber dos seus amores com as outras; pois, para o Juca, eram todas iguais, e, como sem exceção o preferiam nas festas, a nenhuma se prendia...

Depois, veiu a guerra e, desde que as primeiras levas de Voluntarios cruzaram a estrada, o rapaz quedou como louco e não cuidou mais de bailes nem de rodeios, nem de caçadas. Falava nos paraguaios de manhã á noite, vivia pensando em armas e, dai por deante, não largou um momento sequer Mano Jango, a quem, a toda hora, pedia que lhe ensinasse a jogar lança. Uma tarde, fui encontrá-lo a experimentar a farda do Chiquinho e fiquei com o coração nas mãos. Porque eu e Mamãe já andavamos desconfiados de que ele tinha vontade de marchar para a cámpanha, onde, tão criança, decerto não resistiria. Entretido com as noticias e com os preparativos dos filhos, Papai não prestava atenção ás maneiras do Juca; e, quando soube do que ocorria, resolelveu mandá-lo para Pelotas, a pretexto de continuar os estudos. Ao reeber a noticia, ele embraveceu, pediu para jurar bandeira, bateu o pé ás caçoadas, disse que, se não o deixassem partir com os outros - haviam de ver! - fugiria, apresentando-se sem ninguem ao exercito. - Não precisava de ninguem - dizia. E o peor era que Mano Jango (Deus lhe perdoe!) se propunha a levá-lo sem risco, afirmando que aquilo ia ser um galope, e que o cadete (chamava-lhe assim, gracejando) estava um homem e devia defender a patria. Papai resistiu e somente cedeu quando o inimigo penetrou no Rio Grande, tomando Uruguaiana. Então, a dar pulos de contente, Juquinha obteve licença de se alistar, levando o Juvencio, seu irmão de leite, crioulo que nunca o abandonava em brinquedos e escaramuças através da estancia. E ninguem podia dizer nada: com os ultimos rumores fôra-se a calma de Papai. Eram pragas, gritos, tamanha colera que, se não o conhecessemos, até medo teriamos... Afinal, como eu te contava, chegou o momento da partida. Que hora! Mano Jango e Chiquinho já estavam montados, todos prontos, e Mamãe ainda beijava e abraçava o Juca, de cujos olhos caiam grossas lagrimas. Eu e Tuca, de mãos dadas, não nos fartavamos de vê-lo, - tão novo que apenas lhe apontava o buço. Era muito prarecido contigo, - sempre penso: - olhos, cabelos, corpo... e, muitas vezes, cismo que, se viesse outra guerra e tu fosses, e morresses por lá, eu tambem me finaria como aquela pobre Mamãe! Enfim, o tormento acabou, pessoas adeantaram-se, apartando os dois, e o coitadinho tambem montou.

— Adeus, Mamãe - soluçava, - não chore mais...Inda que eu morra a senhora ainda há de me ver...

Foram as ultimas palavras que proferiu. O nosso desespero apoderara-se dele e, chorando como chorava, a olhar, em-despedida, para tudo e para todos, parecia mesmo um menino. Nem de outra maneira fôra para o colegio três anos antes. Murmurando injurias contra os praraguaios, Parpai, ao lado, não se continha de comovido e houve um instante em que tivemos a esperança de uma ordem repentina para o Juquinha ficar. Mas a voz de Mano Jango extinguiu a nossa ilusão.

— Anda, Juca - exclamou de longe. - Vamos defender nossa terra! Quando voltarmos, virás um oficialão bonito e guapo, que Mamãe olhará com orgulho e as "muchachas" tambem...A cavalo, a cavalo, que já é tempo de dar uma lição a esses maúlas... - E, tirando de sob o queixo o barbicacho, sacudiu o chapéu, com aba dobrada, presa á copa pela estrela dos Voluntarios. Depois, a trote, voltando-se uma e varias vezes, desapareceram todos no lançante da estrada. Olha! foi por ali. Parece-me que ainda os avisto...

—

A seguir daquela manhã, jamais em nossa casa ouve sossego de espirito. Sujeitos aos mesmos perigos, longe-de-nós, confundiam-se os três meninos na mesma saudade; mas, apesar disso, o que nos inspirava maires receios, por ser o mais moço, naturalmete, era Juquinha. Tinhamos sempre no pensamento o que disser, o pressentimento de morte, a promessa de voltar depois de morto. Papai tranquilizava-nos tanto quanto podia. Mano Jango inspirava-lhe uma confiança orgulhosa e dizia que, estando com ele, os outros estavam bem. Além disso, elogiava os generais, alguns nossos amigos, e fingia não crer que a guerra se prolongasse. A morte respeita os valentes - repetia a miude e, além das orações que faziamos, só essa frase nos consolava. Um mês decorreu sem recebermos noticias; do exercito sabiamos pelos jornais e por uma ou outra correspondencia da cidade; mas, os "chasques" não saiam da estrada, entre as nossas e as estancias vizinhas, cujos donos tambem tinham parentes na luta. Ao cabo de algum tempo, uma carta de Chiquinho trouxe boas novas de todos; outras vieram a largos intervalos, e afinal, como não lhes sucedesse nada de grave em reconhecimentos e combates, alimentamos pouco a pouco a esperança de que, com a ajuda de Deus, nenhum deles pereceria. Só Mamãe continuava numa tristeza profunda, emagrecendo a olhos vistos, sem apetite, sem sono, sem gosto para as mais simples distrações. Falava dia e noite nos filhos, guardava-lhes as cartas no seio e nunca se esquecia das palavras do Juquinha.

— Se ele morrer, me aparece - murmurava. - Era ideia fixa e originou a lenda que vais ouvir: tua Vovozinha vivia inquieta e tristonha. Em tardando o correio, mandava recolher noticias á vizinhança; depois, esperava agitada a volta do mensageiro e, mal o homem apontava, empalidecia, levando as mãos ao peito, sufocada. O que houve em casa quando soubemos da morte em batalha do Belico Alves, filho do velho Alves, da Palma! Era o primeiro de nossa terra que ficava por lá; fôra amigo de Mano Juca; e os receios de Mamãe aumentaram ao ter conhecimento do fato. Esteve de cama alguns dias; veiu-lhe febre; e Papai, assustado enviou condução á cidade, para o medico vir. Declarou este, contaram-me depois, que ela sofria do coração, que a molestia ia adeantada, que lhe fizessem todas as vontades. Se era possivel não ter incomodos! Ultimamente, nem saia do quarto; estava tão magra que a roupa não lhe servia; e era trabalho obrigá-la a beber um pouco de leite. A guerra prosseguia, interminavel: combinaramos ocultar-lhe a descrição dos combates; porém ela adivinhara o nosso proposito e ficara mais nervosa.

Ora, um dia, como a tarde estivesse lindissima, conseguimos levá-la, após muitos rogos, ao arvoredo da estancia, armámos rêde nuns galhos de laranjeira (sob aquelas duas laranjeiras do centro, onde já me tens encontrado a chorar) e conversavamos para a distrair quando, de repente, com um grito, ela se poz em pé, apertando sobre o seio a roupa, de olhos parados, muito abertos, e mais branca do que a bata que vestia. Um beija-flor, tendo caido dos ramos da arvore, batera-lhe no seio e, sacudido por ela, ao erguer-se assustada, resvalara-lhe pelo vestido, até ao chão. Encolhendo-se, tremula, fitou-o Mamãe ainda algum tempo; em seguida, estendendo os braços, inteiriçada, caiu sobre a rêde. Ao chegar ao quarto, já estava fria...Papai sempre sustentou que o psassarito viera morto do ninho ou de algum dos galhos proximos; mas tua Vovozinha de certo pensou - e assim pensa até hoje muita gente - que fôra a alma do Juca a despedir-se. A verdade é, comunicaram-nos sem tardança, que o pobrezito morrera nesse dia...Fôra o ultimo...Os outros tambem nos visitavam... Vinham na nossa tristeza...

"REVISTA DA SEMANA"

VENCEU A CORRIDA

Segundo um dos ultimos numeros do "Diário Popular" de Pelotas, a dupla "Fantoche" e "Revista da Semana" alcançou o primeiro lugar numa competição domingueira, no hipódromo daquela cidade.

Registrando o fato, fazêmo-lo por dois motivos. Primeiro pela mera curiosidade que encerra - nossa REVISTA batisando uma potranca. Segundo, pela homenagem expressa neste batismo. De fato, são tantos os obstáculos e dissabores encontrados por aqueles que fazem imprensa no Brasil que, em qualquer um dêsses gestos de simpatia manifestados pelos nossos amigos leitores, mórmente os que estão mais longe do Rio, encontramos um motivo de satisfação, quasi uma recompensa.

ALMANAQUE EU SEI TUDO

O livro dos Mil Assuntos

Para adultos e crianças, o **ALMANAQUE** apresenta varias sortes de cartas, jogos de paciencia, sombrinhas chinesas, passatempos varios e interessantissimos.

Entre outros assuntos, merecem citação os seguintes: **A falsificação dos selos postais, Proverbios de todos os povos, Palavras estrangeiras de emprego frequente, As mulheres na vida de Balzac, Quando os soberanos abdicam, Creações artisticas de ha 3.000 anos, Começos dificeis de homens célebres, Quadro comparativo dos termômetros, Os remedios caseiros, "Carlos Magno e o abade de St. Gall,** e inumeraveis outros.

Os assuntos brasileiros são tratados amplamente. Rodovias, veículos, diversões, bibliotecas, telégrafos, correios, produção vegetal — com dados comparativos — surgem de par com artigos sobre **Os Símbolos Nacionais, A nobiliarquia brasileira nos logradouros cariocas, Cruzeiro, — a nova moeda;** etc.

EIS POR QUE SE PODE DIZER, COM ACERTO, QUE O

ALMANAQUE EU SEI TUDO

é O LIVRO DOS MIL ASSUNTOS

PREÇO: 8 CRUZEIROS. Pedidos mediante vale do Correio ou pelo reembolso postal à redação: Maranguape 15, Rio. À venda nas livrarias e pontos de jornais.

SALÃO NOVA ERA: o maior e mais bem montado da Cidade

Sua inauguração na Rua Sete de Setembro, 77

Um aspecto quando do ato inaugural.

Dirigido pelos srs. Francisco Lemos e Armando Soverchi, acaba de ser inaugurado, na rua Sete de Setembro 77, o Salão Nova Era" que, pela magnificencia das suas instalações ultra-modernas, figura atualmente entre os melhores e os mais bem equipados da cidade. Acompanha o estonteante surto de progresso da nossa capital.

O " Salão Nova Era " possue um corpo de 18 ótimos oficiais de barbeiro, 2 competentes calistas e 6 manicuras...

Além de tudo isto, ha uma otima secção de camisas sob medida e variadissima padronagem de lindas gravatas, que assim completam a original instalação do novo "Salão Nova Era".

UMA ILUSTRE FIGURA DA ENGENHARIA MINEIRA

Dr. Alvimar Carneiro de Resende.

Minas Gerais, que sempre contribuiu em diversos setores com valores reais para o engrandecimento do Brasil, vê desaparecer prematuramente, numa época em que tanto necessitamos de elementos de ação, o ilustre engenheiro Dr. Alvimar Carneiro de Resende. Esse falecimento, verificado no Rio, constitue uma perda irreparavel para Minas Gerais, que possuia n le uma das suas inteligencias mais vigorosas, tendo-a empregado sempre o ilustre extinto em beneficio de sua terra e de sua gente.

Engenheiro lucido e competente, o Dr. Alvimar Carneiro de Resende criou e dirigiu uma das mais importantes firmas construtoras já organisadas em Minas, onde tem executado obras notáveis, contribuindo destacadamente para o progresso de Belo Horizonte. Os palacios da Secretaria do Interior, verdadeira maravilha arquitetonica, Prefeitura, Correios e Telégrafos, Banco do Brasil, Feira de Amostras, os predios da Penitenciaria de Neves, Ibaté, Itaoca, do "Estado Novo", as obras do Balneario do Araxá e outras muitas de igual importancia espalhadas pelo Estado, foram feitas pela firma Carneiro de Resende, dirigida pelo Alvimar Carneiro de Resende.

Diversas pontes, estradas de ferro e de rodagem tambem o Estado ao espirito empreendedor e á competencia do ilustre engenheiro. Quando foi surpreendido pela morte, estava ele empenhado na construção da ferrovia BRASIL-BOLIVIA, obra gigantesca de aproximação inter-americana. Bastaria esse trabalho, si não existissem tantos outros, para o credenciar na amizade e admiração de seus concidadãos.

Homem de sociedade, verdadeiro "gentleman" e muito devotado á sua classe, procurava sempre colaborar nos movimentos de unificação dos engenheiros. Foi presidente da "Sociedade Mineira de Engenheiros", da "Federação das Industrias", diretor da "Associação Comercial de Minas", e atualmente ocupava o cargo de presidente da "Cooperativa de Seguros da Federação das Industrias" e de mais dois sindicatos.

A sociedade de Belo Horizonte sentiu profundamente o desaparecimento do Dr. Alvimar Carneiro de Resende, pois era o mesmo um dos seus membros mais destacados, coração bonissimo sempre afeito ás iniciativas filantrópicas. A Santa Casa, as creches, os orfanatos, os asilos e hospitais conheceram de perto a generosidade do seu nobre espirito.

Chefe de familia exemplar, o seu lar é um belo exemplo das imorredouras virtudes mineiras.

DADOS BIOGRAFICOS

O dr. Alvimar Carneiro de Resende, que desaparece aos 45 anos de idade, nasceu em 12 de novembro de 1897, na cidade de Ouro Preto, então capital do Estado de Minas Gerais, sendo seus progenitores o dr. José Carneiro de Resende, ex-deputado e secretário das Finanças do Estado de Minas, e dona Maria de Magalhães Resende, já falecida. São seus irmãos d. Almerinda de Resende Queiroz, viuva do dr. Alcino de Macedo Queiroz; dr. João Carneiro de Resende, casado com d. Maria Josefina Hermeto; d. Ana de Resende Campos, casada com o sr. Inacio de Oliveira Campos; dr. Mario Carneiro de Resende, casado com dona Judite Reis Carneiro de Resend

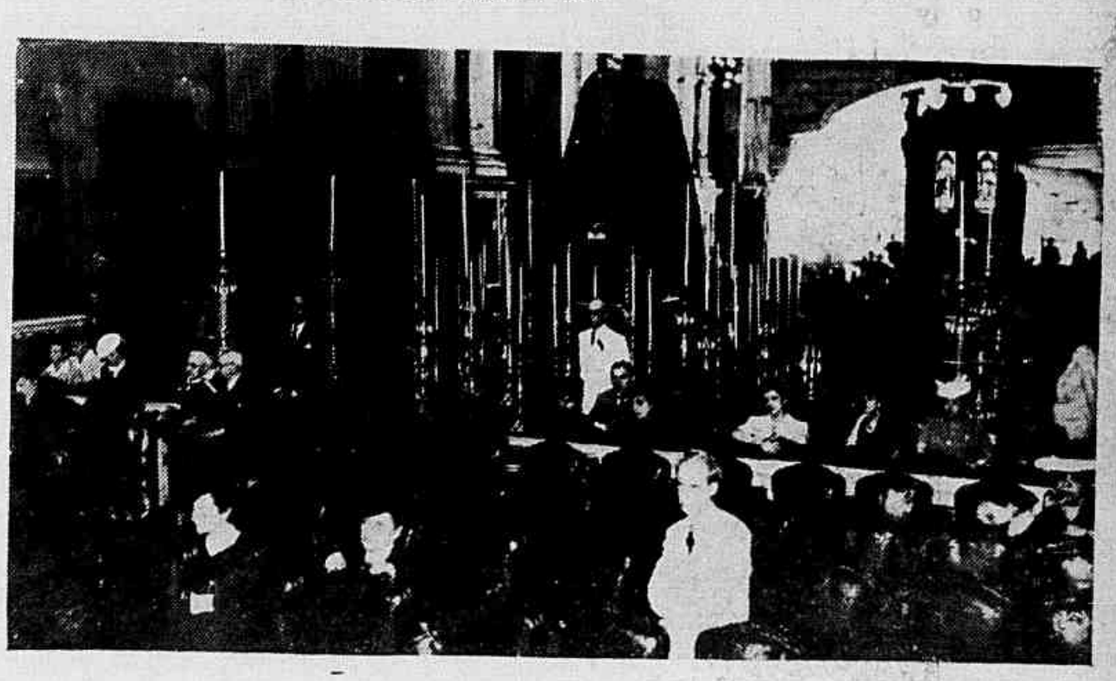
Concluiu o curso de engenheiro civil em dezembro de 1918 na Escola de Engenharia de Minas Gerais e iniciou sua carreira como engenheiro auxiliar da Central do Brasil no ramal de Montes Claros, quando presidente da Republica o dr. Venceslau Braz. Em seguida, trabalhou na construção da ponte sobre o rio S. Francisco, em Pirapora.

Em 1923, fundou a firma Resende & Rache, para, em 1926, organizar a firma Carneiro de Resende & Cia. a qual chefiava, dando-lhe projeção.

Foi presidente da Federação das Industrias de Minas Gerais de 1934 a 1940 e do Rotari Clube. Era presidente dos Sindicatos da Industria da Construção Civil e da Industria de Serralheria de Belo Horizonte. Dirigia, tambem, a Sociedade Cooperati a de Seguros de Acidentes do Trabalho da Federação das Industrias desde a sua fundação em abril de 1938, organisação por ele idealizada.

Casou-se a 2 de junho de 1920 com d. Jujú de Resende Costa, filha do falecido desembargador JoãoEmilio de Resende Costa e de dona Urbana de Resende Costa, residente nesta capital. De seu casamento deixa os seguintes filhos: Silvio Carneiro de Resende, que cursa o ultimo ano da Escola Politécnica do Rio de Janeiro; senhorita Nilza Carneiro de Resende; Aloisio Carneiro de Resende, que acaba de terminar o curso secundário no Ginásio Santo Inácio de Loiola, no Rio; e a senhorita Ligia Carneiro de Resende.

A REVISTA DA SEMANA, associando-se a todas as homenagens póstumas que a familia do ilustre desaparecido e a sociedade mineira lhe prestaram, estampa nesta página uma fotografia do Dr. Alvimar Carneiro de Resende e um aspecto da missa mandada celebrar pela filial da firma Carneiro de Resende & Cia., no Rio.



Um aspecto da missa mandada celebrar pela firma Carneiro de Rezende & Cia., no Rio.

ATELIER
Mirga
CREME DENTAL
DENTAL
CREME DENTAL
CREME
ECIA
Ecia